

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

JULIA SOUZA OLIVEIRA

***A COLUMNNA* E O SIONISMO NO RIO DE JANEIRO EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO
XX: REFLEXÕES ACERCA DE UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO**

FRANCA

2019

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

JULIA SOUZA OLIVEIRA

**A *COLUMNA* E O SIONISMO NO RIO DE JANEIRO EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO
XX: REFLEXÕES ACERCA DE UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Virginia Célia Camilotti.

FRANCA

2019

O48c

Oliveira, Julia Souza

A Columna e o sionismo no Rio de Janeiro em princípios do século XX : reflexões acerca de uma identidade em construção / Julia Souza Oliveira. -- Franca, 2019

109 f. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Virginia Célia Camilotti

1. Rio de Janeiro. 2. Imprensa judaica. 3. Sionismo. I. Título.

**A COLUMNNA E O SIONISMO NO RIO DE JANEIRO EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO
XX: REFLEXÕES ACERCA DE UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Virginia Célia Camilotti.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____

Profa. Dra. Virginia Célia Camilotti

1º EXAMINADOR: _____

Profa. Dra. Karina Anhezini de Araujo

2º EXAMINADOR: _____

Profa. Dra. Beatriz Kusnir

Franca, 22 de outubro de 2019.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Virginia Célia Camilotti, pela paciência, dedicação, compreensão e orientação despendidas ao longo dessa pesquisa.

À Profa. Dra. Karina Anhezini de Araújo e à Profa. Dra. Márcia Regina Capelari Naxara pelas sugestões e apontamentos feitos no Exame Geral de Qualificação.

Ao Centro de Documentação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em especial ao Prof. Dr. Luís Edmundo de Souza Moraes, ao Arquivo Histórico Judaico Brasileiro e à Profa. Dra. Fania Fridman pela disponibilização de documentos fundamentais à execução desse trabalho.

Aos meus amigos e familiares, pelo incentivo e companheirismo durante esse trajeto.

Aos colegas que integram o grupo de pesquisa *Historiar – narrativas identitárias, conceitos e linguagens*.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, sem o qual não teria sido possível.

OLIVEIRA, Julia Souza. **A Columna e o sionismo no Rio de Janeiro em princípios do século XX – reflexões acerca de uma identidade em construção.** 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, 2019.

Resumo: O Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1918 viveu uma intensificação do fluxo migratório interno e externo, judeus das mais variadas origens chegaram e se instalaram na cidade iniciando o processo de organização deste núcleo imigrante. Em meio a um cenário de disputas em torno de projetos que fossem capazes de unificar as diferentes tendências existentes entre os imigrantes judeus, surgiu *A Columna*, primeiro periódico judaico/sionista publicado em português no Brasil. Idealizada por David José Perez e Alvaro de Castilho, *A Columna* foi editada entre janeiro de 1916 e dezembro 1917 em formato de revista mensal. Mais do que um divulgador de notícias, esse impresso propunha ser um propagador de ideais. Partindo da premissa de que a *A Columna* foi uma das responsáveis pela divulgação do sionismo no Rio de Janeiro, o objetivo desta pesquisa consiste em determinar e compreender quais foram os mecanismos utilizados por esse periódico para difundir as ideias ligadas ao nacionalismo judaico e entender quais foram as estratégias empregadas para sua inserção na comunidade judaica desta cidade e até que ponto isso pode ter contribuído para a formação de uma nova identidade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro. Imprensa judaica. Sionismo.

OLIVEIRA, Julia Souza. **A Columna and Zionism in Rio de Janeiro in the early twentieth century - reflections on an identity under construction.** 2019. 108 p. Master's Thesis (History and Social Culture) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, 2019.

Abstract: Rio de Janeiro between 1901 and 1918 experienced an intensification of the internal and external migratory flow, Jews of various origins arrived and settled in the city starting the process of organization of this immigrant nucleus. Amid a backdrop of disputes over projects that could unify the different trends among Jewish immigrants, *A Columna*, the first Jewish / Zionist journal published in Portuguese in Brazil, emerged. Created by David José Perez and Alvaro de Castilho, *A Columna* was edited between January 1916 and December 1917 in a monthly magazine format. More than a news spreader, this print was intended to be a spreader of ideals. Assuming that *A Columna* was responsible for spreading Zionism in Rio de Janeiro, the objective of this research is to determine and understand the mechanisms used by this journal to spread the ideas related to Jewish nationalism and to understand which were the strategies employed for their insertion in the Jewish community of this city and to what extent this may have contributed to the formation of a new identity.

Keywords: Rio de Janeiro. Jewish press. Zionism.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1.....	30
Figura 2.....	31
Figura 3.....	33
Figura 4.....	43
Figura 5.....	52
Figura 6.....	54
Figura 7.....	61
Figura 8.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	40
Quadro 2	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	23
----------------	----

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABFRI – Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita

AHJB – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

CEJ – Centro de Estudos Judaicos

JCA – Jewish Colonization Association

OSM – Organização Sionista Mundial

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – <i>Uno e diverso</i>	20
1.1 Da dispersão ao encontro.....	21
1.2 A Praça Onze como destino.....	28
1.3 Núcleos fragmentados.....	37
CAPÍTULO II – <i>Ideias impressas</i>	46
2.1 Os começos de um projeto.....	47
2.2 Uma imagem em construção.....	56
2.3 Um projeto de comunidade.....	65
CAPÍTULO III – <i>Sionismo na revista</i>	75
3.1 O despertar.....	77
3.2 Um entre muitos.....	86
3.3 Na fronteira.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	104

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto privilegiado um dos primeiros periódicos judaicos publicados no Brasil e, efetivamente, o primeiro do Rio de Janeiro, o primeiro em língua portuguesa e o primeiro sionista. Para além de ser uma divulgadora de notícias, *A Columna* se propôs a ser uma difusora de ideais e o centro da articulação do núcleo judaico no Rio de Janeiro. Diante dessa singularidade, nos propusemos a compreender as particularidades desse periódico e sua relação com os imigrantes judeus, com o movimento sionista e com a sociedade brasileira, tendo em vista responder à indagação: qual teria sido o papel d'*A Columna* e do sionismo na constituição de uma identidade comunitária entre os judeus radicados no Rio de Janeiro em princípios do século XX.

Foram publicados vinte e quatro números d'*A Columna* entre janeiro de 1916 e dezembro de 1917. Idealizada por David José Perez e Alvaro de Castilho, a revista se configura um registro da complexidade e da excepcionalidade do núcleo imigrante composto pelos judeus e, mais que isso, de seus dilemas e ambiguidades. Entretanto, para que fosse possível localizar e compreender os elementos e as disputas presentes neste periódico foi necessário percorrer uma vasta e variada historiografia.

Obras sobre temas judaicos são produzidas no Brasil desde o início do século XX, majoritariamente por intelectuais e estudiosos judeus. Os trabalhos acadêmicos, no entanto, só começaram a surgir na década de 1960, sobretudo após a criação do Centro de Estudos Judaicos (CEJ)¹ da USP no ano de 1969, ganhando impulso maior em 1976 quando da inauguração do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB)² com sede na cidade de São Paulo. Importante ressaltar também que a expansão dos estudos judaicos e, conseqüentemente, a ampliação do número de pesquisa na área está diretamente relacionada à criação e ampliação de arquivos e centros de memória, como são os casos do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, fundado em 1992, do Instituto Histórico Israelita Mineiro, criado em 1984, entre outros. Para além disso, a criação dos cursos de pós-graduação em Estudos Judaicos também tem contribuído de maneira significativa na ampliação de pesquisas em diversas áreas, tais como: história,

¹ Instituído pelo executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo e por uma comissão de professores da USP, como centro complementar do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tem como objetivo a divulgação da cultura e da ética judaica no meio acadêmico e na sociedade.
² Criado a partir da iniciativa de alunos e professores da Universidade de São Paulo, preocupados em reunir e preservar documentos relativos à imigração judaica no Brasil.

antropologia, sociologia, linguística e teoria literária; constituindo assim um campo de investigação multidisciplinar.

Havendo poucos trabalhos que versem especificamente sobre a imprensa judaica no Brasil, sobretudo que abordem os periódicos publicados em língua portuguesa a bibliografia selecionada para essa pesquisa foi utilizada, principalmente, para compreender o processo migratório que trouxe esses indivíduos ao Brasil, a atuação deles junto a sociedade carioca e os primeiros passos na constituição de uma vida comunitária organizada. Embora as obras escolhidas como apoio não tenham nos fornecido ferramentas para lidar diretamente com a fonte, nos possibilitou, por outro lado, compreender o que estava em jogo, em que momento e em resposta a que *A Columna* surge. Além disso, tornou visível a existência de uma diversidade tão intensa que precisava ser dissipada para que fosse possível o engendramento de uma unidade, sendo esta, segundo a revista, necessária para a formação de uma comunidade organizada.

A partir da leitura de obras consagradas, mas também de uma historiografia mais recente, foi possível perceber um movimento de alteração de perspectiva e foco nessa produção, o que, até certo ponto, reforçou algumas hipóteses levantadas ao longo dessa pesquisa. Transitar por essa historiografia nos possibilitou mapear, ao menos, três momentos³

O primeiro deles é formado por estudos publicados, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980 e que possuem como uma de suas características mais marcantes o trabalho denso de localização, coleta e compilação de fontes que versam sobre a presença de judeus no Brasil. Egon e Frieda Wolff são, com certeza, um dos grandes expoentes; entre os mais de vinte livros publicados pelo casal sobre uma vasta e diversificada documentação as obras *Judeus nos primórdios do Brasil república* (1981), *Participações e contribuições de judeus ao desenvolvimento do Brasil* (1985) e *Guia histórico-sentimental judaico carioca* (1987) nos auxiliou na descoberta e localização de informações acerca dos primeiros judeus radicados no Rio de Janeiro, dos primeiros salões em que eram realizadas as cerimônias religiosas, das primeiras instituições filantrópicas, enfim, sobre os primeiros passos daquela que viria a ser uma das mais importantes comunidades judaicas no Brasil.

O segundo momento é composto por trabalhos publicados, principalmente, na década de 1990 e início dos anos 2000. É muito característico dessa produção a delimitação de um amplo

³ Fruto da leitura e de observações feitas durante o transcorrer da pesquisa, a divisão apresentada aqui não tem o objetivo de estabelecer uma classificação rígida ou de criar blocos classificatórios, mas é simplesmente uma maneira de explicar e tornar visível as mudanças ocorridas dentro da historiografia acerca da presença judaica no Brasil. Os autores e as obras citadas em cada uma das três fases são apenas uma amostra do que estava sendo produzido em um determinado momento.

recorte temporal tendo em vista compreender o processo de imigração iniciado ainda no século XIX e que se desenrolou ao longo do século XX, quando da formação dos primeiros núcleos judeus no país. Entre os autores que produziram textos que ainda hoje são referência estão Henrique Veltman com os livros *a História dos judeus em São Paulo* (1996) e *a História dos judeus no Rio de Janeiro* (1998) que, embora apresente um caráter ensaístico, são textos que abordam de maneira muito clara e sucinta a formação dessas duas comunidades judaicas. Roberto Grün, no texto *Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil*, que integra a coletânea organizada por Boris Fausto *Fazer a América* (1999), versa sobre o complexo processo migratório que trouxe ao Brasil milhares de judeus e as dificuldades enfrentadas por eles. Nachman Falbel, que talvez seja um dos autores mais conhecidos devido à grande quantidade e variedade de textos publicados sobre a história dos judeus no país, a exemplo de *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil* (1984), *Jacob Nachbin: os primórdios da historiografia judaica no Brasil* (1985) e *Judeus no Brasil: estudos e Notas* (2008), nessas obras o autor explora significativamente a produção sobre o judaísmo no país enfatizando sempre que os estudos judaicos no Brasil ainda dão seus passos iniciais, seja devido ao número reduzido de pesquisadores que se interessam pela área ou pela escassez e dificuldade de acesso às fontes. O que é interessante notar nesses trabalhos, no entanto, é o caráter homogeneizador atribuído ao termo “judeu”, passível de constatação nos próprios títulos das obras, parecendo não haver preocupação em considerar e abordar as particularidades e diversidade existente por trás do termo.

Importante pontuar que entre os anos 1980 e 1990 houve um “boom” na tradução e publicação de livros de memória de imigrantes judeus que chegaram ao país nos primeiros anos do século XX e que deixaram registrado suas vivências e experiências. Temos como exemplo as obras de Samuel Malamud - *Do arquivo e da memória: fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro* (1980) e *Documentário: contribuições à memória da comunidade judaica brasileira* (1992). Embora Malamud tenha chegado ao Rio de Janeiro em 1923, deixou registrado em suas memórias as experiências daqueles primeiros imigrantes com os quais teve contato quando da sua chegada à então Capital Federal, em especial seu cotidiano e o surgimento do movimento sionista no Brasil.

Outro nome a ser considerado é Saádio Lozinsky que escreveu *Memórias da imigração - reminiscências e reflexões* (1997). Lozinsky desembarcou na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1914 e suas memórias enfatizam as dificuldades enfrentadas pelo imigrante recém-chegado. Tanto o livro de Malamud quanto o de Lozinsky registram o pouco contato entre os próprios

imigrantes judeus; num e noutro são raríssimas as citações feitas a judeus sefaraditas ou orientais, reforçando, assim, a premissa de que os judeus radicados no Rio de Janeiro estavam poucos organizados e, mais do que isso, que viviam em pequenos grupos isolados uns dos outros.

O terceiro conjunto mapeado por nós é composto pela produção contemporânea, numerosa e marcada por uma grande diversidade de temas e abordagens, mas que, de modo geral, apresenta um traço em comum: busca enfatizar o caráter heterogêneo da comunidade judaica radicada no Brasil, dando ênfase à particularidade e singularidade de cada grupo, tendo como objetivo últimos desconstruir a imagens estereotipadas acerca do que seria o judeu. Rachel Mizrahi com o livro *Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro* (2003), Fania Fridman, autora do *Paisagens estrangeiras: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro* (2007) e Maria Lucia Tucci Carneiro com *Mosaico de Nacionalidades* (2013), são alguns nomes dentre a vasta lista de historiadores e estudiosos que têm se dedicado a pensar a presença judaica no Brasil, destacando a complexidade das relações e tensões socioculturais intracomunitárias, assim, trazendo à luz as vivências e histórias dos judeus poloneses, russos, alemães, húngaros, franceses e marroquinos e suas maneiras particulares de sociabilidade, interação e integração com a sociedade brasileira.

Também se encontra nesse último conjunto parte significativa dos estudos preocupados em compreender a identidade judaica e que colocam em questionamento, sobretudo, o termo “judeu” e o que estaria imbricado nele ou não. Além disso, há a preocupação em trazer à luz as múltiplas faces que compõem ou que podem compor uma identidade judaica. Nesta direção encontra-se Anita Brumer, com *Entre a comunidade e a sociedade: as múltiplas afiliações identitárias dos jovens judeus brasileiros* (2007), Bernardo Sorj, com *Sociabilidade brasileira e identidade judaica* (2001) e Monica Grin e Michel Gherman, com o livro *Identidades ambivalentes: desafios aos estudos judaicos no Brasil* (2016). Guardadas suas particularidades, cada um dos autores citados nos auxiliou a identificar e visualizar com mais clareza os dilemas, disputas e negociações nas quais, de algum modo, *A Columna* esteve ligada, nos possibilitando, compreender melhor alguns dos posicionamentos assumidos pela revista.

Ao percorrer a historiografia que versa sobre a presença dos judeus no Brasil, para além de captar um movimento de mudança dessa produção, foi também possível detectar ausências e nichos a serem exploradas, tais como a história da imprensa judaica no país, que possui alguns poucos trabalhos, sendo a maior parte deles referente aos periódicos em iídiche. Deles destaco aqui o trabalho de Esther Wajskop Tersiman, *Imprensa ídiche em São Paulo: vivências e*

dinamismo – *A Gazeta Israelita de São Paulo* (1997) e de Lucia Chermont, que, em 2017, publicou o verbete *Imprensa em língua iídiche* e que, atualmente, desenvolve pesquisa sobre a revista *Aonde Vamos?* Há, é claro, textos e obras que abordam a imprensa judaica de maneira ampla, ou seja, sem analisar a fundo os periódicos citados. É o caso dos textos *A imprensa iídiche como fonte para o estudo da história dos judeus no Brasil* (2008) e *Os sefaraditas e o início da imprensa judaica no Brasil* (1997), ambos de Nachman Falbel. Fato é que, embora, o número de revistas e jornais judaicos publicados no Brasil ao longo do século XX seja significativo ainda são poucas as pesquisas que se debruçam sobre essas fontes.

O sionismo no Brasil é também um dos temas que ainda carecem de pesquisa. Encontramos no país, até com certa facilidade, traduções de obras que abordam o surgimento do movimento sionista na Europa, suas mudanças e disputas, tais como: *A invenção do povo judeu: da bíblia ao sionismo* (2011) de Shlomo Sand, *As origens do Sionismo* (1975) de David Vital, entre outros. Poucos são, no entanto, os pesquisadores brasileiros que têm desenvolvido pesquisas de fôlego sobre o movimento sionista no Brasil. Destaco aqui dois autores que têm trabalhos de grande relevância sobre o tema: Carlos Eduardo Bartel e Michel Gherman que publicaram respectivamente os livros *O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira* (2015) e *O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história* (2018). Guardadas suas particularidades, ambos os autores buscam compreender como se desenvolveu o sionismo no país, suas singularidades e sua relação com o sionismo internacional. No entanto, embora se propõem a falar do sionismo em todo o Brasil, acabam dando maior ênfase no eixo Rio-São Paulo, o que é até natural vide que se tratar dos dois maiores núcleos judaicos no país.

Contudo, alguns trabalhos têm procurado abordar o sionismo em outras localidades. É o caso de *O sionismo em Pelotas* (2011), escrito por Lorena Gill; do texto apresentado por Richard M. Orciuch na ANPUH/PR em 2004, intitulado *Os movimentos femininos judaicos sionistas em Curitiba*; e o texto de Abel de Castro *A influência da ideologia sionista na comunidade do Recife* (2011). Ainda que estes trabalhos tenham contribuído para uma maior compreensão sobre o desenrolar do movimento sionista pelo Brasil, ainda sabemos muito pouco. Não há, por exemplo, trabalhos que se debrucem especificamente sobre as organizações e instituições sionistas existentes no Brasil – não sabemos quase nada sobre a *Tiferet Sion* (RJ), a *Shalom Sion* (PR), a *Ahavat Sion* (PA), *Ahavat Sion* (SP), a Associação Max Nordau (BA), o Centro Sionista *Agudat Ahim e Gueula* (AL) e a Sionista Herzlia (PE), apenas para citar algumas. Tão pouco conhecemos efetivamente alguns dos líderes mais atuantes dentro do movimento sionista no país – Jacob Schneider, David José Perez, Júlio Lener, Maurício Klabin,

Júlio Stolzenberg, Major Eliezer, Yehuda Wilesnsky, Samuel Spiguel, entre tantos outros; em muitos casos conhecemos somente seus nomes. Limitado também é nosso conhecimento acerca da imprensa sionista – como exemplo: o *Kol Israel* (1918-PA), o *Correio Israelita* (1921RJ) e *Dos Naie Wort* (1927-RS) - e do sionismo na imprensa brasileira; com a exceção de uma ou outra comunicação apresentada em evento acadêmico, raríssimos são os trabalhos que abordam o assunto.

Diante do exposto até aqui, é possível constatar que a pesquisa que desenvolvemos situa-se na intersecção de duas temáticas importantíssimas dentro dos estudos judaicos - a imprensa judaica e o sionismo no Brasil, que são, ainda hoje, temas pouco explorados. Para além disso, se há uma historiografia que tem se dedicado a desconstruir a ideia de homogeneidade contida no termo “judeu” é porque, em algum momento, houve a proeminência de um discurso unificador, produzido, ao que nos parece, pelos próprios imigrantes quando da formação da vida comunitária e, nesse sentido, *A Columna*, como primeiro periódico judaico/sionista em português do Rio de Janeiro, apresenta-se como ponta de lança e porta-voz de um movimento que tinha como objetivo unificar as diferentes tendências existentes dentro do núcleo judaico da então Capital Federal.

Desta forma, a investigação aqui empreendida inscreveu-se num movimento oposto ao da maior parte da historiografia contemporânea, dado que essa está preocupada em desconstruir o discurso homogeneizador acerca do elemento judeu presente na sociedade brasileira. De modo diverso, este trabalho objetivou entender como e por quais meios esse discurso homogeneizador foi construído, e qual teria sido o papel d’*A Columna* e do sionismo na constituição, e como se articularam e negociaram com a grande diversidade do próprio elemento judeu, em proveito da constituição dessa homogeneidade.

Isto posto, cabe ainda dizer que a presente pesquisa resultou em uma dissertação composta por três capítulos em que buscamos apresentar as respostas à indagação que norteou mais de dois anos de trabalho: qual teria sido o papel d’*A Columna* e do sionismo na constituição de uma identidade comunitária entre os judeus radicados no Rio de Janeiro em princípios do século XX?

No capítulo 1, intitulado *Uno e diverso*, abordamos de maneira sucinta o processo migratório que trouxe os judeus ao Rio de Janeiro em princípios do século XX, a forma como se organizaram, o bairro em que a maioria residia, suas ocupações profissionais e suas instituições religiosas, filantrópicas e culturais. Objetivamos nesse primeiro capítulo evidenciar a diversidade existente dentro do núcleo judaico, radicado na então Capital Federal e salientar

a falta de comunicação, o pouco contato entre os próprios imigrantes e uma organização ditada pela proveniência. Aprender esses elementos e como esse núcleo estava configurado foi de fundamental importância para compreendermos o surgimento d'*A Columna*, sobretudo, para entender seu programa e sua atuação. Para dimensionar melhor o discurso unificador da revista foi necessário, antes, entender por que esse discurso se fez necessário.

Uma vez compreendida a diversidade e a fragmentação existente entre os imigrantes judeus, buscamos abordar no capítulo 2, intitulado *Ideias impressas*, as características singulares desse periódico, tanto as de caráter formal – formato, periodicidade, circulação, corpo editorial, colaboradores e representantes de venda, quanto as ligadas ao seu programa e suas áreas de atuação. Para além de apresentarmos o periódico, seus criadores e editores, objetivamos explorar dois aspectos do programa da revista que revelam de que forma se deu a relação d'*A Columna* com a sociedade brasileira e com o núcleo imigrante: 1) sua postura autodeclarada de representante e defensora dos judeus no Brasil; 2) seu papel de proponente e articuladora da futura comunidade judaica.

No capítulo 3, *Sionismo na revista*, buscamos evidenciar o caráter particular do discurso sionista impresso nas páginas d'*A Columna*, que, mesmo guardando proximidades com o sionismo internacional, sobretudo o europeu, não pode ser inserido em nenhum dos dois grandes blocos existentes – o sionismo político e o sionismo prático. Isso se deve, em grande parte, à figura nuclear que gera e coordena a revista, David José Perez.

Ao fim, os projetos e propostas d'*A Columna*, talvez, não tenham sido tão efetivos quanto seus idealizadores esperavam, mas é inegável o papel de proponente que a revista exerceu em um momento em que o núcleo judaico se encontrava desarticulado. Manifesto também é o fato da revista ser ponta de lança ao abordar certas temáticas e ao propor caminhos para resolver disputas e questões inerentes ao meio do qual fazia parte e era fruto. Foi por seu caráter único e pelo lugar que ocupou dentro da história da imprensa judaica e do movimento sionista no Brasil que *A Columna* se constituiu o objeto central desse estudo.

CAPÍTULO I – *Uno e diverso*

O Brasil não se revela apenas como ponto de chegada mais ou menos promissor para grupos perseguidos pela miséria e pelo preconceito [...]. É mais do que isso. É um lugar de espanto, encantamento e surpresa, lugar de encruzilhada de diásporas contingentes, lugar de ambivalência e da mistura.⁴

As atuais comunidades judaicas espalhadas pelo Brasil são fruto de um processo migratório longo de grupos provenientes dos mais variados locais; a formação de uma vida comunitária organizada significou a comunhão de segmentos diversos que viveram separados por milênios. Embora o termo “judeu” possa indicar certa homogeneidade, os núcleos judaicos existentes no país, desde seu início, foram marcados pela diversidade; unidos por um passado histórico, mas separados por suas proveniências, idiomas, costumes, hábitos e tradições.

Ainda que a presença de imigrantes judeus em terras brasileiras possa ser localizada já em meados do século XIX e que essa imigração tenha se intensificado significativamente no século seguinte com a vinda de milhares de judeus ao país, pouco ou quase nada é dito sobre ela; “a presença dos judeus no Brasil não é, em geral, encontrada na historiografia brasileira. Nos livros escolares, nos compêndios universitários, não encontramos vestígios desta presença.”⁵

Diante disso, e, antes de mais nada, devemos esclarecer que a história moderna⁶ da presença judaica no Brasil rompe-se com a Abertura dos Portos às Nações Amigas no ano de 1808. A partir de então, judeus marroquinos passaram a fixar-se na região amazônica e judeus de fala francesa oriundos, sobretudo, da Alsácia-Lorena, dirigiram-se ao centro-sul do país. Mas o grande fluxo de judeus ao Brasil deu-se entre o final do século XIX e o começo do XX, quando milhões deixaram o Império Czarista e vieram para as Américas. Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil foram os destinos escolhidos. A existência de projetos de colonização, assim como a atuação de entidades filantrópicas, contribuiu para a vinda desses imigrantes. Gente pobre e simples, que, fugindo das perseguições e dos *progroms*⁷, procuravam sustento em profissões artesanais e no pequeno comércio.

⁴ GRIN, Monica; VIEIRA, Nelson. Introdução. In.: GRIN, Monica; VIEIRA, Nelson (Org.) **A experiência judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. p.10.

⁵ BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In.: SORJ, Bila (Org.). **Identidade judaica no Brasil contemporâneo**. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

⁶ Termo utilizado pela primeira vez por Nacham Falbel a fim de separar a história dos judeus que imigraram para o Brasil, a partir do século XIX, da história da presença de elementos judaicos, durante o período colonial - os chamados criptojudéus ou cristãos-novos.

⁷ Ações empreendidas pelo Czar russo que culminou na perseguição, prisão e assassinato de milhares de judeus.

O processo migratório que trouxe às terras brasileiras milhares de judeus deve ser entendido como um movimento dinâmico decorrido entre os séculos XIX e XX e que colocou em convívio grupos, culturas e modos de ser e agir que estiveram separados por longos períodos. A diversidade e complexidade tão característica das comunidades judaicas radicadas no Brasil é o que a torna tão singular e interessante.

As páginas que virão a seguir tratarão brevemente do panorama da imigração judaica para o Brasil, considerando os locais de origem, os motivos de emigração e a escolha do país como destino; para, em seguida, explanar sobre o processo de formação do núcleo judaico no Rio de Janeiro e sobre as condições que proporcionaram o surgimento do primeiro periódico judaico na cidade, *A Columna*. Assim, é objetivo deste primeiro capítulo estabelecer as características gerais dos judeus radicados na então Capital Federal nos primeiros anos do século XX, tais como, local de origem, motivo da migração, idioma falado, filiação religiosa e política, tendo em vista responder às questões: Quais eram as principais características desse núcleo imigrante? Quais eram suas carências? E até que ponto os campos de atuação d'*A Columna* refletem as necessidades desse núcleo imigrante?

1.1 Da dispersão ao encontro

O ano de 1808 é emblemático na história no Brasil, não só pela chegada da família real portuguesa e de sua corte ao Rio de Janeiro, mas, sobretudo, pela série de mudanças decorrentes deste fato. Entre elas, nos interessa, aqui, as medidas relacionadas à política de imigração e as posições tomadas em relação a outras religiões para além do catolicismo. A Constituição Imperial, promulgada em 1824, é um dos fatores mais importantes para a imigração judaica ao Brasil, já que instituiu oficialmente a tolerância religiosa, a “religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras serão permitidas com o culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem aparência exterior de templo.”⁸ A Carta Magna também garantiu o *status* de cidadão a esses imigrantes ao estipular no parágrafo 5º que os “estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua Religião deveriam ser considerados como cidadãos.”⁹ Ainda que com algumas limitações, as condições básicas para a imigração judaica estavam estabelecidas. Outros fatores também devem ser considerados para entendermos o processo de imigração judaica ao Brasil, tais como: a demanda de mão-de-obra

⁸ Artigo 5º da **Constituição Política do Império do Brasil**, 25 de março de 1824. Disponível em Presidência da República. Casa Civil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

⁹ *Ibidem*.

estrangeira para trabalhar na área rural e a política de branqueamento da população que facilitou, e muito, a entrada de grandes contingentes de imigrantes no Brasil, principalmente de europeus.

Em termos de estatística oficial, é muito difícil determinar com precisão quantos judeus vieram ao Brasil, pois ao darem entrada nos portos era registrado o país de origem e não a fé professada. No entanto, é possível distinguir dois principais fluxos¹⁰: 1) Ao longo do século XIX com a imigração de caráter espontâneo e individual, majoritariamente de homens jovens. É neste momento que judeus *sefaraditas*¹¹ provenientes do norte da África, sobretudo do Marrocos, atraídos pela exploração da borracha e do cacau, fixaram-se na região amazônica, e judeus provenientes da França, Inglaterra, Dinamarca, Portugal e Alemanha, que se dirigiram para as regiões norte e centro-sul do país; 2) Além da imigração espontânea, no início do século XX iniciou-se a imigração sistêmica sob a organização da *Jewish Colonization Association*¹² (JCA) que trouxe ao Brasil judeus *asquenazitas*¹³ e orientais provenientes da Rússia, Polônia, Romênia e Lituânia.

Período \ País	Estados Unidos	Canadá	Argentina	Uruguai	Brasil	Imigração para o Brasil em relação à imigração judaica mundial (%)
1901-1914	1 346 400	95 300	87 614	—	8 750	0,5
1915-1920	76 450	10 450	3 503	1 000	2 000	2,2
1921-1925	280 283	14 400	39 713	3 000	7 139	1,7
1926-1930	54 998	15 300	33 721	6 370	22 296	12,9
1931-1935	17 986	4 200	12 700	3 280	13 975	5,5
1936-1939	79 819	900	14 789	7 677	10 600	3,6
1901-1939	1 855 936	140 550	192 040	21 327	63 860	

Obs.: Essa tabela não inclui a imigração intra-européia e para destinos menos frequentes, daí a discrepância dos percentuais com os totais.

Tabela 1: Fonte: GRÜN, Roberto. Apud J. Lesser, **Welcoming the undersirables: Brazil and the Jewish question**. University of California Press, 1995. p.185

¹⁰ Autores como Nachman Falbel, Eva Blay e Maria Tucci Carneiro propuseram cronologias e esquemas para a imigração judaica a partir da chegada de grupos específicos. Embora de grande valia para compreender essa imigração, optamos pelo modelo que parte da modalidade de imigração – espontânea/ organizada, uma vez que se adequa melhor ao recorte e à perspectiva de investigação aqui assumida.

¹¹ Termo utilizado para se referir aos descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha, falantes do Ladino ou do Judeu-espanhol.

¹² Fundada pelo Barão Maurice de Hirsch em 1891, tinha como propósito facilitar a emigração em massa de judeus da Rússia e de outros países do leste europeu, assentando-os em colônias agrícolas no continente americano.

¹³ Designação para se referir aos judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental, falantes do iídiche.

A partir da coleta de dados nos principais órgãos de emigração da Europa, Jeffrey Lesser apresenta uma estimativa do número de judeus que deixaram o continente europeu rumo às Américas. Entre os anos de 1901 e 1939 mais de sessenta e três mil judeus teriam chegado ao Brasil. Dentre estes é possível constatar que entre os anos de 1901 e 1918 estavam no país algo em torno de dez mil judeus. Aos dados apresentados por Lesser ainda teríamos que acrescentar as informações referentes ao “fluxo de judeus entre o Brasil e os países do Cone Sul, que parece ter sido importante no início da imigração moderna [...]”,¹⁴ sobretudo no tocante à movimentação de imigrantes entre Argentina e Brasil. No entanto, tal estudo ainda está em vias de ser realizado, sabe-se apenas que um número significativo de imigrantes judeus que residiam na Argentina vieram ao Brasil no início do século XX, principalmente para os grandes centros, Rio de Janeiro e São Paulo.

“Inúmeras foram as razões que levaram os judeus a buscarem refúgio nas Américas: antissemitismo cada vez mais latente na Europa, a fuga do serviço militar, a pobreza ou a esperança de fazerem fortuna rápida.”¹⁵ As crises decorrentes do fim do Império Czarista, da Guerra Franco-Prussiana, da Revolução Bolchevique e da desintegração do Império Austro-Húngaro também figuram entre os motivos para emigrar.

A vinda de judeus do norte da África ao Brasil iniciou-se na primeira metade do século XIX. Emigrando do Marrocos francês, árabe, espanhol e da cidade livre do Tanger, os judeus fugiam da crise financeira e da perseguição empreendida por alguns sultões.¹⁶ Manaus e Belém do Pará estavam entre as cidades de destinos desses imigrantes. O ciclo do cacau, das especiarias e da borracha serviram de atrativo.

Recém-chegados, alojavam-se em pequenas hospedarias, e no dia-a-dia, conheciam os costumes regionais coexistindo com o cotidiano do beira-rio. Profissionalmente, ligavam-se às casas aviadoras de propriedade de alemães, portugueses e franceses, que dominavam o setor de comércio daquela região. Ali trabalhavam com a venda e compra de mercadorias tendo as gaiolas ou os regatões (barco a vapor) como meio de transporte diário. Prestavam-se como intermediários entre as casas aviadoras e os seringalistas vendendo a crédito e comprando a borracha às margens dos igarapés.¹⁷

¹⁴ GRÜN, Roberto. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In.: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América – A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 355.

¹⁵ CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. Série Brasil Judaico v.2. p.43.

¹⁶ BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In.: SORJ, Bila (Org.). **Identidade judaica no Brasil contemporâneo**. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. p.25-53.

¹⁷ CARNEIRO, Maria L. Tucci. Op. Cit. p. 119.

Assim, procuraram adaptar-se à nova realidade, mas buscando sempre preservar a religião, a língua (*hakitia*)¹⁸ e seus costumes. Os judeus marroquinos foram os responsáveis pela inauguração da primeira sinagoga no Brasil Império – “Eshel Abraham”, em Belém do Pará (1824), e do primeiro cemitério israelita em 1842, na mesma cidade. Com o declínio da extração da borracha, parte significativa desses imigrantes dirigiu-se para outras províncias; poucas foram as famílias que permaneceram, mas, ainda hoje, é possível localizar os descendentes desses primeiros imigrantes judeus que vieram do Marrocos para o Brasil em princípios do século XIX.

Na esteira do processo imigratório, a vinda de judeus franceses para ao Brasil se desenrolou ao longo do século XIX, desencadeada pelas mudanças ocorridas durante o regime de Napoleão III e pela pesada política financeira que recaía sobre os judeus.¹⁹

Outro acontecimento a ser considerado como mobilizador dos franceses em direção às terras das Américas é a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) que culminou com a invasão da França por Bismark e a perda das regiões da Alsácia e Lorena, então anexadas pela Alemanha.²⁰

Tendo seus direitos suprimidos, os judeus tornaram-se alvos de perseguições e humilhações. Diante de situações que colocavam seu bem-estar em risco, os judeus franceses, sobretudo os alsacianos, optaram pela emigração como forma de preservar seus costumes e cultura. Fania Fridman localizou a presença desses imigrantes nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Manaus e Cameté onde atuavam no “comércio de importação de mercadorias francesas (relógios, utensílios domésticos, instrumentos dentários, além de ladrilhos e vidros).”²¹

No caso dos judeus russos, o principal motivo da emigração foi a violência. Iniciada na segunda metade do século XIX, a imigração de judeus russos para o Brasil prosseguiu até as primeiras décadas do século XX. Se inicialmente esses imigrantes fugiam do recrutamento policial, do alistamento militar de crianças e das ações do Czar que acarretavam a expulsão dos judeus das fronteiras, a partir de 1881, com a implementação dos *pogroms*, os judeus que viviam no Império Czarista passaram por um verdadeiro momento de terror.

¹⁸ Dialeto derivado da junção do Ladino (judeu-espanhol) com o árabe-marroquino.

¹⁹ FRIDMAN, Fania. Judeus franceses no Rio de Janeiro do século XIX. In.: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Org.). **Franceses no Brasil, séculos XIX e XX**. São Paulo: UNESP, 2009, p.175-190.

²⁰ CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. Série Brasil Judaico v.2. p.49.

²¹ *Ibidem*. p.116.

A repetição dos *pogroms* em 1903 e 1905 se prestaram para envolver os judeus nos movimentos revolucionários, além de condicioná-los a emigrar. O antissemitismo foi reavivado na Rússia czarista com a publicação da obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sion*, [...], prestando-se para instigar o antissemitismo e ataques violentos contra os judeus.²²

Estima-se que cerca de 2.7 milhões de russos tenham emigrado para América entre os anos de 1870 e 1910, destes, 54.593 vieram ao Brasil. Os judeus representariam algo entorno de dois por cento deste total. Partiram dos territórios que hoje correspondem à Polônia, Lituânia e Ucrânia, fixaram-se, principalmente, no centro-sul.²³ Se durante o século XIX os judeus russos vieram por iniciativa própria, sem qualquer tipo de apoio, a partir de 1902, com a compra de uma propriedade no Rio Grande do Sul pela *Jewish Colonization Association* (ICA), passaram a emigrar em grupo, dando início à imigração sistêmica e organizada de judeus ao Brasil. Quarenta famílias recrutadas na Bessarábia²⁴ foram instaladas em fazendas de vinte e cinco hectares cada. Tendo obtido sucesso nessa primeira empreitada, a colônia agrícola *Philippson* foi implementada e recebeu mais sessenta famílias.

Em 1910, a ICA adquiriu mais de 93.800 hectares na região de Passo Fundo, incluindo 50 mil de floresta e que denominou-se *Quatro Irmãos*, atraindo inicialmente 90 famílias de colonos provenientes da Argentina e Bessarábia. Este projeto incluía quatro núcleos: *Quatro Irmãos*, *Baronesa Clara*, *Barão de Hirsch* e *Rio Padre*. Em 1913 chegaram 150 famílias da Rússia e em 1914 somaram-se mais 164 famílias recrutadas na Argentina e Bessarábia, [...].²⁵

No interior de São Paulo, por iniciativa do governo do estado, foi instalada nas terras da antiga Fazenda Pombal entre os anos de 1904-1905 uma colônia agrícola para abrigar os judeus letões, russos e ucranianos. O projeto estava nas mãos do médico Carlos José de Arruda Botelho, na época, secretário da fazenda do estado. A imigração subsidiada tinha em vista acomodar os imigrantes por etnia, em núcleos agrícolas localizados próximos à Estrada de Ferro. Aproximadamente quatrocentos judeus foram instalados nos núcleos de Nova Odessa e

²² CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. Série Brasil Judaico v.2. p. 51-52.

²³ BYTSENKO, Anastassia. **Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX**. Dissertação (mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.134. 2006.

²⁴ Região histórica da Europa Oriental. Hoje corresponde ao trecho entre a Moldávia e a Ucrânia.

²⁵ CARNEIRO, Maria L. Tucci. Op. Cit. p.149.

Campos Sales, mas a grande maioria não possuía qualquer familiaridade com o trabalho rural, o que os levou a abandonar as terras da colônia.²⁶

Assustados com a pobreza e não encontrando formas de sustento, muitos desses imigrantes que vieram ao Brasil para integrar as colônias agrícolas projetadas pela *Jewish Colonization Association*, assim como para a colônia de Nova Odessa, poucos anos depois de terem chegado, partiram rumo aos grandes centros em busca de melhores oportunidades. Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo figuram entre os destinos mais escolhidos.

Os primeiros judeus do Oriente Médio vieram ao Brasil como parte de um fluxo maior - a imigração sírio-libanesa. De forma espontânea chegaram a partir das duas últimas décadas do século XIX, e constituíam-se basicamente de homens que fugiam da violência otomana empreendida contra as minorias étnicas. Fixaram-se, principalmente, nas cidades portuárias de Salvador, Recife, Santos e Rio de Janeiro, onde as mercadorias importadas do Oriente Médio eram encontradas com maior facilidade. Esses imigrantes falando o árabe, enfrentaram grandes dificuldades de adaptação e de relacionamento, mas, ainda assim, atuaram, majoritariamente, no mercado de produtos vendidos à prestação.

Carregando nos braços e ombros cortes de tecido, armarinhos, guarda-chuvas e pequenos produtos em malas, a maioria destes imigrantes, o “turco da prestação” – sem capital inicial - ao conseguir acumular pequena fortuna, instalava-se no comércio lojista.²⁷

Os judeus do Oriente Médio, que se fixaram nos centros das grandes cidades em finais do século XIX, ajudaram a construir os locais de comércio popular²⁸ existentes até hoje, comercializando tecidos, roupas e acessórios.

Embora o Brasil tenha recebido levadas significativas de imigrantes judeus, na maioria dos casos, o país não era considerado como primeira opção, sendo escolhido como comunidade de acolhimento devido a questões práticas e não ideológicas. Estados Unidos e Argentina eram os destinos de preferência, mas devido às mudanças na política imigratória desses países e a imposição de cotas, o Brasil passou a figurar como uma boa possibilidade já que o país estava

²⁶ FALBEL, Nachman. Uma colonização judaica no interior de São Paulo. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.211-267.

²⁷ MIZRAHI, Rachel. **Imigrantes judeus do Oriente Médio – São Paulo e Rio de Janeiro**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. p.63.

²⁸ Exemplo desses centros populares são o Saara na cidade do Rio de Janeiro e o bairro do Bom Retiro em São Paulo.

interessado no branqueamento da população e na obtenção de mão-de-obra, assim os portos estavam franqueados aos imigrantes.²⁹

Em suas memórias, Saãdio Lozinsky³⁰ conta que “Viajando eu pela primeira vez para o Brasil poderia eu sonhar com nomes como o nome de Pernambuco? Para dizer a verdade, até a visita de nosso sobrinho em Amsterdam, o Brasil não estava em nossas cogitações.”³¹ A imigração judaica ao Brasil, na maioria dos casos, se deu dessa maneira: um indivíduo se aventurava sozinho e, após fixar-se e conseguir alguma forma de sustento, encontrava uma maneira de trazer parentes e amigos.

Os mais antigos se prestavam como referência para os recém-chegados que buscavam orientação junto às famílias já estabelecidas, [...] a comunidade organizou-se de forma a criar uma infraestrutura de apoio aos imigrantes judeus oferecendo-lhes suporte financeiro, cultural e religioso.³²

Levando em consideração os relatos de Lozinsky e associando-os aos estudos historiográficos, podemos inferir que, sem qualquer tipo de apoio do governo brasileiro, esses imigrantes só podiam contar com a ajuda daqueles que, pouco antes, também se arriscaram a emigrar para uma terra desconhecida. Procuravam oferecer ao recém-chegado, mesmo que de forma precária e com dificuldade, alojamento, algum dinheiro e as informações básicas necessárias para arrumar uma ocupação que lhe rendesse, ao menos, o suficiente para o sustento próprio.

A necessidade de estabelecer laços de solidariedade, como forma de preservar sua religião, cultura e identidade, os imigrantes judeus procuraram desde o primeiro momento criar as condições básicas para seu convívio social.³³ Para isso, reuniram-se, principalmente, segundo o país de origem e liturgia religiosa. Se essa divisão possibilitou a preservação de costumes, hábitos alimentares e do idioma, por outro, gerou certo isolamento entre os próprios imigrantes judeus que mantinham seu convívio social restrito a um pequeno círculo.

²⁹ Até a década de 1920 o Brasil possuía pouca regulamentação à imigração, o controle destinava-se, sobretudo, a negros e asiáticos. Somente a partir da Lei de Cotas de 1934, a entrada de estrangeiros no Brasil, incluindo europeus, tornou-se mais restritiva. A presença de imigrantes judeus na sociedade brasileira foi alvo de grandes debates a partir da década de 1940.

³⁰ Judeu russo que depois de viver algum tempo na Holanda, procurando formas de ganhar dinheiro para promover o conforto de sua família, emigrou para o Rio de Janeiro em 1914.

³¹ LOZINSKY, Saãdio. **Memórias da imigração - reminiscências e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1997. p.183.

³² CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. Série Brasil Judaico v.2. p.223.

³³ A existência de sinagoga, cemitério, escola, açougue *casher* e um centro de reuniões constituem as condições mínimas para a vida social, cultural e religiosa dos núcleos judaicos.

Ao longo do século XX, muitos foram os grupos e entidades que procuraram diminuir as diferenças e congregar os imigrantes judeus, independente da origem e da língua falada, em torno de ideais e programas – comunismo, sionismo e assimilacionismo - que possibilitassem o pleno desenvolvimento da vida comunitária. No Rio de Janeiro em 1916, *A Columna* surgiu, entre outras coisas, com o objetivo de pôr em contato e criar um diálogo entre os diversos subgrupos existentes entre os imigrantes judeus. Utilizou-se das ideias ligadas ao nacionalismo judaico como meio de diminuir as diferenças e aglutiná-los.

No entanto, o Rio de Janeiro que recebeu os imigrantes judeus era uma cidade em constante mudança. Capital do Império e depois da República, a cidade foi palco de grandes transformações e termômetro para medir fenômenos que se desencadeavam pelo resto do país, dentre eles, a chegada de grandes levas de imigrantes. As páginas que seguem tratarão do encontro dos imigrantes judeus com a cidade do Rio de Janeiro, palco do início do movimento sionista e da imprensa judaica em português. Compreender quais foram os principais lugares que esses imigrantes se fixaram, quais eram suas ocupações, como se organizavam, como e de que forma interagiam com a sociedade carioca é de fundamental importância para entender a atuação d’*A Columna* na construção dessa comunidade.

1.2 A Praça Onze como destino

O Rio de Janeiro encontrado pelos imigrantes judeus nos primeiros anos do século XX era uma cidade em transformação tanto no que se refere à organização e à paisagem urbana quanto às principais atividades econômicas. Nascia uma nova cidade com novos bairros, com maior divisão entre as áreas residências e industriais. No entanto, as mudanças mais significativas no âmbito do cenário urbano ocorreram a partir das reformas implementadas pela prefeitura de Pereira Passos (1902-1906). “O Rio de Pereira Passos deveria rivalizar com Buenos Aires e, quiçá, Paris, com suas ruas calçadas e arborizadas, arejadas artérias salpicadas de grandes edifícios com acabamentos nobres e arquitetura neoclássica, redes de esgotos, rios canalizados e praças verdejantes.”³⁴

Luís Edmundo³⁵, um dos principais cronistas da então Capital Federal, sobre as transformações pelas quais a cidade passou, escreveu:

³⁴ GRINBERG, Keila; LIMONCIC, Flávio. **Judeus cariocas**. Rio de Janeiro: Cidade viva; Instituto Cultura Cidade Viva, 2010. p.51.

³⁵ Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa (1879-1961) foi jornalista, cronista, teatrólogo, memorialista, historiador e orador; também integrou o rol da Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleito em 1944.

[...] até a obra magnífica de Pereira Passos e Oswaldo Cruz, quando se transforma a cidade pocilga em Éden maravilhoso, fonte suave de beleza e saúde, centro para onde logo afluem estrangeiros que, até então, medrosamente nos evitavam, apavorados, todos, com a febre amarela: americanos, ingleses, italianos, alemães, que aqui chegaram trazendo-nos, além de um esforço pessoal apreciável, capital, estímulo, e o que é melhor ainda, a visão civilizadora de pátrias adiantadas e progressistas.³⁶

Não obstante o cronista tenha sido um grande entusiasta das transformações implementadas na cidade, é importante ressaltar que as reformas, embora significativas na mudança da aparência da urbe, ficaram restritas a uma pequena parte da cidade, sobretudo a zona sul e a parte central. Mesmo o centro foi afetado de forma desigual pela modernização das reformas de Pereira Passos: de um lado ficava a nova região da Avenida Central com seu *boulevard* parisiense, do outro, a região do porto e da Praça Onze com seus sobrados antigos e suas ruelas escuras.

O Rio de Janeiro nesse período congregava o velho e o novo, o luxo e a modéstia, criando, por isso, uma maior estratificação social entre os bairros. As famílias mais humildes, expulsas dos antigos cortiços localizados no centro, assim como os imigrantes recém-chegados, dentre eles os judeus, sem alternativas e sem condições financeiras de ocupar os novos edifícios, fixaram residência nos subúrbios como Engenho Novo, Madureira, Nilópolis, Cascadura e nas regiões centrais da cidade do Rio de Janeiro que não foram reformadas, principalmente, a Praça Onze.

³⁶ EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro: Semente, 1984. v.1, p.25.

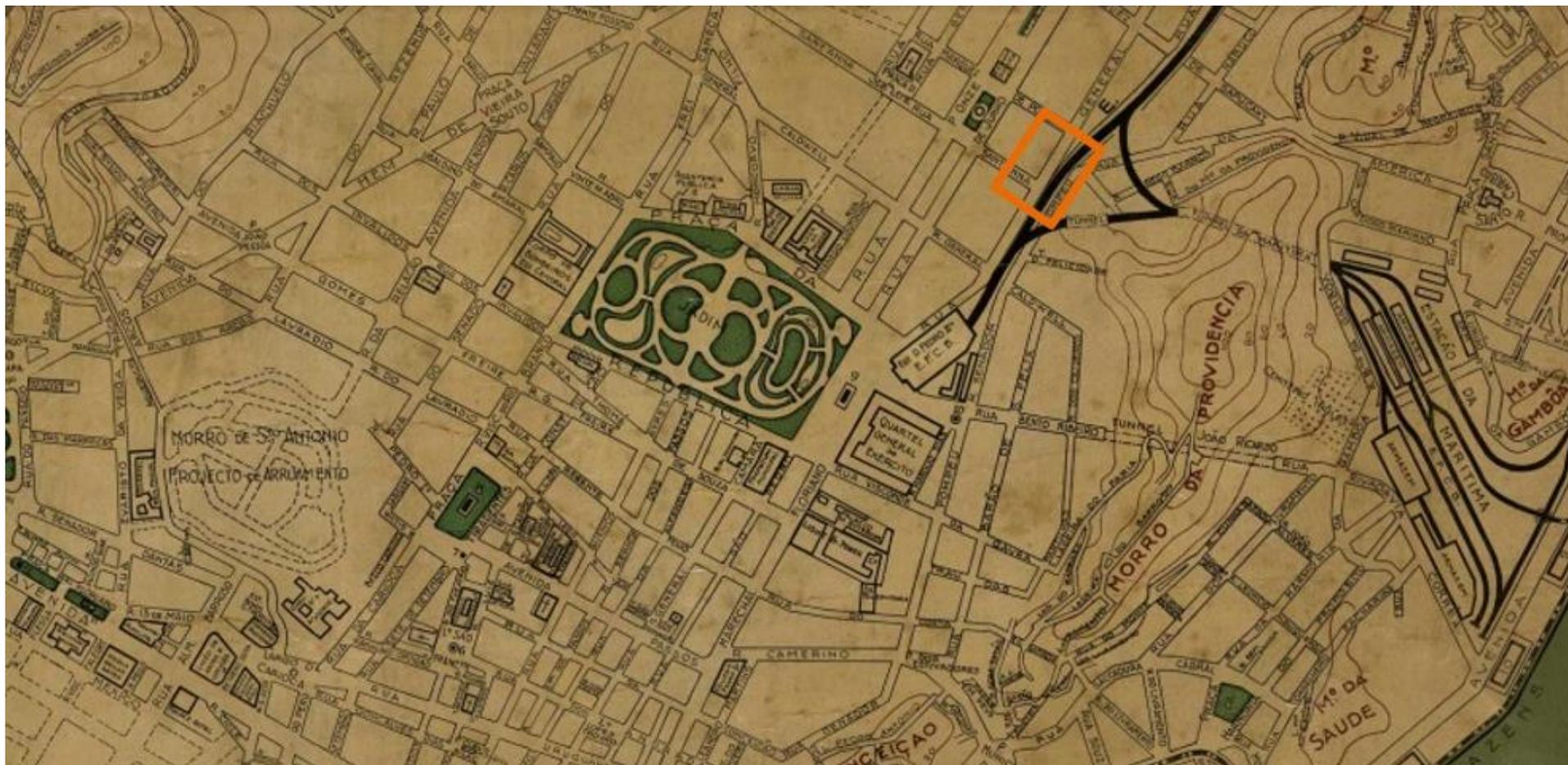


Figura 1. Planta informativa do centro da cidade do Rio de Janeiro: especialmente organizada para o Guia Briguier. Autor: Ribeiro, Arthur Duarte, 1932, 88x80. DNDigital do Brasil. Biblioteca digital Luso-Brasileira. Praça Onze e arredores em destaque.

A Praça Onze é conhecida ainda hoje pela maioria da população da cidade do Rio de Janeiro como o berço do samba; na historiografia é frequentemente lembrada por aquilo que ficou conhecido como a África em miniatura ou a Pequena África,³⁷ no entanto,

A região que compreende o que é chamado de Praça Onze hoje não tem mais o traçado original e as formas de uso – residencial e comercial – anteriores. Suas casas, suas vilas, seus terreiros e rodas de samba, sua sinagoga, seus cafés e cinemas, suas alfaiatarias, oficinas e tipografias, seus armazéns e açougue casher, suas marcenarias e casas de móveis, são hoje “memórias”.³⁸

Denominada inicialmente como Largo do Rocio Pequeno, durante os primeiros anos do Império, recebeu o nome de Praça Onze de Junho em homenagem à vitória das forças navais brasileiras na batalha do Riachuelo ocorrida em 11 de junho de 1865, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Desde então, não só a praça em si, mas também todo seu entorno passou a ser conhecido com Praça Onze.

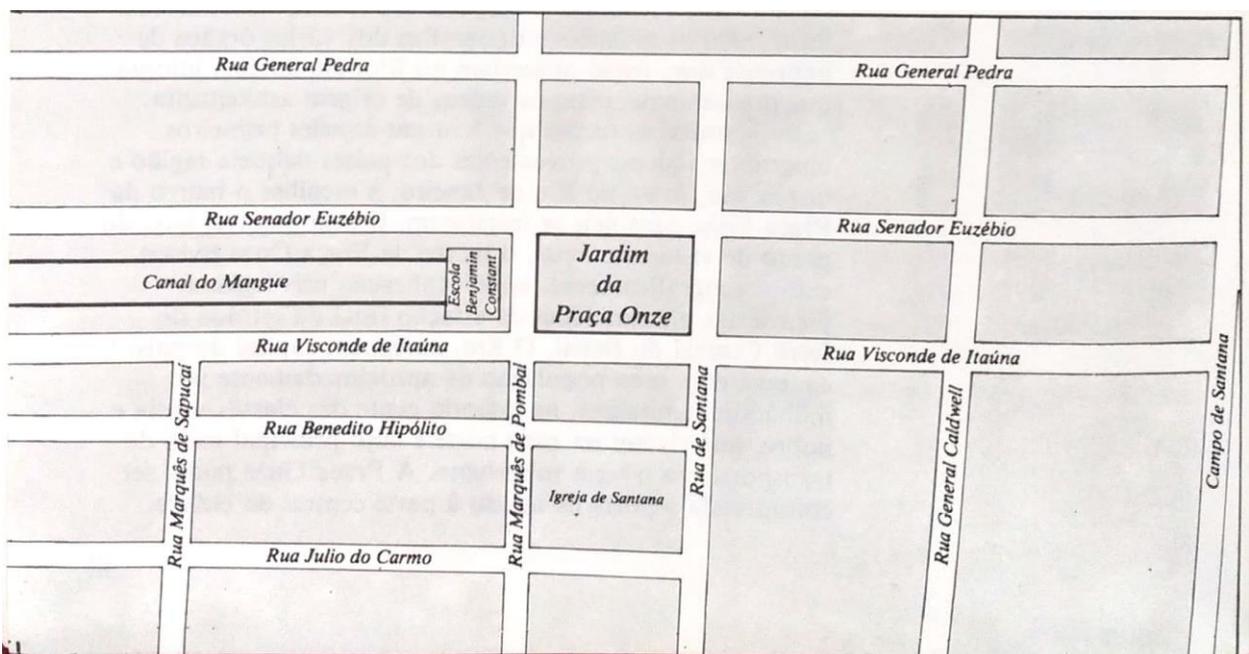


Figura 2. Praça Onze. Fonte: MALAMUD, Samuel. Recordando a Praça Onze. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988. p.18.

³⁷ RIBEIRO, Paula. **Cultura, memória e vida urbana: judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920-1980)**. Tese (doutorado em História Social) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2008.

³⁸ RIBEIRO, Paula. Praça Onze: um estudo sobre etnicidade e cultura urbana. In: LEWIN, H., coord. **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p.190-191.

O bairro Praça Onze é retratado na imprensa da época como local de grande concentração de pessoas durante o carnaval e pelas famosas folias eternizadas até hoje em canções. Mas se durante o carnaval a Praça Onze e seus arredores eram transformados em uma grande festa ao ar livre, no restante do ano, era local de moradia e trabalho de um grande contingente de imigrantes que buscavam ali formas de integração e socialização.

A Praça Onze nos primeiros anos do século XX era uma área verdadeiramente “cosmopolita”, congregando em um mesmo espaço social a comunidade negra, já residente na região desde o século XIX, e os imigrantes portugueses, italianos e espanhóis; a eles se juntaram os imigrantes judeus de diferentes origens nacionais que ali estabeleceram suas moradias e associações comunitárias. Embora a presença de judeus na Praça Onze não seja amplamente difundida na historiografia, o bairro foi local de concentração da maioria deles que chegou à Capital Federal. A Praça Onze tornou-se o local social da comunidade judaica radicada no Rio de Janeiro, onde fronteiras foram estabelecidas por meio do uso do termo “bairro judeu”, criando assim um sentimento de pertencimento àquele espaço.

O que se pode identificar como bairro judeu situava-se na Praça Onze e seus arredores – ruas Visconde de Itaúna, Senador Eusébio, Santana, Marquês de Pombal, Benedito Hipólito, Júlio do Carmo, São Leopoldo, General Cadwell, General Pedra, Marques de Sapucaí, Machado Coelho, Carmo Neto, Salvador de Sá, Praça da República, General Câmara, Alfandega, Senhor dos Passos, Buenos Aires, Tomé de Souza, Regente Feijó, Luiz de Camões, Mem de Sá, Riachuelo, Carlos de Carvalho, Henrique Valladares, Conselheiro Josino, Rezende, entre as principais.³⁹

³⁹ FRIDMAN, Fania. **Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007. p.40.



Figura 3. Canal do Mangue visto da ponte dos Marinheiros: o bairro judeu encontra-se a direita. Fonte: FRIDMAN, Fania. **Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da palavra. 2007. p.35.

Os primeiros anos do século XX foram marcados pela chegada de um maior número de imigrantes judeus à Praça Onze, vindos diretamente dos portos da Europa, Oriente Médio e África ou das regiões norte e sul do Brasil; fato é que os recém-chegados encontraram nesse espaço um ambiente propício para morar e trabalhar. “Essa forma de concentração urbana representa um fator fundamental da experiência judaica na cidade do Rio de Janeiro; ali os imigrantes ocupavam os sobrados antigos que serviam de moradia que também eram utilizados para as atividades econômicas.”⁴⁰

Samuel Malamud⁴¹ em suas memórias dedicadas à Praça Onze diz desconhecer

[...] as razões que levaram aqueles primeiros imigrantes judeus a escolher o bairro da Praça Onze para nele se instalarem. É bem possível que, do ponto de vista comercial, o bairro Praça Onze tivesse então, geograficamente, uma localização privilegiada. Ficava nas proximidades da estação final da estrada de ferro Central do Brasil. [...] a Praça Onze podia ser considerada a porta de acesso à parte central da cidade.⁴²

⁴⁰ RIBEIRO, Paula. Praça Onze: um estudo sobre etnicidade e cultura urbana. In: LEWIN, H., coord. **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p.97.

⁴¹ Samuel Malamud nasceu na Ucrânia em 1908, desembarcou no Brasil, no Porto do Rio de Janeiro em 1923. Dedicou-se à comunidade judaica, participando ativamente da direção e fundação de entidades juvenis, culturais, beneficentes e educacionais. É autor de uma extensa bibliografia acerca da memória da comunidade judaica no Rio de Janeiro.

⁴² MALAMUD, Samuel. **Recordando a Praça Onze**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988. p.13.

Fania Fridman, por sua vez, afirma em seus estudos que o mais provável é que esses imigrantes tenham se instalado na região da Praça Onze devido aos aluguéis baratos e pela proximidade com os centros comerciais, já que a maior parte dos imigrantes judeus atuava na venda de porta em porta. O *klienteltshik*, expressão em ídiche para se referir aos judeus que vendiam mercadorias pelas ruas da cidade, também chamado de “judeu da prestação” e “gringo da prestação”, era constantemente confundido com o “mascate” e o “turco” que exercia atividades semelhantes.

O prestamista atuava nos subúrbios vendendo tecidos, produtos de armarinho, artigos de cama, mesa e banho, roupas prontas, incluindo ternos, além de móveis e joias. De início, carregava seu reduzido estoque em um baú de 1,20m x 35 cm, pesando em média 60kg, em mala na mão ou mesmo de carroça.⁴³

Saãdio Lozinsky, imigrante judeu que aportou no Rio de Janeiro em 1914, em suas memórias relata que poucos dias após ter chegado à cidade lhe foi entregue “pedras preciosas de cor para vender”. Sem saber o idioma, anotou as frases indispensáveis e, com certo constrangimento, ofereceu a mercadoria às oficinas e lojas no centro da cidade.⁴⁴ Essa foi a primeira ocupação da maioria dos imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro, mesmo dentre os que desejavam atuar em outra profissão, como é o caso de Lozinsky, que aspirava trabalhar como professor de assuntos judaicos. Devido à barreira linguística e/ou pela falta de contatos sociais, tinham que atuar como prestamistas até que surgissem outras oportunidades. Mas para aqueles que não tinham uma profissão definida ou que encontraram no comércio uma oportunidade de enriquecimento, assim que podiam contratavam

[...] um carregador, a quem pagavam muito pouco mas ofereciam café da manhã e uma refeição, às vezes um lugar para dormir: um emprego doméstico. Também era costume, quando a situação já o permitia, mandar chamar parente ou um imigrante recém-chegado, o *griner*, para aprender o ofício de prestamista e lhe remunerava com casa, comida e uma mínima retribuição em dinheiro.⁴⁵

⁴³ FRIDMAN, Fania. **Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007. p.45.

⁴⁴ LOZINSKY, Saãdio. **Memórias da imigração - reminiscências e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1997. p.188.

⁴⁵ LEWIN, Helena. A economia errante: a inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro. In.: AMÂNCIO, Moacir (org.). **Ato de presença – homenagem a Rifka Benezin**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. p.306-307.

Contando com ajuda para realizar o trabalho, o desgaste físico decorrente das longas horas percorrendo as ruas da cidade era menor, assim, o prestamista podia, a partir de então, concentrar-se na ampliação das atividades; uma vez estabelecidos os contatos com fornecedores e conquistada a confiança e fidelidade da clientela, o caminho natural para uma parte desses indivíduos foi a abertura de uma pequena loja. Eram estabelecimentos pequenos e humildes, em muitos casos, instalados na parte de baixo dos sobrados que também serviam de residências, localizadas na parte superior do imóvel. Como não poderia ser diferente, os estabelecimentos comerciais abertos pelos imigrantes judeus se concentravam na Praça Onze e arredores, praticavam principalmente a venda de tecidos, roupas de cama e mesa, rendas, móveis novos e usados, instrumentos musicais e aparelhos científicos.

Se por um lado o comércio prestamista foi a ocupação de parte significativa dos imigrantes judeus que chegaram ao Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, por outro, não foi a única, haviam também alfaiates, estofadores, ferreiros, pintores, ourives, gravadores, reparadores de relógios e instrumentos, metalúrgicos e tipógrafos que trabalhavam como funcionários em estabelecimentos localizados no areal central da cidade.

É importante ressaltar que os imigrantes judeus estavam constantemente em contato com a população, fosse por meio da venda de porta em porta ou como funcionário de oficinas e lojas da cidade. Ainda assim, embora haja um número significativo de trabalhos sobre a Praça Onze e a diversidade cultural nela existente, são poucas as referências em relação à presença de judeus e de seu convívio com outros grupos ali também fixados. Disso decorre, em parte, a dificuldade de estabelecer o número de imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1918; outro fator é a não existência de um censo oficial, havendo apenas levantamentos parciais e informais efetuados por particulares e órgãos de imprensa.

As informações mais antigas sobre o grupo de imigrantes judeus estabelecidos no Rio de Janeiro de que temos notícias advém da matéria publicada em 1902 na revista *A Universal* – *revista das revistas*⁴⁶, em que se afirma

Os israelitas professos são em número de três mil aproximadamente no Rio de Janeiro, e dividem-se quanto à origem do seguinte modo: austríacos (350), franceses (270), russos (250), alemães (200), portugueses (150), marroquinos (200), brasileiros (350), polacos (250).

⁴⁶ A UNIVERSAL, publicada quinzenalmente, foi fundada em 1901 por Tomás Delfino, Rivadávia Correia e Manoel Bomfin. Teve entre seus colaboradores Olavo Bilac, Machado de Assis, Tavares Bastos e Vicente de Carvalho. Infelizmente, sua publicação durou pouco tempo. A revista encerrou suas atividades ainda no primeiro semestre de 1902.

Dedicam-se os de inferior categoria, geralmente à mascateação e os demais à educação, ao comércio de troca de dinheiro e cambio, penhores, relojoaria e ourivesaria.⁴⁷

O jornal alemão *Allegemeine Zeitung des Judenthums*⁴⁸, na edição de 16 janeiro de 1903, também afirmava haver na então Capital Federal cerca de três mil judeus.⁴⁹ Outra fonte de informação são as crônicas publicados por João do Rio⁵⁰ na *Gazeta de Notícias* em 1904, nelas o cronista não apenas informa um possível número de imigrantes judeus vivendo no Rio de Janeiro algo entorno de dez mil, como também nos fornece um vislumbre da diversidade desse grupo de imigrantes e da forma como viviam e se organizavam.

O Rio tem uma vasta colônia semita ligada à nossa vida econômica, presa ao alto comércio, com diferentes classes sem relações entre elas e diferentes ritos. Há os judeus ricos, a colônia densa dos judeus armênios e a parte exótica; a gente ambígua, os centros onde o lenocínio, mulheres da vida airada e *caftens*, cresce e aumenta; há israelitas franceses, quase todos da Alsácia Lorena; marroquinos, russos, ingleses, turcos, árabes, que se dividem em seitas diversas, e há os *Asknenazi* comuns na Rússia, na Alemanha, na Áustria, os *falachas* da África, os *rabbanitas*, os *Karaitas*, que só admitem o Antigo Testamento, os argônicos e muitos outros.⁵¹

Há pouca precisão nos números levantados por João do Rio, era ele um cronista e não recenseador; ainda assim, suas crônicas nos fornece informações muito significativas e é um dos poucos textos sobre a presença judaica no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX de que temos notícia.

Não nos foi possível encontrar levantamentos sobre os imigrantes judeus no Rio de Janeiro na década de 1910. Embora o número de notícias sobre eles seja mais frequente na imprensa da época, tais notícias tratam, de modo geral, da chegada de um grupo ao porto ou questões gerais relacionadas aos comerciantes. Consultar os registros e documentos da imigração também não revelou muitas informações, já que, como dito anteriormente, ao darem entrada no país era requisitado apenas os dados referentes ao país de origem e não sobre a origem étnica-cultural ou religiosa. Vale ressaltar ainda que nesse período muitos dos imigrantes judeus que estavam nas regiões norte e sul do país se dirigiram à cidade do Rio de

⁴⁷ **A UNIVERSAL - revista das revistas**. Tomo de 1902, Nº 53, V.03, ANO II, p. 311.

⁴⁸ Jornal judaico alemão fundado no ano de 1837 pelo rabino Ludwig Philippson.

⁴⁹ AZJ 16-01-1903.

⁵⁰ Pseudônimo mais famoso de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Foi jornalista e cronista, responsável por uma série de reportagens sobre as religiões no Rio de Janeiro.

⁵¹ RIO, João do (Paulo Barreto). **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1976. p.79.

Janeiro em busca de melhores oportunidades; no entanto, até o momento não há nenhum trabalho que tenha conseguido coletar dados precisos sobre esse processo de imigração interna.

A única informação sobre esse período nos é dada por Lozinsky que, em suas memórias, relata que viviam no Rio de Janeiro em 1914, ano de sua chegada ao Brasil, “50 famílias e algumas centenas de solteiros”⁵². Não há como saber se esse número se refere a todos os imigrantes judeus radicados na cidade ou apenas ao número de *asquenazitas*, grupo ao qual Lozinsky pertencia e tinha maior proximidade.

A *Encyclopedia Judaica*⁵³, na edição publicada em Jerusalém no ano de 1973, informa que viviam no Rio de Janeiro no início do século XX pouco mais de mil judeus,⁵⁴ e esse tem sido o número considerado pela historiografia especializada. Historiadores e estudiosos do assunto como Henrique Veltman e Nachman Falbel concordam que é mais provável que os imigrantes judeus radicados na sociedade carioca nos idos de 1910 não passassem de mil indivíduos. De qualquer forma, e independentemente do número exato de imigrantes judeus, fato é que esse grupo estava presente no cenário social carioca desde o início do século XX e que encontraram na Praça Onze local de morada e trabalho. Se por um lado, comparado a outros fluxos migratório, o número de judeus radicados no Rio de Janeiro pode parecer pequeno, por outro, isso não os impediu de, desde muito cedo, procurar estabelecer suas instituições sociais e religiosas visando garantir, mesmo que minimamente, a união desse núcleo e a manutenção de seus traços culturais e identitários.

1.3 Núcleos fragmentados

A (re)criação de associações e instituições foi a principal forma encontrada pelos imigrantes judeus para se organizarem enquanto coletividade no Rio de Janeiro e, sobretudo, como forma de preservar seus traços éticos-religiosos. Uma vez que as necessidades básicas haviam sido supridas, moradia e emprego, os imigrantes judeus procuraram estabelecer, mesmo que de forma improvisada, a instituição primordial para sua vivência comunitária, a sinagoga.

A sinagoga não é apenas o lugar ou edifício para a realização do culto e do ciclo anual litúrgico com os seus valores religiosos e espirituais, e que exige

⁵² LOZINSKY, Saádio. **Memórias da imigração - reminiscências e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1997. p.195.

⁵³ Publicada pela primeira vez (16 volumes) em 1971-1972, é uma enciclopédia dedicada exclusivamente ao povo judeu e sua história.

⁵⁴ VELTMAN, Henrique. **A história dos judeus no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Expressão Cultura, 1998. p.36. Apud: **Encyclopédia Judaica Keter**. Jerusalém: [s/n], 1973.

para tanto um quórum mínimo de dez varões, acima dos treze anos de idade, para dar validade ao serviço divino. Mais do que isso, a sinagoga, no passado, e ainda no presente, serviu, e serve, de centro catalisador da vida comunal e pode ser o foro de expressão para todo tipo de manifestação social da minoria judaica, onde quer que ela se encontra. Ao seu redor organizaram-se os vários moldes e instituições da vida comunitária, procurando atender a suas múltiplas necessidades, seja no campo educacional, beneficente, jurídico, cultural e os demais.⁵⁵

Portanto, não é de se estranhar que os imigrantes judeus radicados na então Capital Federal tenham procurado desde o início lugares onde pudessem expressar sua religiosidade e criar laços com seus pares. A maioria dessas sinagogas eram, na verdade, pequenas casas ou salões alugados e improvisados, não possuindo, assim, a aparência externa de um templo⁵⁶. A primeira sinagoga da cidade do Rio de Janeiro de que se tem notícia foi fundada em meados do século XIX pela *União Israelita Shel Guemulut Hassadim*. Tratava-se de um salão alugado para o serviço religioso e era composta inicialmente por judeus originários do Marrocos, passando depois a aglomerar também judeus *asquenazitas* vindos da Europa.

Em seguida, no ano de 1870 surgiu a *União Israelita* que, embora fosse uma organização filantrópica, realizava em sua sede serviços religiosos, sobretudo nas datas mais importantes, tais como: Pessach, Rosh Hashana e Yom Kippur. Também no século XIX, temos notícias da *Sociedade Israelita do Rito Português*, “que é lembrada na imprensa carioca em 1888 devido a um protesto de seu presidente, Benjamin Benzaquen, que não aceitou a eleição de D’Abrahan Pariente para rabino da Sinagoga”.⁵⁷

As informações sobre as sinagogas e rabinos no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX nem sempre são precisas e estão longe de serem completas, ainda assim nos possibilitam um vislumbre de como eram e estavam organizadas. A revista *Universal - revista das revistas* publicou no de 1902 um artigo intitulado “os judeus no Rio de Janeiro” que, além de informações sobre a origem e ocupação desses imigrantes, também apresentava referências sobre as sinagogas:

As quatro sinagogas do Rio de Janeiro são pobres e não tem forma exterior de templo. Estão situadas: na rua do Hospício, esquina do Becco do Fisco, na rua

⁵⁵ FALBEL, Nachman. A Religião e a imigração israelita no Brasil. In **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.283-284.

⁵⁶ A sinagoga conhecida como O Grande Templo foi a primeira construída especificamente para esse fim. O projeto, de 1928, foi elaborado pelo arquiteto italiano não-judeu Mario Vodret, que venceu um concurso organizado pela comunidade judaica do Rio de Janeiro. O templo foi inaugurado em 1932.

⁵⁷ FALBEL, Nachman. A religião e a imigração israelita no Brasil. In.: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.290.

da Alfândega, na esquina da do Anúncio, na rua Anúncio 14 e na rua do Senado. A primeira é frequentada especialmente por franceses, a segunda por marroquinos, a terceira por polacos, russos e marroquinos.⁵⁸

A *Universal* ainda comunica que as cerimônias religiosas eram comandadas pelos indivíduos que tinham o sobrenome Kohn e Lely e que eram realizadas aproximadamente sessenta circuncisões por ano. As informações publicadas na *A Universal* destoam das levantadas e publicadas em 1904 por João do Rio na crônica intitulada “As sinagogas”. Nesta matéria, o cronista diz haver duas sinagogas na cidade do Rio de Janeiro e as descreve com bastante minúcia. A primeira, que se localizava na rua Luís de Camões, 59, foi assim descrita:

[...] do rito argônico. Entra-se num corredor sujo, onde crianças brincam. Aos fundos fica a residência da família. Na sala da frente está o templo, que quase sempre tem camas e redes por todos os lados. As tábuas de Moisés negrejam na parede; a um canto está o altar, e na extremidade oposta fica a arca onde se guarda a sagrada história, resumo de toda a ciência universal, escrita em pele de carneiro e enrolada em formidáveis rolos de carvalho. Só nos dias solenes se transforma o templo. David Hornstein faz as cerimônias no meio da sala, no altar, envolto na sua túnica branca riscada nas extremidades de vivos negros, com um gorro de veludo enterrado na cabeça.⁵⁹

A outra, considerada pelo cronista como “mais interessante”, estava localizada na rua da Alfândega, no sobrado de número 363. Sobre ela, João do Rio conta que:

A sala da frente é destinada às cerimônias. Quase não se pode a gente mover, tão cheia está de bancos. No meio colocam o altar de vinhático envernizado, em que o *hhasan* fica de pé lendo ou cantando. Nas paredes apenas as tábuas, ao fundo a arca com cortinas de seda, onde se guarda o sagrado livro. Do teto pendem presos de correntes brancas vasos de vidros, cheios de água onde lamparinas colossais queimam crepitando. Sobre o altar desce o lustre de cristal, chispando luzes nos seus múltiplos pingentes. Além de Moisés, há outro sacerdote, Salomão, tão devoto, que é o *hhassidim*.⁶⁰

O cronista diz que ali assistiu o “peisan” e descreve os participantes como exóticos por possuírem características físicas que remetiam à espanhóis e árabes. Se por um lado as crônicas escritas por João do Rio podem ser questionadas em relação à veracidade dos números

⁵⁸ **A UNIVERSAL - revista das revistas**. Tomo de 1902. Nº 53, V.03, ANO II. p. 311.

⁵⁹ RIO, João do (Paulo Barreto): **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1976. p.81.

⁶⁰ *Ibidem*. p.81.

apresentados, por outro, atestam e evidenciam a grande diversidade existente no núcleo judaico radicado no Rio de Janeiro em princípios do século XX. A riqueza de detalhes e o modo como descreve cada uma das sinagogas e seus frequentadores demarca a heterogeneidade desse núcleo imigrante.

Outra fonte de informação sobre as sinagogas no Rio de Janeiro é o *Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912)*⁶¹, o primeiro a conter informações sobre o judaísmo no país, que publicou um levantamento contendo informações sobre as sinagogas no Brasil.

Judaísmo Judaïsme I — Sinagogas existentes (1912) Synagogues existantes			
SÉDES SIÈGES		SYNAGOGAS SYNAGOGUES	DATA DA FUNDAÇÃO DATE DE LA FONDATION
Estados e Distrito Federal États et District Fédéral	Cidades Villes		
Districto Federal.	Rio de Janeiro	Centro Israelita do Rio de Janeiro . .	1 de Outubro de 1910
		Centro Israelita Marroquino . .	24 de Setembro de 1911
Pará	Belém	Synagoga Dedicção de Abiahão	1889
		Synagoga Porta do Céu . .	1824
Rio Grande do Sul	Passo Fundo	Centro Israelita	1912.
	Porto Alegre	Sociedade União Israelita . .	5 de Outubro de 1910
	Santa Maria da Bocca do Monte	Centro Israelita	1905
São Paulo . . .	Campinas	Sociedade Israelita	(1)
	Franca	Sociedade Israelita	1905 (1)
	São Paulo	Comunidade Israelita	21 de Janeiro de 1912.

Quadro 1: Fonte: **Anuario estatístico do Brazil**. 1ºano, V.III. (1908-1912). p.3

Assim, segundo a Diretoria Geral de Estatísticas existia duas sinagogas no Rio de Janeiro, ambas fundadas na década de 1910; não havendo qualquer informação sobre a existência de locais informais de culto. Nesse mesmo anuário consta também o número de associados que cada sinagoga possuía: o *Centro Israelita do Rio de Janeiro* com 80 filiados, enquanto o *Centro Israelita Marroquino* com 42. Nas edições de número 14 e 15 de 1917 da revista *A Columna* foi publicado um artigo intitulado “Trabalho de Estatística” que, além de reproduzir o quadro acima, contou em detalhes todo o processo de coleta de informações e

⁶¹ Publicado pela primeira vez em 1916, as informações contidas no anuário foram coletadas no período entre 1908 e 1912.

também publicou alguns dados adicionais sobre as sinagogas da capital fluminense; afirmava que uma “delas à rua da Alfandega 351”, pertencia aos judeus marroquinos, e outra, “a dos franceses”, situava-se na rua do Hospício, 97.⁶²

Fania Fridman em suas pesquisas encontrou menção a outras sinagogas, a da *Congregação Hadas Bnei Israel*, que teria sido fundada em 1913, e localizava-se, inicialmente, na rua Senhor do Passos, 51, a *Sidon da Sociedade Israelita Síria* de 1913, que também ficava na rua Senhor dos Passos, e a *Beith Iaakov* de 1914, situada na rua São Pedro.⁶³ Todas instaladas em salões alugados e funcionando de maneira improvisada. Para além das já citadas, há indícios de que havia outros locais de culto, menores e ainda mais informais, funcionando só nas datas festivas e quase sempre mudando de local entre uma cerimônia e outra.

[...] devemos observar que a multiplicação de sinagogas, além de ser fruto do crescimento natural da imigração, é resultado da tendência em se agrupar em comunidades de origem. Assim, se explica o fenômeno do surgimento de “*landsmanschaften*” ou associações de caráter socio-cultural e de auxílio mútuo que agrupam imigrantes oriundos de mesma região, que procuram seguir os seus costumes e o seu ritual peculiar do lugar de origem. Trata-se da conhecida inclinação do imigrante recolher-se entre os seus conterrâneos como uma forma de sentir-se protegido frente um novo meio no qual deverá se adaptar para sobreviver.⁶⁴

Desse fato deriva a discrepância entre a quantidade de organizações e o número de judeus radicados no Rio de Janeiro e o pouco contato que existia entre os próprios imigrantes, que, mesmo concentrados no mesmo bairro, a Praça Onze, desconheciam a existência de parte da colônia e de suas instituições; por isso, também, é difícil encontrar nos relatos desse período informações mais completas sobre a presença de imigrantes judeus na Capital Federal, pois a maior parte deles só relata a vivência e cotidiano de um dos grupos.

Seguindo a tendência de se agrupar a partir da proveniência, os imigrantes judeus também organizaram outras instituições; dentre elas, as associações filantrópicas se destacam, pois, além de garantirem a existência de um espaço leigo de convívio social também possibilitavam a prática de um dos preceitos mais importantes do judaísmo, a *Tsedacá*⁶⁵.

⁶² **A Columna**. Rio de Janeiro. nº 14, 02 de fevereiro de 1917 p.21.

⁶³ FRIDMAN, Fania. **Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007. p. 126.

⁶⁴ FALBEL, Nachman. A Religião e a imigração israelita no Brasil. In.: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.296.

⁶⁵ Do hebraico, atitude de retidão, honradez, justiça e caridade.

Inúmeros são os registros que expressam as ações de solidariedade da comunidade judaica radicada no Brasil. As primeiras associações judaicas beneficentes e de mútua ajuda foram criadas pelos judeus franceses radicados no Rio de Janeiro, ainda nos tempos do Império. Cumpre citar a *Société Union Française de Bienfaisance* (União Israelita do Brasil), sediada na Rua Nova do Ouvidor desde 1836, [...].⁶⁶

A *Union Française* proporcionava ajuda aos necessitados e atendimento de enfermagem, e, em casos de maior emergência, também assumia as despesas com moradia, alimentação, atendimento hospitalar e sepultamento daqueles imigrantes sem condições financeiras. Do mesmo período é a *Sociedade Francesa de Socorros Mútuos* (1857), *Aliança Israelita Universal* (1867), a *Sociedade Israelita Brasileira* (1870), e a *Irmandade de Proteção Israelita* (1873). Todas permaneceram atuantes nos primeiros anos do século XX, oferecendo auxílio a muitos dos imigrantes judeus que aportaram no Rio de Janeiro naqueles idos, sobretudo os provenientes da Bessarábia e Rússia.

Por meio das “Crônicas das Comunidades no Léxico de Henrique Iussim”⁶⁷, sabemos que, na década de 1910, foram fundadas ao menos duas instituições filantrópicas: uma em 1912, que posteriormente deu origem à *Relief*⁶⁸, e, logo em seguida, à sociedade *Agudát Ahim*. Ambas tinham como principal atividade prestar assistência aos imigrantes recém-chegados.

Nas páginas d’A *Columna* encontramos referência à existência de outra organização filantrópica, denominada *Comité de Socorro aos Israelitas Vítimas da Guerra*, que angariava donativos para as vítimas da guerra por meio da realização de eventos culturais e jantares. A primeira menção a essa organização aparece na edição de número 5, de maio de 1916. Ao que tudo indica, em 1918, esse comitê foi oficializado e passou a chamar-se *Comitê Brasileiro de Socorro aos Israelitas Vítimas da Guerra*, com sede na rua Senador Eusébio, n.18.

⁶⁶ CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. Série Brasil Judaico v.2. p.216.

⁶⁷ Textos escritos entre os anos de 1953 e 1959 para o “Léxico dos ativistas sociais e culturais da comunidade israelita do Brasil”, projeto editorial de Henrique Iussim (Zvi Yatom). O projeto não foi levado adiante, pois o material relativo às comunidades maiores, a de São Paulo e do Rio de Janeiro, além da pequena comunidade da Bahia, não foi publicado na época. A crônica referente à comunidade judaica do Rio de Janeiro consta nos apêndices do livro *Judeus no Brasil: estudos e notas de Nachman Falbel*.

⁶⁸ Uma das instituições filantrópicas mais ativas no Rio de Janeiro entre o final da década de 1920 e ao longo da década de 1930.

Mapa 1
ESTABELECIMENTOS E ORGANIZAÇÕES JUDAICAS (FINAL DO SÉCULO XIX ATÉ 1920)

Legenda:

- Clubes, lojas de comestíveis, pensões, açougues, restaurantes, cafés e sorveterias.
- Escolas, bibliotecas, livraria, tipografias, jornais e revistas, partidos e agremiações políticas e instituições sionistas.
- ▲ Sinagogas, locais de culto e entidades de ajuda mútua.

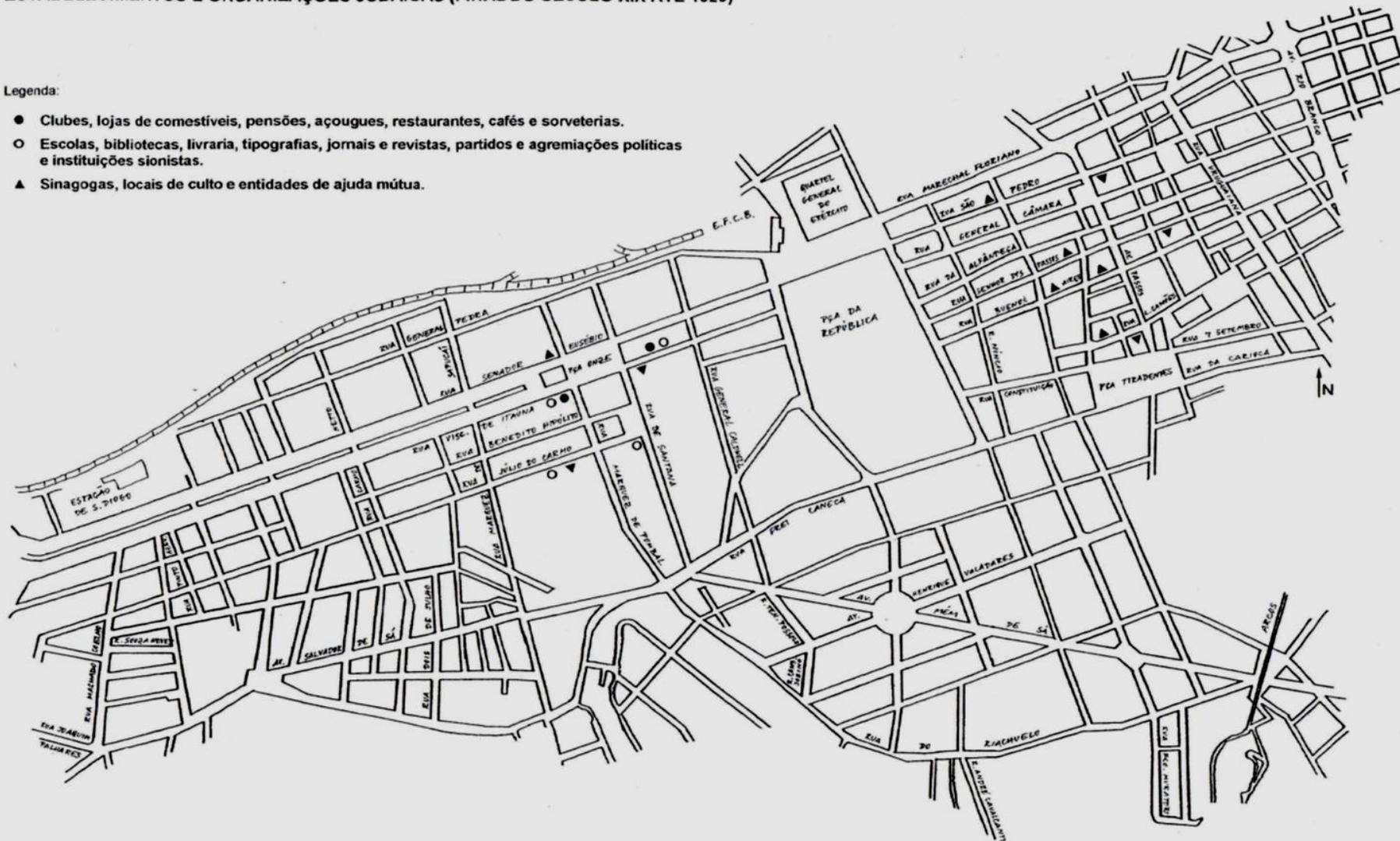


Figura 4. Estabelecimentos e instituições judaicas (finais do séc. XIX até 1920). Imagem original cedida pela autora, também pode ser encontrada em: FRIDMAN, Fania.

Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007, p.12

Paralelamente às instituições de ajuda mútua e beneficência de amparo aos imigrantes, as comunidades israelitas fundaram escolas para seus filhos, sociedades culturais, com o objetivo de facilitar a absorção dos recém-chegados e permitir seu enraizamento no solo brasileiro. Ao mesmo tempo, desenvolviam uma atividade cultural intensa, com a formação de bibliotecas, grupos de teatro, clubes literários, fundando, também, os primeiros periódicos, que atraíram poetas, escritores, jornalistas e artistas que passaram a formar a “intelligentsia” local.⁶⁹

Há referência a quatro escolas judaicas no início do século XX no Rio de Janeiro, todas fundadas em 1916. A *Escola Talmud Torá*, considerada ultrareligiosa, era frequentada por meninos e meninas e estava localizada na rua Júlio do Carmo, 63. A *Cheder*, escola judaica de religião, também localizada na rua Júlio do Carmo. A *Escola Judaica Religiosa*, fundada por Saádio Lozinsky, e a *Escola Scholem Aleichem*, fundada pela esquerda judaica, com a proposta de oferecer um ensino secular. Um ano antes, em 1915, iniciou-se a organização da *Biblioteca Israelita Sholem Aleichem*; seu acervo foi construído a partir de doações e a maior parte das obras era em iídiche, havendo também muitas edições em russo e hebraico. Além de ser um espaço reservado à conservação e à difusão de obras consideradas fundamentais, a biblioteca também foi local de debates literários, conferências e discussões políticas.

A primeira associação de cunho político organizada na Capital Federal foi a Organização Sionista Carioca Tiferet Zion (A beleza de Sion) no ano de 1913, ela foi “o primeiro agrupamento sionista da cidade do Rio de Janeiro e um dos primeiros a ser fundado no Brasil (antecedido apenas pela *Oabei Sion*, fundada no interior do Pará, em 1901).”⁷⁰ Sua diretoria era composta por Jacob Schneider, Eduardo Horowitz, Júlio Stolzenberg, Marcos Kaufman e Max Fineberg, todos imigrantes *asquenazitas*, que aportaram no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX; a principal atividade da organização era a arrecadação de recursos financeiros destinados ao *Keren Kayemet Le Israel* (Fundo Nacional Judaico).⁷¹

Para além das organizações e instituições religiosas, filantrópicas, educacionais, culturais e políticas, havia também estabelecimentos não necessariamente fundados por judeus, que serviam de local de reunião e de lazer; os cafés e pensões da Praça Onze nos primeiros anos

⁶⁹FALBEL, Nachman. Contribuições dos imigrantes israelitas ao desenvolvimento brasileiro. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.445.

⁷⁰Gherman, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018. p.227.

⁷¹A importância e o papel da *Tiferet Zion* no movimento sionista no Brasil, assim como sua relação com David José Perez e *A Columna* será tratada de modo mais aprofundado no capítulo três.

do século XX muitas vezes foram utilizados como espaços de encontro e convívio entre os recém-chegados e os imigrantes judeus que já estavam estabelecidos, configurando-se como os primeiros espaços de convívio comunitário. Em 1914 foi fundado o *Iuguent Club* (Clube da Juventude), que passou, então, a ser o ponto de encontro dos judeus radicados no Rio de Janeiro; nele eram realizados dois bailes por semana e aos sábados, à noite, ocorriam as “noites literárias”.

É importante salientar que todas as instituições e organizações judaicas fundadas no Rio de Janeiro desde meados do século XIX foram constituídas tendo em vista a manutenção dos rituais religiosos, da organização familiar, dos costumes alimentares e da língua de um determinado grupo, ligado entre si pela proveniência. Dito de outra forma, os imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1918 estavam extremamente segmentados, havendo pouco ou nenhum contato entre as partes. Se por um lado, esse modo de aglutinação possibilitou a preservação de traços étnico-identitários, por outro, dificultou a interação e integração entre os próprios imigrantes judeus. E foi, entre outras coisas, com a proposta de ser um canal de diálogo entre esses vários pequenos grupos que surgiu o primeiro periódico judaico do Rio de Janeiro, *A Columna*.

Fundada em janeiro de 1916 por David José Peres e Alvaro de Castilho, *A Columna* se propôs a ser muito mais do que apenas um veículo de informação. O periódico foi criado com o objetivo claro de ser um eixo de articulação entre os imigrantes judeus com o intuito de fomentar a organização de uma comunidade capaz de atender todas as necessidades religiosas e socioculturais. Para além disso, o impresso também se colocou como porta voz dos judeus no Brasil, servindo de ponte entre os imigrantes e a sociedade brasileira no geral; e um divulgador das ideias ligadas ao nacionalismo judaico, mais conhecido como sionismo. Abordaremos a seguir como *A Columna* inseriu-se entre estes núcleos de imigrantes judeus, como pôs em prática suas propostas e programa, e, principalmente, como buscou articular um discurso unificador a uma realidade segmentada, configurando-se vetor determinante da constituição de uma comunidade judaica no Rio de Janeiro e referência intelectual para os imigrantes judeus ali radicados.

CAPÍTULO II – *Ideias impressas*

[...] a fonte periodista é capciosa. Deixa de sê-lo, e reverte-se de grande potencial como documento, se devidamente inserida em seu tempo, contextualizada nos termos de construção, desconstruída e reconstruída para fins de testemunho que se pretende.¹

O surgimento e expansão da imprensa periódica no Brasil está intrinsecamente ligado ao próprio desenvolvimento do país e conectado às especificidades de seus vários momentos históricos. Os primeiros periódicos começaram a ser produzidos no início do século XIX²; a transferência da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, juntamente com todo o aparato político administrativo, incluindo a Impressão Régia, proporcionou não só os meios técnicos, mas também a formação de um público leitor que justificasse e incentivasse a criação de um veículo de imprensa.

Ao longo de todo o oitocentos os periódicos ganharam cada vez mais destaque como meio de comunicação e informação; os avanços tecnológicos possibilitaram novos formatos e baratearam a publicação, assim possibilitando a multiplicação de títulos de periodicidade diversa. Se inicialmente a imprensa no Brasil dedicou-se quase exclusivamente a assuntos ligados à política, em finais do século XIX iniciou-se um movimento de diversificação e propagação dos periódicos, surgindo impressos, sobretudo jornais, cada vez mais voltados a grupos de leitores específicos, dentre eles a imprensa comunitária ou imigrante.

A imprensa imigrante, também denominada imprensa étnica, estrangeira e impressa em língua estrangeira, resulta do longo e contínuo processo de imigração que trouxe às terras brasileiras grandes contingentes populacionais, principalmente oriundos da Europa. O perfil desta imprensa, assim como seu desenvolvimento, circulação e duração está intrinsecamente ligado ao núcleo que lhe deu origem e ao público leitor para o qual se destinava.

No Brasil, o primeiro jornal estrangeiro de que se tem notícia é o *La Croce Del Sud*, escrito em italiano, com início de circulação no Rio de Janeiro em 1765; em 1825 foi a vez do *Giovine Itália* também uma publicação direcionada aos imigrantes italianos.³ Desde então, o

¹ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 25.

² O *Correio Braziliense*, fundado em 1808 por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, é considerado o primeiro jornal brasileiro, embora fosse publicado em Londres. No mesmo ano, foi fundada a *Gazeta do Rio de Janeiro*, feita pela Impressão Régia sob a direção de Tibúrcio da Rocha.

³ MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. (org.). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

número de títulos cresceu exponencialmente e outros grupos, tais como alemães, franceses e espanhóis e, no século XX, japoneses, libaneses, chineses e judeus, colocaram em ação a ideia de ter um veículo de imprensa pensado e produzido especificamente para seus respectivos núcleos. A aparição desses periódicos liga-se de modo fundamental à realidade e às necessidades desses grupos, tendo como objetivo gerar identificação social, quebrar o isolamento, divulgar e perpetuar traços culturais e políticos, organizar e unir os próprios imigrantes.

Foi com o objetivo de tentar suprir algumas dessas necessidades que David José Perez e Alvaro de Castilho criaram em 1916 *A Columna*, primeiro periódico judaico do Rio de Janeiro, destinado, entre outras coisas, a ser um órgão dos interesses dos imigrantes judeus no Brasil. Embora *A Columna* não tenha sido o primeiro periódico judaico publicado no país - em 1915, Josef Halevi deu início à publicação do *Di Menscheit* (A Humanidade), semanário escrito em iídiche e editado em Porto Alegre (RS)⁴-, o impresso idealizado por Perez é efetivamente o primeiro em língua portuguesa e o primeiro de posicionamento sionista publicado no Brasil.

Entender como *A Columna* surgiu, quem atuava junto a seus criadores, assim como quais eram os objetivos da publicação são de fundamental importância para respondermos à questão que norteia este trabalho: até que ponto é possível afirmar que *A Columna*, através de seu posicionamento sionista atuou como vetor de identificação entre os imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, contribuindo para a formação de uma configuração identitária.

2.1 Os começos de um projeto

Em 14 de janeiro de 1916 veio à luz a inaugural edição d'*A Columna*⁵, primeiro periódico judaico/sionista publicado em português; organizada em formato de revista⁶ era publicada à primeira sexta-feira de cada mês, e impressa na oficina tipográfica Leuzinger.⁷ Sua

⁴ *Di Menscheit* teve curta duração, saíram apenas 06 exemplares. Para mais informações, recomendamos a leitura do verbete escrito por Lucia Chermont, **Di Menscheit (A Humanidade), a primeira publicação em língua iídiche no Brasil**, disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/di-menscheit-a-humanidade-a-primeira-publicacao-em-lingua-iidiche-no-brasil/>

⁵ Encontra-se digitalizada e disponível online na biblioteca de obras raras do Museu Judaico do Rio de Janeiro.

⁶ Mesmo no início do século XX ainda havia certa confusão quanto ao uso dos termos “jornal” e “revista”, uma vez que a delimitação de cada formato não estava muito bem traçada. Partindo das definições de Ana Luiza Martins e levando em consideração a configuração e organização interna, consideramos que *A Columna* está muito mais próxima do formato de revista que conhecemos hoje do que de jornal.

⁷ Criada em 1840 pelo suíço George Leuzinger, funcionou inicialmente como papelaria, depois foi transformada em oficina de gravura, tipografia e litografia, tornando-se um dos principais estabelecimentos de impressão do Rio de Janeiro daquele tempo.

publicação ocorreu entre janeiro de 1916 e dezembro de 1917, totalizando 24 números. Dentre estes há uma edição especial de Roch Hachana⁸, a edição de número 10, de outubro de 1916, que possui 34 páginas. Além disso, foram também publicados alguns números concomitantemente, sendo o caso das edições 17 e 18, lançadas em maio de 1917, e os números 21, 22, 23 e 24, em setembro do mesmo ano.

O grande idealizador d'*A Columna* foi David José Perez, filho de judeus marroquinos que imigraram para o Brasil em meados do século XIX, nascido em Breves, no estado do Pará, em 1 de março de 1883. Após completar o primário, Perez foi enviado ao Tânger (1895) para terminar seus estudos, onde obteve seus conhecimentos sobre o judaísmo e aprendeu o hebraico. De volta ao Brasil, por volta de 1900, passou a atuar no comércio; não tendo alcançado o sucesso como comerciante, em 1906, se dirigiu ao Rio de Janeiro com o objetivo de dar continuidade aos seus estudos. Já nessa época, segundo Nachman Falbel, Perez era adepto do sionismo e estava em busca de mais informações sobre o movimento.

Crenowich, membro do Comitê Executivo Sionista para a América do Sul, lhe escreve, em 15 de fevereiro de 1906, como resposta à que Perez lhe havia mandado em 18 de janeiro, solicitando uma orientação sobre o sionismo. [...] a carta detalha a prática principal dos adeptos do nacionalismo, que deve ser: fomentar e saber a história e a cultura judaica, estudar sua literatura e materialidade, em cada culto (sinagoga), fazer doações ao Fundo Nacional Israelita, cuja instituição deseja adquirir terras na Palestina, comprar uma ou mais ações do Banco Colonial Israelita, que valem uma libra cada, e pagar anualmente o Shekel (isto é, o valor em dinheiro) para sustentar a organização sionista mundial.⁹

Na mesma carta, Crenowich ainda aconselha a formação de uma associação sionista e a criação de uma biblioteca que deveria se ocupar de manter todos informados sobre o que se passava no movimento e na vida judaica. Diante dessas informações, fica claro que o posicionamento político assumido pela *A Columna* liga-se de modo fundamental à filiação de seu criador. David José Perez desde muito cedo já demonstrava interesse pelo nacionalismo judaico, mesmo antes da fundação da revista e por isso não é de estranhar que o impresso viesse a ser um divulgador do sionismo no país. Há ainda que ressaltar que, além de atuar como jornalista e ativista político, Perez foi advogado, escritor, professor e intelectual respeitado dentro e fora da comunidade judaica; reconhecimento esse que lhe possibilitou o estabelecimento de muitos vínculos com vários seguimentos da sociedade carioca.

⁸ Palavra de origem hebraica utilizada para se referir ao ano novo judaico.

⁹ FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.55.

Alvaro de Castilho, cofundador d'A *Columna* e amigo íntimo de Perez, era partidário dos ideais ligados ao nacionalismo judaico, mas surpreende por não ser judeu; atuou ao lado de Perez na divulgação do sionismo e é de sua autoria alguns dos textos mais acalorados publicados na revista. No entanto, há poucas informações a seu respeito; sabemos apenas que nasceu em Paraíba do Sul, interior do estado do Rio de Janeiro, em 29 de fevereiro de 1878, que cursou a Politécnica até os 16 anos. Empregou-se, posteriormente, na prefeitura do Rio de Janeiro, passando, algum tempo depois, à Câmara Municipal do Distrito Federal, onde exerceu o cargo de chefe de expediente de contabilidade.

Castilho era adepto da igreja Nova Jerusalém, que se baseava na teologia de Emanuel Swedenborg¹⁰. Segundo Falbel, “é bem possível que tenha sido essa formação bíblica que o aproximou de Pérez, excelente hebraísta e homem de excepcional cultura religiosa que deveria representar, aos olhos de Alvaro de Castilho, o que havia de melhor no judaísmo brasileiro.”¹¹ O fato de Alvaro de Castilho não ser judeu parece não ter sido um problema para *A Columna*, tão pouco para aqueles que atuavam junto à redação; pelo contrário, o fato de um não-judeu compor a diretoria de um periódico judaico e de participar de eventos voltados especificamente para esse núcleo imigrante pode ser indício da vontade de mostrar que era plenamente possível e benéfica a integração e cooperação entre os imigrantes judeus e a sociedade brasileira. Mais ainda: que era possível que a sociedade como um todo compreendesse e até apoiasse a luta pela criação de um estado nacional judaico independente.

Os esforços de David José Perez e Alvaro de Castilho para criar e pôr em circulação *A Columna* inicialmente parece ter obtido resultados positivos, principalmente se levarmos em consideração a repercussão que tal feito teve. Muitos jornais da época, em diversos estados, publicaram notas elogiosas sobre o surgimento do periódico, enaltecendo a iniciativa de seus idealizadores e a qualidade da impressão.

Sob a direcção dos Srs. David José Perez e Alvaro de Castilho apareceu uma interessante revista mensal com o principal escopo de defender os interesses do povo judeu no Brasil, sob todos os pontos de vista.
É a primeira publicação que se faz em nossa terra para a defesa dos israelitas.

¹⁰ Emanuel Swedenborg (1688 -1772) foi um polímata e espiritualista sueco que escreveu mais de 40 títulos de exegese bíblica, cristologia e escatologia. Nova Jerusalém é um movimento cristão, ligado ao luteranismo, que tem como fundamento a crença na harmonia entre o mundo espiritual e o mundo físico, dando maior ênfase aos dez mandamentos e à responsabilidade social. Segundo as crônicas de João do Rio, publicadas em 1904, a Nova Jerusalém data no Brasil de 1898.

¹¹ FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.72.

As 12 páginas do mensário inserem trabalhos dignos de leitura, notadamente um bello artigo de Alvaro de Castilho “O grande Povo” e outro de David José Perez sobre o jornalista moderno do judaísmo Theodoro Herzl, [...]. Emfim, A Columna agrada porque está magnificamente feita.¹²

Tudo leva a crer que essas pequenas notas publicadas nos jornais e revistas da época foram de fundamental importância para a divulgação d’*A Columna*, mas, principalmente, para a obtenção de assinaturas; em carta enviada em 23 de fevereiro de 1916, Alfêu de Freitas diz ter lido no *Correio da manhã* sobre a fundação do jornal e, desejando apoiar a iniciativa, queria tornar-se assinante.¹³ Outra estratégia utilizada para a divulgação do periódico foi a prática do envio de exemplares gratuitamente a pessoas e instituições, sobretudo a bibliotecas e institutos educacionais com o objetivo de que um maior número de pessoas tomasse conhecimento da existência d’*A Columna*. Em 12 de janeiro de 1917, o diretor da *Real Academia Portuguesa de Leitura*, José Ribeiro, escreve a Perez agradecendo a oferta dos doze primeiros números do periódico que muito contribuía para o enriquecimento daquela biblioteca.

Embora essas fossem estratégias eficazes, ainda assim, a principal forma de obter assinaturas era por meio da atuação dos agentes de venda. Inicialmente eram três, David Hassan e David Weissmann, que operavam no Rio de Janeiro, e Alexandre Algranti, que operava na cidade de São Paulo. Com o passar das edições vemos novos nomes surgirem em vários locais do Brasil, e mesmo em outros países como Peru e Portugal. Há indícios de que *A Columna*, por meio dos contatos de seu fundador David José Perez, tentou estabelecer um agente de vendas na Argentina, mas “apesar dos esforços da redação, pouco resultado se obteve nesse país para se difundir a revista, talvez devido ao fato de existirem vários jornais judaicos locais em língua espanhola, além da dificuldade de seus leitores entenderem a língua portuguesa.”¹⁴

Alguns desses agentes foram contatados pelo próprio David José Perez, como é o caso de José Benedicto Cohen¹⁵ que, em 30 de dezembro de 1915, escreve a Perez dizendo estar lisonjeado com o convite para ser colaborador da revista. Outros, no entanto, vieram a compor o rol dos membros do periódico por iniciativa própria, ao tomar conhecimento do empreendimento; de livre espontânea vontade, escreveram à redação se disponibilizando para atuar como representante da revista.

¹² **A Rua: semanário ilustrado.** Rio de Janeiro. 14 de janeiro de 1916. p.04.

¹³ FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.75.

¹⁴ FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.73.

¹⁵ Poeta, escritor, jornalista, professor, *mohel* (especialista capaz de efetuar a circuncisão) e dentista. Residia na região norte do país, infelizmente não encontramos as datas de nascimento e morte.

Quando a revista encerrou suas atividades em dezembro de 1917 contava com 16 agentes de venda dispostos da seguinte maneira:

Nome	Localidade
Abraham Abalo	Manicoré (AM)
Alexandre Algranti	São Paulo (capital)
Annita Goldenberg	Santos (SP)
Augusto Ezagui	Itacoatiara (AM)
Bernardo Rosemann	Curitiba (PR)
David Cohen	Recife (PE)
David Hassan	Rio de Janeiro (DF)
David Weissmann	Rio de Janeiro (DF)
Isaac Sobolt	Franca (SP)
J. Diamante	Bahia
Jacob Behar	Cruz-Alta (RS)
José Martins & Irmão	Pará
Joseph Tapiero	Iquitos (Peru)
Mamann Hermanos	Nazareth (Peru)
Mauricio Marrache	Manaus (AM)
Sentob D. Querub	Lisboa (Portugal)

Quadro 2: agentes de venda que atuaram n'A *Columna* entre fevereiro de 1916 e dezembro de 1917.

Os agentes de venda eram os responsáveis por divulgar, vender e angariar subscrições da revista entre judeus e não-judeus, para isso se valiam principalmente do boca-em-boca feito em conversas informais e em eventos sociais e religiosos. Uma vez realizada a venda, a operação era relativamente simples: o agente de venda recebia a quantia antecipadamente e remetia à redação d'A *Columna* as informações – nome completo e endereço - para a realização da entrega. Na carta enviada à redação de Itacoatiara, em 5 de dezembro de 1916, Augusto Ezagui declara ter remetido valor de 150\$000 (cento e cinquenta mil reis) referente a 15 assinaturas, solicitando, então, à redação da revista, a realização da entrega dos exemplares.

A entrega de exemplares talvez tenha sido um dos grandes problemas enfrentados pela redação d'A *Columna*, realizada, ao que tudo indica, exclusivamente via correios em uma época em que o serviço não era muito eficaz ou veloz; assim, encontramos uma grande quantidade de reclamações enviadas à redação em que os assinantes relatam frequentes atrasos na entrega e mesmo o não recebimentos dos exemplares. Em 28 de maio de 1916, Salomão B. Israel escreve

de Manacapuru (AM) à redação da revista dizendo que, apesar de ter feito a assinatura do periódico em março, ainda não havia recebido nenhum exemplar, pedindo que os mesmos fossem remetidos.

A criação de alguns pontos de venda foi uma das estratégias utilizadas para aumentar a saída de exemplares e, por sua vez, a arrecadação, possivelmente também como forma de resolver parte dos problemas de entrega. Nos pontos fixos de venda, geralmente instalados em lojas comerciais, podia-se comprar exemplares avulsos e/ou assinaturas semestrais e anuais. Como exemplo temos os estabelecimentos José Martins & Irmão no Pará, Mamann Hermanos no Peru e a Charutaria Sympathia de David Hassan no Rio de Janeiro. A essas lojas era remetido certo número de exemplares em consignação que deveriam ser vendidos à população local. Em telegrama enviado à redação, J. Martins informa ter recebido 50 exemplares da revista; os valores recebidos eram posteriormente enviados à redação.

A venda de exemplares, mas, sobretudo, a de assinaturas se constituía como a principal fonte de renda d'A *Columna*. Havia, é claro, anunciantes que pagavam para ter publicado nas páginas da revista pequenas notas sobre suas lojas, mas não eram muitos os anúncios fixos, sendo a maior parte esporádicos. É interessante notar que alguns dos agentes de venda, assim como o próprio David José Perez, usavam as páginas destinadas aos anúncios para divulgar seus estabelecimentos e serviços.

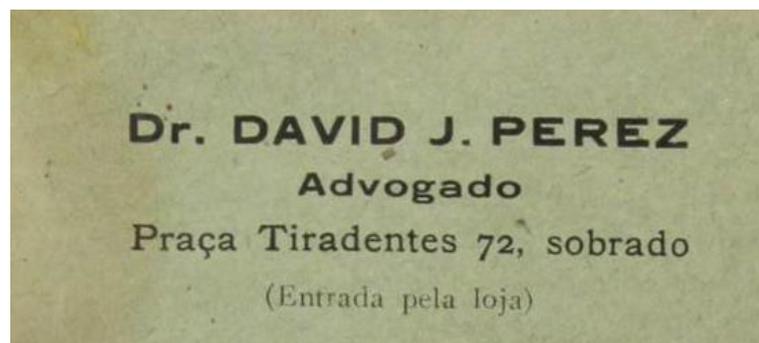


Figura 5. A *Columna*. Rio de Janeiro. n.º 7, 07 de julho de 1916. p.109.

Ocupando a última página da edição, os anúncios eram, sobretudo, de estabelecimentos localizados na cidade do Rio de Janeiro, que vendiam móveis, tapetes, roupas, espartilhos, cigarros, medicamentos e cosméticos; também ofereciam os serviços de professor, médico, dentista e advogado. Em algumas edições era acrescentada uma segunda página destinada à divulgação do *Semanario Israelita* de Nova York e do *Almanach Israelita*, editado em Portugal.

No entanto, a arrecadação com os anúncios, somada à quantia advinda das vendas, em alguns momentos, parece não ter sido suficiente para custear a publicação d'*A Columna*, tendo sido criado, em agosto de 1916, um Fundo de Auxílio d'*A Columna*.

Alguns dos nossos amigos sabendo da verdadeira situação dos negócios dessa folha, resolveram proporcionar-lhe uma base segura e depois de algumas tentativas organizaram uma comissão provisória que se encarregasse de reunir os elementos capazes de um auxílio eficaz.¹⁶

Este Fundo, além de contar com o apoio de muitos indivíduos interessados na continuidade da revista, também contou com a ajuda do Centro Israelita¹⁷, da Tifereth Sion¹⁸, da sinagoga Beth-Jacoh¹⁹ e do Comité pró-vítimas²⁰ para arrecadar os valores necessários à manutenção do periódico, assim como para angariar novos anunciantes e assinantes. Mauricio Klabin²¹ teve papel fundamental na empreitada de manter *A Columna* em circulação. Sabe-se que, ao menos por duas vezes²², o empresário dou o papel destinado à impressão da revista, barateando assim o custo final da publicação.

Diante dessas informações, pode-se inferir que *A Columna* foi mantida com grande esforço não só de seus idealizadores, mas também de pessoas e instituições que de algum modo se alinhavam com os posicionamentos do periódico. Não há qualquer indício que os agentes de venda, colaboradores ou qualquer pessoa que tenha atuado junto à redação da revista tenha recebido alguma quantia pelos serviços prestados, nos indicando, assim, que o periódico era um projeto, uma plataforma, que, apesar de ser proposta por um número reduzido de indivíduos, foi compartilhada e validada por muitos.

Tal afirmação é reforçada pelo fato do grupo responsável pela *A Columna* ser formado por um pequeno contingente de indivíduos ligados por laços de amizade ou parentesco. Ambrozio Ezagui era irmão de Augusto Ezagui e ambos sobrinhos de David José Perez; José Benedito Cohen foi professor de Ambrozio Ezagui e se tornou amigo da família; Alexandre

¹⁶ *A Columna*, Rio de Janeiro. nº8, 04 de agosto de 1916. p.110

¹⁷ Fundado em 1910 sob a presidência de Hano Lente, se constituiu como a primeira sinagoga asquenazita do Rio de Janeiro.

¹⁸ Primeira associação sionista do Rio de Janeiro, fundada em 1913 por Jacob Schneider.

¹⁹ Sinagoga fundada em 1914, localizada na rua São Pedro.

²⁰ Associação filantrópica que arrecadava fundos para as vítimas da Grande Guerra; os primeiros registros de suas atividades são de 1916.

²¹ Maurício Freeman Klabin (1860-1923), um dos nomes de peso entre os judeus radicados na cidade de São Paulo, juntamente com seus irmãos Salomão e Hessel fundaram em 1899 a empresa Klabin Irmãos & Cia que além de tipografia também vendia materiais de escritório.

²² Entre as correspondências do acervo David José Perez, que se encontra no Centro de Documentação da UFRRJ, encontramos duas notas fiscais referente ao envio de papel à tipografia Leozinger para a impressão d'*A Columna*; tal envio foi realizado em nome de Mauricio Klabin.

Algranti era amigo íntimo de Perez; Tulio Lerner e Max Fineberg eram companheiros de Perez no movimento sionista. Dito de outra forma, todos aqueles que aderiram ao projeto d'A *Columna* parece o terem feito por convicções pessoais e por acreditarem que a existência de um periódico judaico era necessária como um meio para se alcançar certos objetivos e para atender às demandas dos imigrantes judeus.

Os objetivos da criação d'A *Columna*, o lugar que a revista visava ocupar entre os imigrantes judeus e o seu programa encontram-se expressos no próprio nome escolhido para o periódico.

A *Columna* possui um *layout* simples; em sua capa consta, no topo, o título em caracteres hebraicos (*HaAmud*), seguido do título em português. Logo abaixo, a inscrição “Órgão dos interesses do Povo Judeu no Brasil”.



Figura 6. **A Columna**. Rio de Janeiro. nº 1, 14 de janeiro de 1916.

A palavra “coluna” pode ser tomada em dois sentidos: 1) base ou apoio de sustentação; 2) no sentido militar, defesa. Tudo indica que ambos foram atribuídos à revista. No artigo de fundo que abre a primeira edição afirma-se:

Conforme o indica a acepção rigorosa do seu título, *A Columna* almeja ser o apoio do edifício da futura organização judaica no Brasil.

[...] *A Columna* exprime no seu aparecimento a fé que temos na segurança e bom êxito da organização de que somos apenas o ponto inicial.²³

²³ **A Columna**. Rio de Janeiro. n. °1, 14 de janeiro de 1916. p.01.

Em uma carta enviada à redação em 24 de janeiro de 1916 e reproduzida nas páginas do impresso, Max Fineberg, à época na presidência da Tifereth Sion²⁴, escreve

A função essencial de um jornal judeu é, naturalmente, servir de boletim em que se publique as noticias colhidas em outros órgãos de imprensa judaica bem como todas as que se refiram à vida e história do nosso povo.

Aqui no Brasil, todavia, elle tem de ser como uma columna de defesa. O seu fim será defender a nossa honra e a nossa integridade e bem assim o sentimento judaico, que tem sido tão injuriado por diversos jornaes do Rio e de outras cidades do Brasil.²⁵

Mais adiante, Fineberg ainda afirma que a revista também deveria servir de veículo de intercâmbio entre os próprios judeus e entre estes e a sociedade brasileira, tendo em vista tornar visível a todos a lealdade dos imigrantes judeus ao Brasil. As ideias expressadas por Fineberg vão de encontro e reafirmam o programa d’*A Columna*, publicado em duas partes nas edições 1 e 2 de 1916.

O “Programma”, o qual fundamentava as ações e publicações do impresso, embora publicado em duas partes, é sucinto e logo nas primeiras linhas deixa claro quais foram as motivações que ocasionaram o surgimento da revista.

É verdadeiramente assombroso, fantástico o que a respeito do Judaismo e de seu passado temos lido em vários jornaes. Até pequenos factos históricos apparecem deturpados e exaggerados. Por isso, o primeiro objectivo deste órgão é elucidar, explicar esses senões, corrigi-los, e apresentar o Judeu tal qual elle é na sua vida religiosa, social e politica.²⁶

Ou seja, *A Columna* se colocou como porta voz dos imigrantes judeus e de seus interesses, cabendo a ela responder publicamente calunias e/ou mal-entendidos. Outro ponto importante de seu programa foi o objetivo de constituir-se em eixo de convergência e articulação desses imigrantes, tendo em vista dar início à organização de uma comunidade.

[...] precisamos quanto antes de firmar uma organização sufficientemente forte, comprehendendo uma série de instituições inherentes à vida judaica.

²⁴ Primeira organização sionista do Rio de Janeiro, fundada por Jacob Schneider em 1913.

²⁵ **A Columna**. Rio de Janeiro. n° 2, 04 de fevereiro de 1916. p.24.

²⁶ **A Columna**. Rio de Janeiro. n° 1, 14 de janeiro de 1916. p.01.

De todos os países do mundo onde os Israelitas são numerosos, o Brasil é talvez o único que ainda não possui dessas instituições indispensáveis à nossa vida social e religiosa.²⁷

Há ainda um terceiro ponto que, embora não tenha sido explicitado no programa, fundamenta e direciona as publicações d'*A Columna* - seu posicionamento sionista. Desde o primeiro número há textos e notícias relacionadas ao nacionalismo judaico; com o passar do tempo, a temática assumiu protagonismo e passou a ocupar a maioria das páginas do periódico. Fosse em formato de notícia, artigo, crônica ou mesmo poema, a luta pela criação de um estado judeu independente na região da Palestina permeou toda a publicação.

Diante disso, podemos depreender que *A Columna* atuava em três esferas: 1) estabelecer um canal de diálogo com a sociedade brasileira; 2) incentivar a organização de uma comunidade judaica no Rio de Janeiro; 3) divulgar ideias e notícias ligadas ao nacionalismo judaico e angariar fundos e novos membros para o movimento sionista. Essa divisão, obviamente, não é rígida; pelo contrário, por vezes esses núcleos de atuação se inter cruzam e, em alguns casos, entram em total oposição gerando ambiguidades.

Trataremos de cada uma dessas frentes, tendo em vista compreender melhor a atuação do periódico junto à sociedade brasileira e ao núcleo judaico, buscando entender e pontuar em quais momentos essas linhas de atuação se encontram e se chocam, e de que modo o discurso impresso nas páginas d'*A Columna* contribuiu ou não para a constituição de uma comunidade identitária.

2.2 Uma imagem em construção

“Defender os interesses judeus, desfazer os mal-entendidos, esclarecer o que é o judaísmo e o judeu, separar o joio do trigo” - são essas algumas das frases utilizadas no “Programma” d'*A Columna* para descrever as motivações de sua criação. Mas o que realmente estava em jogo? Quais eram esses interesses? Por que era necessário esclarecer o que era e quem era o judeu?

No capítulo anterior buscamos tornar visível a diversidade do núcleo judaico existente na cidade do Rio de Janeiro com suas várias origens, culturas e línguas; também afirmamos que esses imigrantes se agrupavam em pequenos conjuntos que pouco ou nenhum contato tinha com os demais. O que não foi dito é que entre esses vários núcleos existia um que era completamente

²⁷ *A Columna*. Rio de Janeiro. nº 2, 04 de fevereiro de 1916. p.13.

rechaçado pelos demais e vivia em total isolamento; e é com esse grupo que *A Columna* está dialogando e se contrapondo quando afirma que há “necessidade de separar o joio do trigo e de defender o bom nome judeu”; trata-se das prostitutas e dos cáftens de origem judaica.

A luta contra o tráfico de escravas brancas sempre foi uma constante entre os imigrantes judeus em diversas partes do mundo; no Brasil, não foi diferente. Desde pelo menos meados do século XIX, a questão da prostituição passou a ser uma preocupação entre os imigrantes judeus radicados no país.

[...] Argentina e Brasil, bem antes do início de uma imigração judaica maior, ainda nos anos 70 (século XIX), traficantes de escravos brancos judeus passaram a entrar na rota Buenos Aires e Rio de Janeiro. As duas capitais sul-americanas constituem um único eixo que, de acordo com as circunstâncias, pode levar a sua “mercadoria” de um extremo a outro, pois estão interligados.²⁸

O grupo que atuava no tráfico de escravas brancas no Rio de Janeiro estava diretamente conectado à Zwi Migdal²⁹, sediada em Buenos Aires; muitas das moças que atuavam na prostituição no Brasil haviam antes passado pela capital argentina. Oriundas de pequenas e pobres vilas do leste europeu, sobretudo do território russo, vinham à América sozinhas e com a promessa de uma vida melhor: “sem conhecer a língua e sem qualificação específica, mas sem querer retornar àquele universo de dificuldade da Europa oriental, a prostituição no baixo meretrício tornava-se uma opção de vida.”³⁰

Em 1896, Ferreira da Rosa³¹ publicou uma série de crônicas no jornal *O Paiz*, intitulada “A podridão do vício”³², em que procurou mostrar a atuação de uma rede internacional de criminosos do tráfico e de exploração de mulheres. Em sua primeira crônica afirma que existia na cidade do Rio de Janeiro “uma associação composta de judeus russos, alemães, austríacos e de outras nacionalidades, com o fim especial de importar para o país mulheres inexperientes para entregá-las à prostituição.”³³ Desde então, a questão da prostituições esteve em discussão

²⁸ FALBEL, Nachman. Identidade judaica, memória e a questão dos indesejáveis no Brasil. In.: SLAVUTZKY, Abrão (org.). **A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre-RS: Artes e Ofícios, 1998. p.215-264, p.220.

²⁹ Sociedade de ajuda mútua que buscava oferecer os benefícios sociais e o apoio religioso aos rufiões e prostitutas, também era utilizada como meio legal para encobrir as atividades ilegais de seus associados.

³⁰ KUSHNIR, Beatriz. **Baile de Máscaras - mulheres judias e a prostituição- as polacas e suas Associações de Ajuda Mútua**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.65.

³¹ Francisco Ferreira da Rosa (1864-1952), foi professor de português, geografia e aritmética em diversas escolas do Rio de Janeiro, também atuou como jornalista e no ano de 1893 tornou-se editor do jornal *O Paiz*.

³² Posteriormente reunidas e publicadas em formato de livro, **O Lupanar: Estudo Sobre O Caftismo E a Prostituição no Rio de Janeiro**. s/n, 1896.

³³ **O Paiz**. Rio de Janeiro. 26/03/1896. s/p.

na imprensa carioca e, embora o Brasil tenha tomado parte no combate ao tráfico internacional de mulheres³⁴, com o adensamento da imigração judaica nos primeiros anos do século XX, o número de cáftens e prostitutas, conhecidas como polacas³⁵, presentes na então Capital Federal também aumentou.

João do Rio, em crônicas publicadas em 1904 sobre as várias religiões existentes no Rio de Janeiro e seus adeptos, afirma que existia entre os imigrantes judeus radicados na cidade

[...] outro meio, extraordinariamente numeroso, é onde vicejam o vício e a inconsciência, os rufiões e as simples mulheres que fazem profissão do meretrício. Essa gente vem em grandes levas da Áustria, da Rússia, de Marselha, de Buenos Aires, e habita na maior parte na praça Tiradentes [...]. Há mais mulheres do que homens. Os homens são inteligentes, espertos, sabem e explicam com clareza, as mulheres são profundamente ignorantes da própria crença.³⁶

Dessa forma, podemos depreender que, apesar das medidas repressivas, cáftens, caftinas e as polacas ainda eram parte significativa daquele núcleo imigrante e configuravam elemento integrante do dia-a-dia da cidade. Na década de 1910, sobretudo, após as perseguições policiais realizadas na Argentina em 1913, ocorreu um deslocamento ainda maior desses indivíduos em direção ao Brasil, principalmente ao Rio de Janeiro. Na imprensa da época são constantes e numerosas as notícias e reportagens sobre a atuação e participação de judeus no baixo meretrício, associando estritamente o tema da prostituição à figura do imigrante judeu.

A maioria dos imigrantes judeus que chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX emigraram, entre outras coisas, por serem vistos como elementos indesejáveis, fossem por motivos étnicos, culturais ou religiosos. A opção pela imigração definiu-se pela possibilidade de construir uma nova vida em um país que não lhes fosse hostil. Diante disso, ter a imagem associada ao tráfico e à exploração de mulheres era motivo de grande preocupação por parte dos imigrantes judeus que aqui estavam, principalmente, pelo risco que essa associação representava de uma exclusão social completa.

Assim sendo, David José Perez, ao criar *A Columna*, buscou utilizá-la como um meio de demarcar e separar o que considerava os verdadeiros representantes do povo judeu e os

³⁴ O Brasil foi um dos países que integrou a I Conferência Internacional de Combate ao Tráfico de Brancas, realizada em Paris em 1902. Como resultado direto da participação do país na Conferência, o Congresso sancionou o decreto 1312, de 28 dezembro de 1904, que oficializava medidas para reprimir o tráfico de brancas.

³⁵ A palavra “polaca” foi durante muito tempo utilizada como ofensa às mulheres e empregada como sinônimo de prostituta.

³⁶ RIO, João do (Paulo Barreto). **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1976. p.80.

elementos moralmente indesejáveis. Com uma abordagem combativa, embora as palavras “polaca” ou “cáftens” não apareçam nas páginas do periódico, a revista buscou dialogar com a sociedade brasileira esclarecendo quem eram esses indivíduos e condenando suas ações e posturas. Deste modo, visava estabelecer uma diferenciação entre os imigrantes judeus que seguiam as rígidas normas morais e de conduta daqueles que se associavam às práticas moralmente condenáveis. Tendo como objetivo defender o bom nome judeu daquilo que considerava injúrias e mentiras publicadas na imprensa da época, objetivava também construir uma imagem socialmente positiva do imigrante.

A abordagem combativa d’A *Columna* contra a associação do nome judeu ao baixo merecimento parece ter encontrado alguma adesão entre os núcleos judaicos do Brasil. Na edição de maio (1916) da revista foi reproduzido um texto publicado originalmente no *Jornal do Comercio* de Itacoatiara, Amazonas, em que se afirmava que “era mesmo necessário que vozes abalizadas e dignas se levantassem contra o péssimo conceito em que são tidos os judeus, confundidos com mercenários vis que lhe roubam o nome, manchando-o e tornando-o odioso.”³⁷

A passividade geral dos imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro frente ao problema parece ter incomodado Perez que, em alguns textos, adotou um tom de lamento e de queixa. No artigo de fundo “Contrastes”, publicado em junho de 1916, Perez, ao estabelecer uma comparação entre as atitudes tomadas pelos judeus em Portugal e o posicionamento dos judeus no Brasil em relação ao tráfico e exploração de mulheres, escreveu:

E nós? Nem ao menos temos tido a coragem precisa para congregando-nos, pedir ao Congresso Nacional uma Lei que ponha termo a essa infâmia do White Slave Traffic cujos os elementos, exploradas e exploradores, são, desgraçadamente, apontados como da nossa raça.³⁸

Esse foi o tom adotado na maioria dos textos: rebatia-se as notícias consideradas caluniosas e ofensivas, mas, também, se exigia dos imigrantes judeus que se posicionassem e tomassem partido na luta contra a difamação do povo judeu, e não permitissem que certos elementos deturpassem os costumes e a moral judaica. Durante todo o ano de 1916 foram publicados vários artigos sobre o assunto, um dos mais significativos é o assinado por Fichel Grinberg, intitulado “O que somos”, muito revelador da existência de certo constrangimento

³⁷ A *Columna*. Rio de Janeiro. nº5, 05 de maio de 1916. p.72.

³⁸ A *Columna*. Rio de Janeiro. nº6, 02 de junho de 1916. p.78.

dos imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro, diante a presença das polacas e de seus cáftens.

Como sempre acontece nos grandes êxodos, as primeiras levas de imigrantes israelitas que vieram para o Brasil eram compostas da escoria da raça, representavam os elementos piores, os mais baixos.

Mais tarde chegaram outros elementos, mas por isso mesmo que eram gente honesta, de vida tranquila e laboriosa [...].

A opinião publica, porém, guiando-se apenas pelas miseráveis impressões deixadas por aqueles primeiros imigrantes, e sem procurar estabelecer a necessária distincção entre a vileza daquelles e a rectidão dos novos, conservou em atroz conceito o nome israelita e assim firmou um preconceito que muitíssimo nos deprime.³⁹

Grinberg termina o artigo dizendo esperar que as informações ali contidas fossem utilizadas pela sociedade brasileira para poder avaliar o que verdadeiramente seria o judeu. Não obstante, o constrangimento contido no texto de Grinberg pode ter sido motivado por uma notícia publicada em outubro que teve ampla repercussão na imprensa carioca: a fundação de um cemitério israelita em Inhaúma. Divulgado na imprensa sob os títulos “Festa Macabra” e “Inauguração Macabra”, a notícia referia-se à inauguração do cemitério criado pela Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita (ABFRI) - fundada em 1906 no Rio de Janeiro que tinha como princípio a autoproteção de mulheres e de homens que atuavam no comércio e na prática da prostituição.

O jornal *A Noite*, em 30 de outubro de 1916, publicou a matéria intitulada “Uma festa macabra: os exploradores do judaísmo”, onde se declarava que a inauguração em questão não teria sido propriamente de um cemitério, mas sim de um campo aberto destinado a esse propósito.

³⁹ **A Columna**. Rio de Janeiro. nº11, 03 de novembro de 1916. p.183.



Figura 7. **A Noite**. Rio de Janeiro. 30 de outubro de 1916. p.01.

Na matéria ainda se indagava qual teria sido a urgência a motivar uma cerimônia para a abertura de um campo vazio. E a possível motivação fora esclarecida logo em sequência:

A urgência estava no aproveitar a oportunidade da idéia tão bem lançada no meio de modo a ser cobrado o mais breve possível o tributo da prostituição. Sim, as mulheres dos prostibulos pagam bem caro o seu tributo sendo exploradas, ou pelos caftens, ou pelos falsos rabinos do judaísmo, que são uma das suas modalidades, no Rio.⁴⁰

O texto traz detalhes da cerimônia de inauguração, assim como da realização de um leilão de cargos beneficentes da Associação; conta ainda que naquele mesmo dia foi ali enterrada, segundo os costumes judaicos, Helena a quem coube a primeira cova.

Diante de tais afirmações feitas em relação à inauguração do cemitério de Inhaúma na imprensa, e de sua repercussão nos vários jornais cariocas, David José Perez apresentou-se na redação do jornal *A Noite* para esclarecer, sob seu ponto de vista, o que era exatamente o caso. As declarações de Perez foram publicadas em 02 de novembro sob o título “Os verdadeiros israelitas condemnam os fundadores da nova necrópole”.

Quando na *A Columna* clamo por sua organização como único remédio para uma reabilitação nobre, estabelecendo o contraste entre o bem e o mal, ficam em silencio profundo e entretanto queixam-se do que se diz dos judeus. Quanto a essas abjetas creaturas que exploram vilmente a escravatura branca, tenho a dizer-vos que ninguém mais do que nós, israelitas, tem se esforçado por faze-las desaparecer do meio social.⁴¹

⁴⁰ **A Noite**. Rio de Janeiro. 30 de outubro de 1916. p.01.

⁴¹ **A Noite**. Rio de Janeiro. 02 de novembro de 1916. p.04.

O tom de descontentamento e de indignação é latente em todo o artigo assinado por Perez. Embora nada sobre o assunto tenha sido publicado n'A *Columna* naquele ano, seu fundador e editor chefe fez questão de esclarecer em nome do periódico que o cemitério fundado não pertencia ao núcleo judaico residente no Rio de Janeiro, mas à gente de má índole que se passava por judeus, e, portanto, difamava e gerava desconforto e vergonha para os imigrantes que só desejavam viver honradamente no país.

Quem imagina que, vivendo de atividades socialmente condenáveis, os cáftens se mantivessem na penumbra do anonimato engana-se, já que, em 06 de novembro de 1916, foi publicado no jornal *Correio da manhã* uma carta assinada por Adolf Kauffman – que havia sido eleito presidente da Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita (ABFRI)⁴² em 1915 e também atuava como aliciador de mulheres - claramente em resposta às afirmações feitas por Perez, no jornal *A Noite*.

[...] não tememos aggressões descabidas fora de proposito, que supostos israelitas nos atiram gratuitamente; aggressões essas que não atingem ao alvo marcado, porque as arredamos com o bico de nossas botinas. Só desejamos saber quaes são esses *verdadeiros israelitas* que condenam a nova necrópole [...]. Quanto ao ilustrado sr. dr. David J. Perez, digno redactor chefe da A *Columna*, tenho unicamente a dizer que s.s foi maldosamente informado pelos supostos *verdadeiros israelitas*, concernente a conducta e profissão dos diretores da Associação Beneficente Funeraria Religiosa Israelita, os quaes são todos homens casados pelo regime da Republica Brasileira.⁴³

A contenda toda não era simplesmente pela inauguração de um cemitério e a quem se atribuía sua fundação. Tratava-se efetivamente de uma disputa para assumir o papel de verdadeiro representante do povo judeu perante a sociedade brasileira. Controvérsia em que ambos os lados se sentiam aptos para assumir tal alcunha. Kauffman, em sua carta, negou qualquer relação com o baixo meretrício, afirmando que todos os associados da ABFRI eram homens de bem, de profissões honestas, que procuravam viver segundo as leis e a boa moral do país. Não é possível afirmar se houve ou não uma resposta de Perez a essa carta, mas *A Columna* seguiu criticando e combatendo qualquer associação feita na imprensa entre os imigrantes

⁴² Fundada na cidade do Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1906, tratava-se de uma organização destinada a garantir a autoproteção de mulheres e homens que atuavam na prostituição.

⁴³ **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 06 de novembro de 1916. s/p.

judeus e as polacas e seus cáftens, fosse publicando textos na própria revista ou cartas em outros periódicos.⁴⁴

Uma das celeumas de grande repercussão em 1917 foi relativa à realização das festas de *Rosh Hashaná*⁴⁵ e *Yom Kipur*⁴⁶, sobre as quais o jornal *A Rua* publicou, em 27 de setembro, um artigo a propósito dos festejos e o ilustrou com uma foto da sinagoga dos cáftens, sem distinguir esta sinagoga daquela dos demais imigrantes judeus.⁴⁷ Nessa ocasião, David José Perez também escreveu uma carta, publicada em 29 de setembro, em que explicava que nada do que havia sido descrito no artigo publicado em 27 do corrente coincidia com as práticas de um verdadeiro judeu seguidor dos costumes e da religião; que tais eventos narrados tratavam-se, na verdade, da festança de gente de má índole que tinha como missão maldizer o bom nome judeu.⁴⁸

Vários foram os casos na imprensa da época que causaram grande movimentação entre aqueles que se sentiam consternados ao serem associados a indivíduos que atuavam ou incentivavam a prostituição. Certo é que parte dos imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX se constrangia com tais associações e, a partir de certo momento, passou a manifestar publicamente, sobretudo através da imprensa, suas insatisfações. *A Columna* e seu posicionamento combativo parece ter agido como potencializador dessas manifestações, colocando-se como porta-voz daqueles que se consideravam os verdadeiros representantes do povo judeu. A postura assumida pela revista frente aos cáftens e às polacas de origem judaica, em certa medida, pode explicar também a completa ausência de qualquer informação sobre o teatro iídiche nas páginas do periódico.

A partir da imprensa da época sabe-se que desde pelos menos o início do século XX transitava por São Paulo e Rio de Janeiro uma trupe argentina que apresentava peças sobre a história e cultura judaica em iídiche. Pelos anúncios publicados nos jornais cariocas, sabemos

⁴⁴ O que apresentamos até aqui sobre as polacas e a inauguração do cemitério em Inhaúma está diretamente ligado a perspectiva d'*A Columna*. No entanto, cabe lembrar que há na historiografia trabalhos que descontroem essa narrativa, buscando apresentar um grupo marginalizado tanto pela sociedade carioca quanto pelos próprios imigrantes judeus. Destaco o trabalho de Beatriz Kushnir, *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas Associações de Ajuda Mútua*, em que as polacas são apresentadas para além de sua faceta pública, enquanto prostitutas. Kushnir procura mostrar como essas mulheres viviam e sentiam a exclusão e como procuraram superá-la a partir da organização de instituições de ajuda mútua.

⁴⁵ Festa do ano novo judaico em que se celebra a criação do mundo. Cf. SCHLESINGER, Hugo. **Pequeno ABC do pensamento judaico**. São Paulo: Editora B'nai b'rith, 1969. p.118.

⁴⁶ Dia do perdão. Festa máxima dos judeus. Vinte e quatro horas de jejum, onde o judeu faz penitência, se purifica de seus pecados e reza a Deus. Cf. SCHLESINGER, Hugo. **Pequeno ABC do pensamento judaico**. São Paulo: Editora B'nai b'rith, 1969. p.155.

⁴⁷ **A Rua: semanário ilustrado**. Rio de Janeiro. 27 de setembro de 1917. p.01.

⁴⁸ **A Rua: semanário ilustrado**. Rio de Janeiro. 29 de setembro de 1917. p.04.

que essa trupe era comandada por H. Starr⁴⁹ e que se apresentou em alguns teatros da então Capital Federal entre 1916 e 1917. No entanto, *A Columna* não faz a menor menção ao teatro ídiche como uma possibilidade de evento social e cultural. Segundo Falbel, isso se dá porque as companhias e trupes que percorriam o Brasil não distinguiam entre o “elemento descente e o indesejável”⁵⁰, e este último, muito provavelmente, apoiava financeiramente as viagens dos artistas.

Diante disso, é possível perceber que a atuação d’*A Columna* como um meio de combater os elementos indesejáveis, de defender os interesses do núcleo e de construir uma imagem positiva dos imigrantes judeus frente à sociedade brasileira era feito de duas maneiras: 1) confronto direto com qualquer associação feita entre os imigrantes judeus e os “indesejáveis”, por meio da publicação de artigos na própria revista ou de cartas na imprensa carioca. 2) evitar menção aos cáftens e às prostitutas de origem judaica nas páginas da revista e a qualquer estabelecimento ou pessoa que pudesse ter alguma ligação com esse grupo, destinando a eles apenas o silêncio.

Para David José Perez, o combate às polacas e seus cáftens e a busca pela total demarcação entre os verdadeiros imigrantes judeus e aqueles moralmente e socialmente indesejáveis só seria plenamente possível a partir do momento em que houvesse uma comunidade efetivamente organizada, em que seus representantes, unindo forças, conseguissem a implementação de medidas que colocassem fim ao tráfico e à exploração das escravas brancas e, por decorrência, os judeus deixassem de ser associados a essa atividade. Neste sentido, o fato de a ABFRI ter conseguido fundar um cemitério antes, muito provavelmente, deve ter causado grande frustração, pois revelava, não só que eles tinham boas condições financeiras, mas também que estavam mais bem organizados, se comparados aos demais núcleos de imigrantes judeus residentes no Rio de Janeiro.

O desagrado e a frustração frente à total falta de comunicação e organização entre os imigrantes judeus fez com que *A Columna* passasse a publicar cada vez mais artigos sobre a importância e a necessidade de se organizar uma comunidade, defendendo a fundação de instituições essenciais à vida social, cultural e religiosa dos imigrantes judeus, mas também

⁴⁹ Pouco sabemos sobre H. Starr, apenas que nasceu na cidade de Kutno, na Polônia, e que foi criado em Londres e que de lá migrou para a África do Sul, onde começou a trabalhar no teatro ídiche; veio à Argentina e, posteriormente, ao Brasil já em idade avançada. Para mais informações sobre o teatro ídiche no Brasil recomendamos a leitura de FALBEL, Nachman. **Estrelas Errantes: memórias do teatro ídiche no Brasil**. 1ª ed. – Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2013.

⁵⁰ FALBEL, Nachman. Identidade judaica, memória e a questão dos indesejáveis no Brasil. In.: SLAVUTZKY, Abrão. (org.). **A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre-RS: Artes e Ofícios, 1998. p.228.

insistindo na necessidade de um órgão que congregasse os representantes de todas as associações e organizações já existentes, tendo em vista fazer com que os vários grupos dialogassem. Se a primeira frente de atuação d'A *Columna* voltava-se para o diálogo com a sociedade brasileira, a segunda fala diretamente aos imigrantes ao propor um projeto de organização e ao se colocar como vetor central do desenvolvimento dessa vida comunitária.

2.3 Um projeto de comunidade

O conceito de comunidade guarda múltiplas conotações, mas, de modo geral, pode ser entendido como conjunto de indivíduos que vivem juntos partilhando uma cultura e uma história; denotando sobretudo lugar de acolhimento e segurança.⁵¹ Para os judeus, no entanto, pertencer a uma comunidade possui um significado muito mais complexo. Independente do que se entenda por identidade judaica ela se configura, quase sempre, no coletivo, no âmbito comunitário a partir da própria prática religiosa; segundo a tradição,

[...] a realização de qualquer ato religioso de caráter público faz-se necessário a formação do *minian*, isto é, a reunião de no mínimo dez indivíduos do sexo masculino, maiores de treze anos, de forma que todo ato litúrgico realizado no judaísmo constitui-se a partir de quórum. O *minian* é indispensável para a leitura da Torá, para a benção dos *Kahanim*, para as orações nas sinagogas, para a cerimônia de casamento, circuncisões, enterros e para a recitação do *Kadish* [...], entre outras práticas.⁵²

No entanto, a constituição de uma *Kehilá*⁵³ no Brasil foi um verdadeiro desafio, principalmente porque os judeus que aqui estavam provinham de diferentes origens e possuíam costumes e línguas diversas, havendo, assim, mais diferenças do que semelhanças. Congregar toda essa diversidade e conseguir extrair daí uma unidade foi o desafio assumido pela *A Columna* e seus editores. Mais do que estabelecer o diálogo, a revista tinha como objetivo unir os imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro e dar origem à uma comunidade organizada, capaz de suprir suas necessidades quer fossem culturais, sociais, educacionais ou religiosas. Para tanto, *A Columna* atuou como um canal de interação e contato, defendendo a unidade e a solidariedade entre todos os judeus.

⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. 1º ed., Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003. 2001.

⁵² BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição. Curitiba: Editora Prisma, 2015. P 166-167.

⁵³ Comunidade organizada. Congregação. Cf. SCHLESINGER, Hugo. **Pequeno ABC do pensamento judaico**. São Paulo: Editora B'nai B'rith, 1969.

Em seu “programma” a revista afirmou:

[...] a população judaica no Brasil é muito heterogênea, isto é, os seus membros são de varias procedências, e dahi esse exclusivismo que se nota no seio das próprias organizações.

Ainda isso não é razão para deixarmos de organizarmo-nos, mesmo porque nos grandes centros judaicos do Occidente e dos Estados Unidos há essa mesma heterogeneidade e elles entretanto constituem os agrupamentos mais cohesos e activos que conhecemos.⁵⁴

Embora seja reconhecida a existência e a importância das instituições já criadas, quer religiosas quer filantrópicas, há uma forte crítica ao isolamento a que estas deram origem. Como forma de solucionar esta questão, a revista propõe quatro medidas fundamentais: 1) Aproveitar e reformar para melhor as instituições já existentes; 2) agrupar os israelitas de diferentes procedências em associações onde os costumes regionais não impossibilitassem o seu desenvolvimento; 3) criar associações diferentes apenas pelo rito (Sepharadi, Ashkenazi); 4) estabelecer no Rio de Janeiro uma associação judaica que reunisse um representante de cada associação ou agrupamento já existente, tendo em vista promover o diálogo.

Ainda segundo o “programma”, uma vez que esses pontos fossem instituídos muitos dos mal-entendidos e das falsas acusações que recaiam sobre os judeus teriam fim e, mais do que isso, muito provavelmente a vida cultural e intelectual dos judeus floresceria no Rio de Janeiro. Reconhecia-se que se tratava de uma tarefa difícil, mas, acima de tudo, necessária.

Está claro que uma organização desta natureza não se realizará em pouco tempo; será mesmo um pouco difícil, mas todo mundo sabe que *difficil* não é *imposivel*, e contando com a boa vontade dos nossos, poderemos levar a effeito este empreendimento que julgamos de necessidade vital para os Judeus Brasileiros.⁵⁵

Há de se notar aqui algo muito importante: é a primeira vez que a ideia de judeu brasileiro aparece⁵⁶, e, embora possa parecer algo trivial, isto é extremamente revelador sobre como os judeus, ao menos, parte deles, que aqui estava, se auto representava e se relacionava com a sociedade brasileira; a autodenominação é um dos elementos fundamentais para a compreender o que *A Columna* está propondo enquanto comunidade.

⁵⁴ **A Columna**. Rio de Janeiro: n° 02, 04 de fevereiro de 1916. p.13.

⁵⁵ **A Columna**. Rio de Janeiro: n° 02, 04 de fevereiro de 1916. p.13.

⁵⁶ Não encontramos em nenhum outro lugar – livros ou na imprensa da época – a utilização do termo “judeu brasileiro” para definir o judeu residente no país.

No Brasil, ao longo de todo o século XX, é possível verificar um processo de integração dos judeus à sociedade brasileira, dado que esta oferecia pouca resistência aos imigrantes, sobretudo os de origem europeia. Esse processo de integração, nos parece, em alguma medida ter sido iniciado, ou no mínimo, incentivado pela revista; sendo um dos elementos fundamentais para o desmantelamento das fronteiras intracomunitárias existentes entre os judeus radicados na então Capitão Federal, contribuindo para divulgação da ideia de judeu brasileiro.⁵⁷

O uso do termo “judeu brasileiro” ou ainda “judeus do Brasil”, utilizado com frequência ao longo das edições, para além de buscar evidenciar a integração desse grupo imigrante à sociedade brasileira, também pode ser percebido como uma das estratégias utilizadas pela revista para ressaltar um elemento comum compartilhado entre todos os judeus residentes no país, imigrantes ou não, num claro movimento de busca pela unidade:

Ainda uma vez ocupando a atenção dos meus correligionários, lembro-lhes com satisfação quão gratos devemos ser a esta terra bemdicta do Brasil onde todos gozamos de liberdade, vivemos felizes e podemos socorrer nossos irmãos que em outros países do mundo que ora sofrem das misérias da guerra.⁵⁸

O Brasil é, deste modo, retratado nas páginas d’*A Columna* como uma nação acolhedora, generosa e justa, e, se há mal-entendidos, eles são consequência do pouco conhecimento e não da hostilidade pura e simples aos judeus. Assim, a unidade se constituiria a partir da diferença entre os judeus radicados no Brasil em relação a todos os outros. Diferença essa concebida a partir da oposição entre aqueles que usufruem de suas liberdades (nós) e aqueles que tem suas liberdades talhadas pelas nações que lhes perseguem (eles).

Para além da utilização da ideia de judeu brasileiro como forma de indicar uma aproximação com a sociedade mais ampla e de estabelecer um denominador comum, a escolha do português como idioma também nos fornece indícios sobre que tipo de comunidade está sendo proposta pel’*A Columna*. É importante salientar que o uso do português pela imprensa imigrante no Brasil não é algo raro, mas quando feito, na maioria dos casos, possuía duas características fundamentais: o desejo de aproximar o núcleo imigrante da sociedade mais ampla

⁵⁷ GRÜN, Roberto. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In.: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p.353-381.

⁵⁸ **A Columna**. Rio de Janeiro: n° 08, 04 de agosto de 1916. p.117.

na qual estava inserido e o caráter educativo, ligado à função didática que o ato de ler em outra língua representa.⁵⁹

Tendo em conta a grande diversidade de idiomas falado pelos judeus que viviam no Rio de Janeiro, escolher o hebraico, o ídiche ou qualquer outro acarretaria a exclusão automática de todos aqueles que não dominassem esse idioma. A escolha do português, assim, nos parece, estar ligada ao princípio de que em algum momento o imigrante judeu, bem ou mal, teria que aprender a língua vernácula; e aprender o português poderia se tornar um passo importante no estabelecimento de relações e laços com a sociedade brasileira. Para além disso, era um caminho possível para aproximar e diminuir as diferenças tão marcantes desse núcleo imigrante, sobretudo as diferenças linguísticas. Em um artigo assinado por David José Perez em que discute as dificuldades de diálogo entre os diversos grupos de judeus existentes no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro, lemos:

[...] surge a dificuldade própria da heterogeneidade de línguas, e uma assembleia por esses elementos seria a coisa mais incongruente e anárquica que se pode imaginar pela simples razão de não haver a *unidade de língua* [...]. Mas para isso não há grande dificuldade em achar o remédio. Basta que fundemos escolas onde se estudem, além de outras disciplinas uteis, o português e o hebraico [...].⁶⁰

Assim, e levando em consideração as escolhas dos editores e os elementos utilizados para operar na formação de uma comunidade judaica, tudo nos leva a crer que o modelo de constituição comunitária proposto nas páginas d'*A Columna*, para além da criação de instituição, associação e estabelecimentos marcadamente judaicos⁶¹, está baseado no aprendizado do português, seja como elemento capaz de diminuir as diferenças linguísticas possibilitando o diálogo entre os diversos segmentos, seja como meio de aproximação e interação entre o núcleo judaico e a sociedade mais ampla. Podemos considerar que a própria trajetória e as vivências do idealizador e editor chefe d'*A Columna* que, por vezes, tiveram peso significativo nos posicionamentos assumidos pela revista reforça a premissa de que prevaleceu n'*A Columna* ações ligadas a estratégias de aproximação e integração⁶², diferentemente de

⁵⁹ ESCUDEIRO, Camila. **Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos *Mundo Lusíada e Albora***. Dissertação (comunicação social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP. p.215. 2007.

⁶⁰ **A Columna**. Rio de Janeiro: nº 06, 02 de junho de 1916. p.78-79.

⁶¹ Sinagoga, escola, Bassar-Kascher, Cchochet, Mohel diplomado, cemitério, entre outros.

⁶² Entendemos “integração” como sendo um processo pelo qual diferentes grupos mantêm suas fronteiras e singularidades participando, ao mesmo tempo e igualmente, da sociedade mais ampla da qual fazem parte. Dito isso, pensamos que a ideia de assimilação – processo pelo qual uma cultura minoritária é absorvida pela cultura

assimilação, da comunidade com a sociedade brasileira, David José Perez, nascido no Brasil, tinha pleno domínio do português, algo raro entre os judeus residentes no país e, embora Perez tenha sido um líder comunitário e um sionista dedicado, seu convívio social não se restringia aos núcleos judaicos. Frequentou lojas maçônicas⁶³, atuou como escritor e jornalista em vários jornais cariocas desde sua chegada ao Rio de Janeiro (1906), era muito prestigiado nos círculos profissionais ligados à docência e à administração escolar⁶⁴ e casou-se com uma moça católica.⁶⁵

Perez relacionava-se e atuava nas duas esferas – núcleo judaico e sociedade brasileira – de maneira concomitante, evidenciando que tal aproximação era muito benéfica, já que lhe conferia prestígio junto a vários segmentos. Outro indício importante do desejo de integração, como mencionado anteriormente, é a própria participação de um não-judeu na revista, Álvaro de Castilho.

Há ainda uma mudança n’*A Columna* sobre a qual devemos nos deter, pois também nos fornece elementos importante para a compreensão do que está sendo proposto enquanto comunidade. Nas edições 1 e 2 de 1916, logo abaixo do título, vinha a inscrição “Orgão dos interesses do Povo Judeu no Brasil” (figura 6). A partir da edição de número 3, a anotação passou a ser “Orgão dos interesses dos Israelitas no Brasil”:



Figura 8. *A Columna*. Rio de Janeiro. n.º 3, 03 de março de 1916.

majoritária com a consequente perda de suas características particulares- não se define como proposta d’*A Columna*.

⁶³ Segundo Nachman Falbel, David José Perez teria se afiliado a três lojas maçônicas distintas nos anos de 1908, 1917 e 1948, todas na cidade do Rio de Janeiro.

⁶⁴ Perez atuou como docente e, posteriormente, como diretor em alguns dos colégios mais renomados do Rio de Janeiro, entre eles o Colégio D. Pedro II, o Ginásio Pio Americano e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

⁶⁵ FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

Mudança sutil que poderia passar despercebida, se também não representasse uma alteração na forma de operar com os termos “judeu” e “israelita” ao longo dos textos publicados na revista. Digno de nota é o fato de que ao mesmo tempo em que se institui e é divulgada a ideia de judeu brasileiro a palavra “judeu” é substituída no subtítulo da revista. A que isso se deve? Quais são as implicações dessa mudança?

Na tentativa de compreender o significado da mudança investigar a origem etimológica dos termos “judeu” e “israelita”, em associação com específicas características etnológicas pouco nos ajudou, já que ambos provêm dos textos bíblicos e foram utilizados desde então, quase que naturalmente, como sinônimos para se referir a um mesmo grupo de indivíduos.⁶⁶ Assim, coube-nos a tarefa de mapear o emprego desses termos n’*A Columna*, buscando compreender de que forma eles aparecem e são utilizados. Para isso nos concentramos, sobretudo, nos artigos de fundo e nos textos escritos por David José Perez e Alvaro de Castilho nos quais foi possível perceber nuances e variações em seus usos.⁶⁷ Em “Synagoga do Centro Israelita de S. Paulo”, artigo que narra a participação de David José Perez na cerimônia de lançamento da pedra fundamental do primeiro edifício, construído especificamente para ser uma sinagoga no Brasil, lemos:

Fallou também o nosso director [...]. Expoz em seguida a tradição histórica e moral da Synagoga e sua significação para o mundo, para o povo judeu em geral e particularmente para os Israelitas do Brasil, terra onde o judaísmo parecia condenado a morte pelo indifferentismo dos nossos próprios correligionários para com os assumptos que nos dizem respeito.⁶⁸

Para além das duras críticas aos judeus residentes no país, esse trecho sintetiza com clareza como a revista passou a operar a partir da edição de número 3 de 1916 com os termos “judeu” e “israelita”. Quando se quer falar no sentido amplo de povo, se utiliza “povo judeu”, a “nação judaica”, a “cultura judaica”, entre outros; mas, quando se quer tratar especificamente dos indivíduos que estão no país, emprega-se “israelita”, “colônia israelita” ou ainda “sociedade israelita brasileira”.⁶⁹

⁶⁶ Isso não significa que os termos têm a mesma origem – “Israelita” nasce associado à história de Jacó; enquanto “judeu” tem referência direta à história da tribo de Judá – mas que essas origens não mantêm nenhuma relação com o modo pelo qual esses termos são empregados na revista.

⁶⁷ A maior parte do conteúdo d’*A Columna* é de traduções de textos publicados em jornais e revistas internacionais, por esse motivo nosso trabalho se concentrou nos textos inéditos escritos especificamente para serem publicados na revista. Coincidentemente, a maioria desses textos são de autoria dos fundadores da revista, David José Perez e Alvaro de Castilho.

⁶⁸ *A Columna*. Rio de Janeiro: n°13, 05 de janeiro de 1917. p.05.

⁶⁹ Trata-se de uma tendência, e não de uma regra, que se verifica quando se toma a revista na totalidade de suas edições.

Tal adoção do termo, além de buscar demarcar a condição privilegiada⁷⁰ dos indivíduos que estão no Brasil em relação a de todos os outros que não estão e que constantemente se veem em condições desfavoráveis, permite outra inferência: a preferência pela palavra “israelita” pode estar ligada também às disputas enfrentadas pela própria *A Columna* quando do empenho em fixar uma imagem positiva dos judeus frente à sociedade brasileira.

Como dito anteriormente, há na imprensa carioca daquele tempo uma associação, quase que automática entre a figura do imigrante judeu ao tráfico de escravas brancas. Para além disso, ainda é muito presente nessa imprensa certos estereótipos consagrados no teatro e na literatura – a mãe judia, o banqueiro judeu e o judeu avarento – que colaboraram na criação de uma imagem negativa do judeu no Brasil.⁷¹ Nesse sentido, é possível inferir que a substituição da palavra “judeu” por “israelita” n’*A Columna*, no subtítulo e na forma de se referir ao judeu radicado no país também seja uma maneira de se desvencilhar da conotação negativa que o termo – judeu – mantinha. Algo parecido já ocorria na Europa desde o século XIX, sobretudo na Alemanha. Quando Isaak Markus Jost⁷² publicou sua história dos judeus em 1820

[...] o primeiro de nove tomos da obra fundamental História dos israelitas do tempo dos macabeus aos nossos dias. O termo “israelita”, que os alemães começaram a usar para si mesmo, foi escolhido para ser agradável aos ouvidos e para evitar o de “judeu”, carregado de conotações muito negativas.⁷³

Diante do exposto até aqui, fica evidente que o projeto de comunidade encontrado nas páginas d’*A Columna* vai muito além da simples proposição de instituições judaicas. É claro que elas são parte fundamental, mas o que está sendo formulado é algo muito mais complexo. Ao longo das edições vai se configurando e se atribuindo aos judeus radicados no Rio de Janeiro um caráter de excepcionalidade, oriundo de uma condição completamente nova, a formação de um núcleo judaico em uma país que não lhes imputa restrições de nenhuma ordem. Há, assim, a demarcação de uma diferenciação entre os judeus que estão no Brasil e todos aqueles que não estão, se estabelecendo um “nós” e um “eles”; disso decorre diretamente a formulação da ideia de judeu brasileiro.

⁷⁰ É constante nas páginas d’*A Columna* a ideia de que os judeus radicados no Brasil se encontram em condições privilegiadas se comparados a seus correligionários, sobretudo, os do leste europeu que sofrem com as constantes políticas segregacionistas.

⁷¹ VIEIRA, Nelson H. (org.). **Construindo a imagem do judeu**. Tradução de Alexandre Lissovsky, Elizabete Lissovsky. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

⁷² Isaak Markus Jost (1793-1860), judeu nascido na Alemanha foi um dos primeiros escritores a propor e a escrever uma história do povo judeu em perspectiva histórica.

⁷³ SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu: da bíblia ao sionismo**. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011. p.126.

A hifenização de uma auto referência por si só já dá indícios da aproximação entre dois grupos⁷⁴, ademais *A Columna* parece propor em suas páginas a construção de uma comunidade judaica que esteja integrada à sociedade brasileira, inclusive como forma de evitar e combater aquilo que se denomina “mal-entendidos”. A revista busca talhar uma imagem positiva, desvinculada das conotações negativas associadas ao termo judeu, e tudo nos leva a crer que por esta razão opta, preferencialmente, pelo uso de “israelita” para fazer referência aos judeus residentes no Brasil. Nessa proposta de participação e/ou integração, a escolha do português, como língua por meio da qual se versa a mensagem da revista, também se mostra como elemento fundamental, já que o diálogo entre o núcleo judaico e a sociedade mais ampla só se faz possível através da língua em comum.

O português também aparece nas páginas da revista como uma possibilidade para diminuir as diferenças existentes entre os próprios judeus. No entanto, propor o aprendizado e o uso da língua vernácula não seria suficiente para minimizar as diferenças tão marcantes do núcleo judaico radicado no Rio de Janeiro - até porque há indícios⁷⁵ de que o uso do português n’*A Columna* não agradou parte dos imigrantes, sobretudo os de fala iídiche que, já na década de 1910, eram maioria – afinal, as diferenças não eram apenas de ordem linguística.

Nesse sentido, é importante lembrar que,

Para que se forme uma comunidade, a identidade dos indivíduos que a compõem precisa ser construída e reforçada. Para que isso ocorra é necessário selecionar um ou mais traços que caracterizam os indivíduos e eliminar aquilo que pode dividi-los.⁷⁶

Aqui um outro elemento é adicionado à equação, o sionismo. Tendo em vista destacar as semelhanças e, em certa medida, apagar as diferenças, o discurso d’*A Columna* ligado ao nacionalismo judaico também tem peso significativo nesse projeto de comunidade em construção, já que este se constituiria não só como elemento de identificação, mas também como instrumento gerador de unidade em um ambiente marcado pela diversidade, dado que o movimento sionista visa desconstruir as fronteiras internas do judaísmo, sobretudo, “[...]”

⁷⁴ LESSER, Jeffrey. **A Negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres, 1ª edição 1999. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

⁷⁵ No ano de 1917 foi lançado um concurso para escolher entre o hebraico e o iídiche, tendo em vista a intenção de publicar algumas páginas em um segundo idioma. De acordo com os votos publicados na revista nominalmente ao longo das edições, o idioma escolhido foi o iídiche, apenas os assinantes puderam participar do concurso.

⁷⁶ BRUMER, Anita. A identidade judaica. In.: SLAVUTZKY, Abrão. (org.). **A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre – RS: Artes e Ofícios, 1998. p.176-191.

através da identificação de símbolos míticos que se referem a todos os judeus como Eretz Israel (a terra de Israel), o lar nacional dos judeus, uma terra sem povo, para um povo sem terra [...].”⁷⁷

Deste modo, poderíamos sintetizar o projeto de comunidade d’*A Columna* em três pontos: 1) criação de instituições necessárias à prática e à manutenção da cultura e da religião judaica; 2) a integração da comunidade judaica à sociedade mais ampla, em proveito do que se incentivava o uso do português e buscava-se criar uma imagem positiva dos membros desta comunidade, adotando, sobretudo, para a eles se referir, bem como à própria comunidade, o termo israelita; 3) a forja da unidade dos israelitas a partir do discurso sionista, pois este possuía a capacidade de falar aos corações de todos os judeus independente de sua origem ou língua.

Ao longo deste capítulo buscamos enfatizar as características d’*A Columna*, quer formais ou de discurso, que a torna tão atraente enquanto objeto de estudo, principalmente, por sua complexidade de posicionamentos. Também procuramos explorar dois de seus campos de atuação; o primeiro dele mais voltado à sociedade brasileira no qual se buscava combater a associação dos imigrantes judeus com a prostituição. Valendo-se de uma postura combativa, inclusive com a publicação de cartas e textos críticos na imprensa carioca, a revista, fundada por Perez, tinha como intuito instruir a população brasileira sobre o que era o judeu e o judaísmo. Assim, essa busca por diálogo proporcionava, em certa medida, um estreitamento de laços entre *A Columna* e alguns setores da sociedade mais ampla.

No último tópico, tratamos do segundo campo de atuação da revista, mais voltado para o imigrante judeu, no qual procuramos analisar o projeto comunitário proposto pela revista, enfatizando os elementos que nos parecem ser constituintes desse programa. Foi possível, então, perceber a complexidade do que estava sendo proposto. Para além da criação de instituições que possibilitassem a manutenção dos costumes e que propiciassem o diálogo entre os vários segmentos, o projeto comunitário d’*A Columna* também passava pela aproximação e integração com a sociedade brasileira e pela forja de uma unidade por meio do discurso sionista. Havendo, assim, um movimento de duplo sentido. Por um lado, incentiva-se a integração e a participação do judeu na sociedade brasileira, por outro, busca-se criar uma unidade a partir de um discurso que tem entre suas premissas a imigração para o futuro Estado judeu.

Trataremos a seguir mais detalhadamente sobre o terceiro campo de atuação d’*A Columna*, o discurso sionista e sua propagação, tendo em vista compreender melhor as implicações desse movimento de duplo sentido, que, por essência, é ambíguo, buscando

⁷⁷ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição – Curitiba: Editora Prisma, 2015. p.45.

também coletar os elementos necessários que nos permitem responder o questionamento que norteia esse trabalho: Qual teria sido o papel d'*A Columna* e do sionismo na constituição de uma identidade comunitária entre os judeus radicados no Rio de Janeiro, e como eles se articularam e negociaram com a grande diversidade do próprio elemento judeu em proveito da constituição de uma homogeneidade.

CAPÍTULO III – *Sionismo na revista*

Não é de se estranhar a persistente tendência de ver Sion redimida, se tomarmos em consideração que todos os momentos da vida judaica sempre estiveram ligados a Eretz Israel. Em suas preces, em tradições, em todos os seus atos, cada judeu lembra que foi exilado de sua pátria e despojado de seu centro espiritual.¹

O termo “sionismo” pode ser entendido, em linhas gerais, como desejo de retorno a Sião². Segundo Lissovsky, a palavra teria sido cunhada por um judeu da Galácia³, de nome Bember, em finais do século XIX.⁴ No entanto, a premissa do retorno é muito mais antiga, remontando à dispersão decorrente da destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos em 70 a.C.; desde então, pairou na história e na memória dos judeus a vontade de ver seu antigo lar restaurado. Ao longo dos séculos, tanto no âmbito religioso quando laico, muitos foram os grupos que pregaram a volta à região da Palestina. Teólogos, poetas, literatos e políticos escreveram obras em defesa dessa ideia⁵, mas foi somente no século XIX, inspirado pelos movimentos nacionalistas que eclodiram por toda a Europa, que o ideal ganhou contornos de movimento político organizado.

O livro *Der Judenstaat* (O estado judeu) escrito por Theodor Herzl⁶ foi publicado simultaneamente em alemão, francês e inglês no ano 1896 e é tido como ponto de viragem dentro de uma longa tradição de escritos. Considerado por muitos como a certidão de nascimento do que viria a ser o sionismo político⁷, a obra de Herzl, longe de ser um tratado

¹MALAMUD, Samuel. **Documentário: contribuições à memória da comunidade judaica brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.253.

² Sion, Sião ou Monte Sião é o nome dado a uma montanha localizada em Jerusalém, próxima às muralhas da cidade antiga. No transcorrer do tempo o nome da montanha passou a ser utilizado para referenciar a Terra de Israel.

³ Região histórica que corresponde hoje à província de Yozgat na Turquia.

⁴ LISSOVSKY, Alexandre. **2000 anos depois: o renascimento de Israel**. 1ª edição 1967. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. SciElo Books.

⁵ Para citar alguns nomes: James Bicheno, Lord Bryron, Benjamin Disraeli, George Eliot e Lord Shaftesbury.

⁶ Theodor Herzl (*Benjamin Ze'ev* em hebraico) nasceu em 02 de maio de 1860 em Budapeste, Hungria; estudou direito em Viena, mas escolheu dedicar-se ao jornalismo e à literatura. Foi correspondente do *Neur Freie Presse* em Paris e acompanhou de perto toda a polêmica e repercussão do caso Dreyfus (1894), fato esse que teria sido fundamental para a reaproximação de Herzl da vida judaica e servido de incentivo para a escrita do *Estado Judeu*, publicado em 1896. Considerado como fundador do sionismo político, esteve a frente do movimento até 1904, ano de seu falecimento. Para mais informações indicamos a leitura de ZWEIG, Stefan. **Theodor Herzl, o mentor: um ensaio**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2014. [Ebook Kindle]

⁷ Movimento político de caráter nacionalista surgido no final do século XIX que tinha como propósito criar um Estado Nacional Judaico por meio da diplomacia. Diferente, portanto, do sionismo religioso existente até então, que acreditava que a criação de um Estado se definia como uma das obrigações impostas pela Tohah, ou seja, um dever inerente ao judaísmo.

político ou uma obra literária, é, em essência, um plano de ação pensado sob o ponto de vista da real possibilidade de se criar um Estado judeu independente. Herzl não considerava a questão judaica

[...] nem como uma questão social, nem como uma questão religiosa, qualquer que seja aliás o aspecto particular sob o qual ela se apresenta, conforme os tempos e os lugares. É uma questão nacional, e para resolvê-la, é-nos preciso antes de mais nada fazer dela uma questão política universal [...].⁸

Embora Herzl divulgasse em seu livro ideias já há muito debatidas e amplamente conhecidas, sua obra foi recebida com certa hostilidade, sobretudo por parte dos judeus que se encontravam integrados às sociedades em que viviam; temiam que as nações que os acolheram os vissem como ingratos e desconfiassem de sua lealdade. Ainda que em meio à desconfiança e intensas críticas, um ano após a publicação do livro, realizou-se na Basileia o Primeiro Congresso Sionista⁹, no qual consolidou-se o sionismo enquanto movimento político, e estabeleceu-se, por meio do Programa da Basileia¹⁰, as ações e o caminho a ser percorrido pelo movimento a partir de então. Mas foi a criação da Organização Sionista Mundial (OSM)¹¹ que possibilitou de fato a expansão do sionismo e a fundação de organizações e grupos sionistas em diversos países da Europa e da América, inclusive no Brasil.

Sabe-se que já em 1901 judeus de origem marroquina, que viviam no norte do Brasil e que se auto identificavam como sionistas, procuraram estabelecer contato com a OSM, fundando, inclusive, a primeira organização sionista do país em 1901, a *Oabei Sion*¹² localizada no interior do Pará. Michel Gherman, por meio de um estudo minucioso dos arquivos da OSM, encontrou algumas correspondências trocadas entre judeus que vivam no país e a organização, entre os anos de 1905 e 1913. Dentre eles encontravam-se David José Perez e Mauricio Klabin,

⁸ HERZL, Theodor. **O estado judeu: ensaio de uma solução da questão judaica**. 1º edição 1896. Tradução de David José Perez. São Paulo: editado pela Organização da Pioneira Judia. 1949/5709. p.42-43.

⁹ Ocorrido entre os dias 29 e 30 de agosto de 1897, contou com a participação de mais de 200 delegados oriundos de várias partes do mundo, além de jornalistas e convidados especiais. Foi presidido por Theodor Herzl a quem coube o discurso de abertura.

¹⁰Conhecido também como Programa Sionista, foi elaborado por Max Nordau. Cf.: LISSOVSKY, Alexandre. **2000 anos depois: o renascimento de Israel**. 1ª edição 1967. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. SciElo Books. p.73.

¹¹ Criada durante o Primeiro Congresso Sionista em 1897, a OSM tinha como objetivo promover a organização e regulamentação das colônias judaicas na Palestina; para isso aglutinava em seus vários órgãos diferentes grupos, entidades e partidos alinhados à agenda sionista.

¹² Sobre essa organização, infelizmente, temos poucas informações.

o que indica que, muito antes de haver comunidade organizada ou mesmo movimento sionista no Brasil, já existia, por parte de alguns indivíduos, curiosidade e interesse pelo sionismo.¹³

A primeira instituição sionista organizada do Brasil a manter contato de forma contínua com a OSM foi a *Thiferet Sion*, fundada no Rio de Janeiro em 1913 por Jacob Schneider¹⁴; sua principal missão era a arrecadação de fundos que se destinariam aos projetos da OSM. Ter uma relação de proximidade com o núcleo judaico fixado no Rio de Janeiro era fundamental à *Thiferet Sion* para manter o fluxo constante de doações.

Com a criação d'*A Columna* em janeiro de 1916, o movimento sionista do Rio de Janeiro ganhou não só um aliado na propagação dos seus ideais, mas, sobretudo, um porta voz e uma plataforma de alcance local e nacional.

Diante disso, esse capítulo tem por finalidade abordar as formas e os meios pelos quais o sionismo foi retratado nas páginas d'*A Columna* e sua relação com a *Thiferet Sion*. Também procuraremos expor as particularidades desse sionismo e como e até que ponto ele contribuiu para a formação de uma configuração identitária entre os judeus radicados no Rio de Janeiro em princípios do século XX.

3.1 O despertar

Afirmar categoricamente que a *A Columna* é um periódico sionista desde seu primeiro número talvez seja imprudente. No entanto, não há como negar que já havia em sua edição inaugural indícios do posicionamento político de seus editores e que tais indícios vieram a se confirmar e se consolidar nas edições seguintes, colocando a revista como um dos primeiros meios de comunicação impressa a divulgar e defender o movimento sionista no Brasil.

Na primeira edição d'*A Columna*, publicada em 14 de janeiro de 1916, a menção ao movimento sionista aparece na forma de uma pequena biografia de Theodor Herzl, assinada por David José Perez, na qual procura expor a trajetória de vida do líder sionista, seu papel e atuação junto ao movimento. É possível perceber nesse texto uma certa admiração e exaltação

¹³ GHERMAN, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018.

¹⁴ Judeu nascido na Bessarábia em 1887, imigrou para o Brasil em 1903, aos 16 anos. Inicialmente instalou-se no interior de São Paulo, na cidade de Franca, onde já viviam alguns de seus parentes. Dedicou-se ao comércio e, após auferir certo sucesso nos negócios, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro em 1909 onde fundou a Casa Sion. Schneider destacou-se enquanto líder comunitário, mas sua principal atuação foi junto ao movimento sionista, tendo sido ele o fundador da *Tiferet Sion* (1913). Para mais informações, recomendamos a leitura de FALBEL, Nachman. Jacob Schneider e a comunidade judaica no Brasil. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008. p.601-632.

da figura de Herzl. Importante notar que esse é o único texto ilustrado da edição número um, tendo sido impressa uma foto do líder sionista a ocupar meia página.

Embora o texto escrito por Perez esteja repleto de trechos interessantes, há um que muito nos chama à atenção. Trata-se de um dos parágrafos iniciais em que é descrita a grande dificuldade encontrada por Herzl, a divisão existente entre os judeus que se congregavam em dois grandes grupos. Um, chamado de liberal, que reunia de reformistas aos livres-pensadores que pouco ou nada queria saber sobre o passado. O outro, tido como conservador, mais ligado às questões religiosas e pouco afeito a política. Diante desse cenário, Perez firma:

[...] quem quisesse falar aos Judeus em movimento nacionalista, encontraria de um lado o desamino e o indifferrentismo e do outro ignorância e fanatismo.
Como, pois, levantar o sentimento deste povo?¹⁵

Ainda que estivesse referindo-se a Herzl e às dificuldades enfrentados por ele, a divisão entre os judeus e a dificuldade de uni-los também era preocupação inerente a Perez. Como fazer tantos caminhos divergentes convergirem em uma só direção? O desafio era imenso dada a existência de múltiplos grupos e correntes judaicas, quer religiosas, quer políticas, tendo sido enfrentado por Herzl no âmbito internacional, mas também por Perez no âmbito local. Este último parece-nos ter fundado *A Columna* como meio de buscar construir uma coesão entre os judeus radicados no Rio de Janeiro tendo se valido do nacionalismo judaico como elemento de aproximação.

As referências ao sionismo aparecem nas páginas d'*A Columna* de muitas maneiras, às vezes na forma de um poema, como é o caso de “Israel”, escrito por J. Benedicto Cohen¹⁶, no qual se pode ler na primeira estrofe uma clara alusão ao anseio e à certeza da criação de um Estado judeu:

Israel! Israel! As santas profecias
Dos teus santos *Nobis*, realizam-se por certo!
A Europa em convulsões nos mostra a descoberto
O fim do teu *Galuth* e os ditos de Isaias...¹⁷

¹⁵ **A Columna**. Rio de Janeiro. n°1, 14 de janeiro de 1916. p.05

¹⁶ Temos poucas informações a seu respeito, sabemos apenas que residia em Itacoatiara (AM) e que, além de dentista e professor, era também poeta, escritor e tradutor. Cohen é autor da maioria dos poemas publicados n'*A Columna*.

¹⁷ **A Columna**. Rio de Janeiro. n°s 17 e 18, 04 de maio e 01 de junho de 1917.

Ou ainda, nos versos do rabino Jehudá Halevy¹⁸, traduzidos por José Bononiel¹⁹ e reproduzido na edição de agosto de 1916, com o título “Sião”:

Sião, obre Sião, dos filhos teus aflitos.
E pelo mundo fóra errantes e proscriptos.
Não tens saudades, não?
Não pensas nos que em ti pensamos noite e dia,
Cifrando em tua paz a única alegria
Do nosso coração?

[...]

Que se de pranto fonte enexaurível, pura.
Sou para lamentar a imensa desventura
Da tua assolação:
Jucunda harpa serei, de eccentos crystallinos.
Para cantar, oh! Pátria, os cânticos divinos
Da tua redempção!²⁰

No entanto, a maneira mais recorrente de se abordar o sionismo é na forma de notícia, sobretudo acontecimentos e eventos ligados diretamente às ações do movimento sionista na Europa. Essas notícias aparecem, em sua maioria, na seção “Movimento Sionista”, que foi publicada pela primeira vez já no segundo número da revista, datado de 2 de fevereiro de 1916.

O primeiro texto publicado nessa coluna “A Terra da Palestina”, da autoria de Max Fineberg²¹, abordou a criação e a atuação do *National Fund* – órgão responsável pela aquisição de terras na Palestina destinadas à implementação de colônias judaicas – dando especial ênfase ao esforço despendido por números judeus para que essas colônias tivessem condições de serem implementadas. Embora tocasse em um dos principais temas de interesse da revista, a coluna “Movimento Sionista” foi publicada de maneira esporádica ao longo do ano de 1916. Depois da edição de fevereiro, voltamos encontrá-la novamente somente nos números de julho, agosto e dezembro.

Nos números de 1917 ela, no entanto, aparece em quase todas as edições, com a exceção do número de janeiro. Importa pontuar que, a partir de maio de 1917, a coluna deixa de chamar-

¹⁸ Considerado um dos melhores poetas medievais de língua hebraica, é o inventor do gênero “sionida”, caracterizado pela grande estima à Israel.

¹⁹ Nasceu no Tanger (1888-1937), intelectual poliglota marroquino-português, foi professor da Rede Aliança Israelita na Palestina e da Faculdade de Letras de Lisboa. Correspondeu-se com David José Perez por algum tempo.

²⁰ **A Columna**. Rio de Janeiro. n° 8, 04 de agosto de 1916. p.111.

²¹ Não foi possível encontrar muitas informações a seu respeito, sabemos apenas que teria emigrado dos Estados Unidos. Quando o texto foi publicado era o então presidente da *Tiferet Sion*.

se “Movimento Sionista” e passa a intitular-se “Movimento Nacionalista”. Não foi possível identificar nas páginas da revista qual teria sido a causa dessa mudança já que, na prática, o conteúdo dos textos continuou sendo o mesmo. Pode-se, porém, especular se tal mudança não teria sido uma tentativa de angariar um número maior de simpatizantes - embora fosse comum naqueles dias usar o termo sionismo como sinônimo, quase que natural, de nacionalismo judaico. O fato é que a ideia de “nacionalismo judaico” engloba uma série de grupos laicos e religiosos, que defendiam a criação de um Estado judeu independente e não necessariamente alinhados ao programa sionista.²²

O movimento sionista no Brasil naqueles idos tinha como centro das suas atividades a arrecadação de fundos que se destinariam à compra de terras na Palestina, e assim quanto maior fosse o número de pessoas que se sentissem atraídas pelas ideias e propostas expostas nas páginas d’A *Columna*, maior, por consequência, também seriam os donativos. Já no final de 1916 durante uma conferência realizada no Conservatório de Música de São Paulo, David José Perez proferiu um discurso longo e acalorado que foi transcrito nas páginas da revista com o título “União”; nele, Perez, depois de fazer uma breve explanação sobre a história do povo judeu e suas mazelas, diz:

Centenas de milhares de criaturas humanas pertencentes ao nosso sangue sofrem as consequências desta criminoso calamidade, para qual não concorreremos e que também esperam de nós um balsamo suavizador dos seus males.

E agora, senhores, estendei a mão caridosa e fazei o bem em profusão. Dae quanto puderdes, pois que cada um de vossas dadivas irá estancar as lágrimas de uma dessas victimas e quando todas não sejam contidas, ao menos restará a esses nossos irmãos a consolação de saber que nos mais afastados recantos do globo outros por eles trabalham.²³

Não podemos esquecer que a Europa estava em guerra e que, além da compra de terras na Palestina, parte das doações destinava-se aos judeus atingidos pelo conflito. Tal fato, associado às inúmeras cartas enviadas às lideranças sionistas do Rio de Janeiro pela OSM, pressionando para o envio de valores,²⁴ leva a pensar que *A Columna* tenha mudado a nomenclatura da seção, para atingir e comover um público maior; pelo mesmo motivo, também, poderíamos explicar a maior ocorrência dessa coluna ao longo das edições publicadas em 1917.

²² PINSKY, Jaime. **Origens do nacionalismo judaico**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

²³ **A Columna**. Rio de Janeiro. nº11, 03 de novembro de 1916. p.181.

²⁴ GHERMAN, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambigüidades da história**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018.

Como mencionado anteriormente, embora o título da coluna tenha mudado, o seu conteúdo continuou o mesmo. Em essência, eram textos de propaganda, destinados não só a divulgar os feitos já realizados, mas, sobretudo, evidenciar que tais feitos só foram possíveis graças aos esforços de judeus que se encontravam nos quatro cantos do mundo. Na edição de agosto de 1916, a referida coluna trouxe um texto intitulado “Nas trincheiras e galerias da linha de frente mais se acentua o amor a Sion”, em que se relata o empenho despendido pelos soldados alemães e austríacos:

Aproveitando todo tempo disponível que as obrigações militares podem dispensar fazem coletas para aumentar o quinhão de terras que possuímos na Palestina, animam o sentimento judeu nacionalista chegando, muitos deles, à excessiva dedicação de deixarem em testamento ao Fundo Nacional todos os seus bens, antes de entrar em combate.²⁵

Há no trecho acima um certo apelo sentimental associado à ideia de sacrifício em nome de um ideal maior; também não é difícil de encontrar nesses textos as noções de dever e devoção para com a nação a ser restaurada.

Importante dizer que tais características também são encontradas em outros textos, inclusive, de maneira mais intensa e mais explícita. Além disso, ainda é possível perceber nos artigos publicados ao longo das vinte e quatro edições uma mescla de fatos contemporâneos - ligados à guerra e à situação de penúria dos judeus no leste europeu - e narrativas de um passado de perseguições e segregações para, de algum modo, evidenciar a necessidade e a urgência do projeto sionista.

Alexandre Algranti²⁶ no artigo intitulado “Perseguição aos Israelitas”²⁷, que ocupa mais de quatro páginas, nos dá uma amostra de como o discurso sionista impresso *n’A Columna* se apropria do passado e, o mais importante, como o configura:

Desde que o povo judeu foi condenado a viver no exílio, destituído da sua glória passada, foi sempre perseguido em todas as partes do Mundo; sempre maltratado e amargurado por seus opressores cruéis, que vêm um perigo no talento e na sabedoria, no desenvolvimento e na rara intelligencia do nosso povo.²⁸

²⁵ **A Columna**. Rio de Janeiro. Nº 8, 4 de agosto de 1916. p.115.

²⁶ Foi um dos primeiros sefarditas a fixar-se na cidade de São Paulo. Intelectual e sionista, manteve relações de amizade com David José Perez. Além de atuar como representante de venda d’*A Columna* em São Paulo, também escreveu artigos e traduziu textos que foram publicados na revista.

²⁷ Trata-se da transcrição de uma conferência realizada na cidade de São Paulo, quando da ocorrência de um evento em benefício da Biblioteca Israelita daquela cidade.

²⁸ **A Columna**. Rio de Janeiro. nº4, 7 de abril de 1916. p.51.

Temos aqui claramente um dos elementos fundantes de parte dos movimentos nacionalistas surgidos entre o século XIX e XX, a ideia de um passado glorioso e de um povo destinado a restaurá-lo.²⁹ Para além disso, Algranti estabelece nesse texto uma linha de continuidade entre a agressão primeira – a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos e a conseqüente dispersão dos judeus – e todas as outras agressões que se seguiram até sua contemporaneidade. Constrói, assim, a ideia de que o povo judeu só encontraria a paz quando tivesse seu antigo lar restaurado.

Os apelos para a restauração e para o despertar nacional são encontrados com frequência sempre que se menciona o movimento sionista ou a necessidade de criação de um Estado judeu independente. Há nas páginas d'*A Columna* o pressuposto do dever de fazer o judeu radicado no Brasil, em especial aquele que se encontrava no Rio de Janeiro, despertar da apatia na qual estava, pois só assim seria possível conectar-se com seu lar ancestral. Para que fosse possível realizar esse despertar, a aproximação com a *Tiferet Sion* foi fundamental.

A primeira entidade sionista da cidade do Rio de Janeiro, a *Tiferet Sion* (Beleza de Sião), foi fundada em março de 1913, após a realização de uma reunião na casa de Jacob Schneider, tendo contado com a participação de 15 pessoas. De imediato a associação buscou estabelecer contato com a OSM tendo em vista conseguir o reconhecimento e o apoio desta. Gherman em suas pesquisas encontrou uma carta datada de janeiro de 1914 assinada por Isak Rotberg³⁰, que, além de apresentar a *Tiferet Sion* e seus membros, enviara ao Fundo Nacional Judaico a primeira doação da associação. Desde então o movimento sionista internacional passou a ter a *Tiferet Sion* como agrupamento oficial no Brasil.

Esse ato de reconhecimento político da entidade carioca como oficial do movimento sionista no Brasil pode ser considerado um fato político novo no ativismo comunitário brasileiro. Durante a primeira década do século XX, as tentativas de contato anteriores entre os sionistas brasileiros e a OSM acabaram não sendo bem-sucedidas, ou por serem muito restritas e pouco representativas, ou por mobilizarem apenas referências individuais sem uma base social considerável.³¹

²⁹ SMITH, Anthony D. **Identidade Nacional**. 1ª edição 1991. Tradução de Cláudia Brito. Lisboa: Gradiva 1997.

³⁰ Sabe-se apenas que teria chegado ao Brasil por volta de 1912, provavelmente, vindo da Romênia.

³¹ GHERMAN, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambigüidades da história**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018. p.235

Sendo a *Tiferet Sion* a representante no Brasil da ampla rede de instituições do sionismo internacional, era mais que natural que a entidade buscasse aproximar-se dos agrupamentos ou organizações com conotações sionistas, e com *A Columna* não foi exceção. Podemos afirmar que essa aproximação se deu quase que imediatamente após o surgimento do periódico. Já no segundo número, de fevereiro de 1916, foi reproduzida uma carta enviada à redação da revista por Max Fineberg, então presidente da *Tiferet Sion*. Na referida carta datada de 24 de janeiro de 1916, lemos em seu trecho inicial:

É sem dúvida com grande satisfação que lhes manifestamos o nosso prazer, os nossos melhores votos e congratulações pela publicação do primeiro jornal judaico em língua portuguesa no Brasil.

Nós membros da “Tifereth Sion” sabemos bem o grande valor desse empreendimento que visa manter um órgão de publicidade para a defesa dos nossos interesses nacionais.³²

É claro que essa aproximação foi benéfica para ambas as instituições. Para a *Tiferet Sion* representava a possibilidade de alcançar um público que se encontrava espalhado pelo país, viabilizando assim o contato com grupos que talvez nem soubessem da existência de uma entidade sionista em solo brasileiro; já para *A Columna* foi o estabelecimento de uma ligação de fato com o movimento sionista. A partir dessa aproximação tornou-se comum a participação de membros da *Tiferet Sion* na revista, fossem como colaboradores ou como representantes de venda.

Desde a edição de março de 1916, a revista passou a publicar o balanço das doações e doadores do Comitê Brasileiro de Socorro aos Israelitas Victimas da Guerra, organização vinculada diretamente aos membros da *Tiferet Sion*. Além disso, passou a publicar as atas das reuniões da entidade sionista, tornando-se, assim, a porta voz oficial da organização.³³ Não obstante, a proximidade entre *A Columna* e a *Tiferet Sion* torna-se mais evidente quando da organização e realização de eventos públicos que visavam não só angariar fundos para o movimento sionista internacional, mas, sobretudo, dar visibilidade aos ideais sionistas.

No dia 21 de maio de 1916 na Quinta da Boa Vista foi realizado uma festa que, segundo a própria revista, foi uma das raras manifestações públicas do judaísmo no Rio de Janeiro.

³² *A Columna*. Rio de Janeiro. n.º2, 04 de fevereiro de 1916. p.24.

³³ *A Columna* também publicou em suas páginas os estatutos e as atas de reuniões de outras instituições, dentre elas destacamos a Sociedade Israelita Syria.

Foi um dia alegre e de expansão ao nosso povo que na sua eterna saudade de Sião recordou sob o afago da querida liberdade americana as gloriosas tradições da nossa antiquíssima historia, antegozando os felizes dias da restauração nacional.

[...]

Tiveram a palavra os oradores: o Dr. David J. Perez que falou em português, o Sr. Rodberg, secretario da Tifereth Sion, em hebraico e o Sr. Schneider em Yidishe.³⁴

O evento tinha a finalidade de arrecadar fundos destinados ao movimento sionista. Para além disso, foi também uma oportunidade de divulgar os ideais sionistas não só para os judeus residentes no Rio de Janeiro como também para a população carioca em geral, já que o evento e as motivações de sua realização foram noticiados por outros órgãos de imprensa. No ano seguinte, quando ocorreu a segunda edição dessa festa, publicou-se na *Gazeta de Notícias*, dia 13 de maio de 1917, uma notícia intitulada “Na quinta da Bôa Vista: uma festa patriótica israelita”. Nela narrou-se a realização de um festival beneficente e, mais uma vez, os idealizadores d’*A Columna* – David J. Perez e Alvaro de Castilho – foram postos lado a lado aos dirigentes da *Tiferet Sion*.³⁵

Outro momento de grande importância na relação entre os dois núcleos do sionismo carioca é a criação do Comitê Organizador do Primeiro Congresso Israelita do Brasil. A primeira menção ao congresso aparece nas páginas d’*A Columna* na edição de agosto de 1917.

No dia 14 de julho passado reuniram-se vários membros da colônia israelita desta cidade para tratar de levar a efeito uma grande manifestação de solidariedade nacional com seus irmãos de raça que ora se agitam em todo o mundo em prol da reconstituição definitiva e firme da sua histórica patria judaica no território da Palestina.³⁶

A reunião foi realizada na sala da *Biblioteca Shalom Aleichem* e contou com a participação dos principais membros da *Tiferet Sion*; David J. Perez por se encontrar enfermo não pode comparecer, mas foi representado por Alvaro de Castilho. Este, inclusive, foi escolhido para presidir a reunião que tinha como objetivo eleger os membros do conselho que tomariam a frente da organização do Primeiro Congresso Israelita do Brasil. Como forma de divulgar e angariar participantes foi impressa uma circular em que, além de expor brevemente

³⁴ *A Columna*. Rio de Janeiro. Nº7, 07 de julho de 1916. p.98.

³⁵ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 13 de maio de 1917, p.02.

³⁶ *A Columna*. Rio de Janeiro. nº20, 03 de agosto de 1917. p.107.

as movimentações no exterior em prol da formação de um Estado judeu independente, salientava a necessidade da participação dos judeus que se encontravam no Brasil.

Irmãos em Israel!

Façamos, pois, que já é tempo, ouvir nossa voz, nós que estamos no Brazil que não devemos nem queremos que alguém nos julgue em lethargio.

Unamo-nos todos os que se acham neste grande e liberal paiz e façamos agir as nossas colletividades estabelecidas no solo brasileiro a fim de partilharmos dos nobilitantes labores que hão de frutificar na expressão suprema de nossa solidariedade por todo o globo – Israel Reconstruida!³⁷

A ideia da realização de um encontro que reunisse representantes das principais instituições judaicas de todas as regiões do país, cogitando-se inclusive a participação de representantes de outros países da América do Sul, parece, segundo a circular, ter surgido do desejo de fazer parte de uma movimentação maior, ligado diretamente às necessidades do movimento sionista e não, necessariamente, de uma demanda local.

Na mesma edição d'*A Columna* em que são dadas as primeiras informações sobre a organização do comitê responsável pela preparação do Congresso, temos um artigo assinado por David. J. Perez, intitulado “Em marcha”. Depois de apresentar um breve panorama da situação dos judeus no Brasil e da atuação da *Tiferet Sion* em prol da causa sionista, Perez fala sobre os preparativos para o Primeiro Congresso Israelita do Brasil, mas diz, em certo trecho, não poder afirmar que

[...] este Congresso, si se puder realizar, realise todos os planos que precisamos pôr em prática; talvez, mesmo, não chegue a ter a importância desejada, mas, uma vantagem com certeza trará: a verificação da energia judaica no Brasil. [...] Demais este Congresso, puramente nacionalista, só vae tratar dos assumptos relativos ao movimento Nacionalista.³⁸

Há claramente no artigo de Perez dúvida quanto a real possibilidade de realização do referido Congresso e, mais do que isso, o próprio Perez parece em determinadas passagens questionar-se sobre quais seriam de fato as contribuições desse evento para o movimento sionista e até que ponto um evento como esse seria capaz de reunir um número considerável de entusiastas para dar fôlego ao sionismo no Brasil. Há um certo tom de descrença e até mesmo

³⁷ Circular do Comitê Organizador do Primeiro Congresso Israelita no Brasil. Apud. Gherman, Michel. **O início do sionismo no Brasil**. p.84-85.

³⁸ **A Columna**. Rio de Janeiro. n.º 20, 3 de agosto de 1917, p.106-107.

de desagrado, embora Perez conclame seus correligionários a endossarem a ideia e participarem do Congresso em vários momentos ao longo do texto.

Em um primeiro momento, podemos atribuir a hesitação de Perez à dificuldade de fazer convergir os diferentes grupos e tendências existentes entre os judeus radicados no Brasil, já que no âmbito local, da cidade do Rio de Janeiro, Perez havia encontrado grandes obstáculos para estabelecer diálogo com os diferentes grupos; as dificuldades em âmbito nacional seriam muito maiores. No entanto, ao olharmos mais atentamente para a proposta do Congresso, é possível verificar um distanciamento entre as ideias defendidas por Perez nas páginas d'*A Columna* e os temas escolhidos para serem abordados no evento.

Um congresso “puramente nacionalista” talvez seja o ponto em que *A Columna* e a *Tiferet Sion* se distanciem e divirjam. *A Columna* foi, sem dúvida, um canal de divulgação e defesa do sionismo, mas também se constituía defensora da formação de uma comunidade judaica organizada. Desta forma, um congresso israelita no Brasil, voltado exclusivamente para a discussão de temáticas externas, pode ter causado certa insatisfação entre os editores da revista.

Embora a ideia da realização do Congresso tenha sido recebida com grande entusiasmo e servido de impulso para a criação de outras organizações sionistas – como a *Shalom Sion* (1917) em Curitiba, a verdade é que o evento, marcado para 15 de novembro de 1916, foi pouco efetivo dado o pequeno número de participantes inscritos. No entanto, sua organização e a preferência dada a certas discussões nos possibilitam encontrar indícios de alinhamentos diferentes entre a *Tiferet Sion* – ligada diretamente ao sionismo prático, tendência dominante dentro do movimento sionista internacional - e *A Columna* – ocupada a desenvolver um sionismo particular.

3.2 Um entre muitos

O sionismo nunca foi um movimento uníssono e, desde seu surgimento, abarcou tendências de caráter secular e religiosa vinculadas ao socialismo, liberalismo e ao conservadorismo. Theodor Herzl ao lançar o *Estado Judeu* e, principalmente, ao viabilizar a realização do primeiro Congresso Sionista Mundial (1897), conseguiu reunir “ideias dispersas e isoladas, organizando-as de modo articulado e coerente, tornando coeso o movimento.”³⁹ Isso

³⁹ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015 p.87.

foi possível graças à formulação de quatro pontos que congregavam os objetivos defendidos pela maioria.

[...] 1) encorajar a colonização da Palestina por judeus agricultores, trabalhadores braçais e artesãos; 2) organizar o povo judeu através da criação de grupos em vários países, cujo objetivo seria promover as metas do movimento; 3) fortalecer a consciência judaica e o sentimento nacional e 4) organizar os esforços políticos para que os objetivos do sionismo obtivessem o apoio dos vários governos do mundo.⁴⁰

No entanto, os desentendimentos e as longas discussões durante os congressos⁴¹ eram constantes, isso porque não havia unanimidade sobre qual seria o melhor e mais efetivo caminho para se alcançar o objetivo maior do sionismo, a criação de um Estado judeu independente. Até a morte de Herzl (1904), o sionismo político, também conhecido como sionismo herzliano, predominou sobre as demais tendências; pressupunha a criação de um Estado pela via diplomática e da negociação, articulando – via OSM – com todos os interessados na Palestina. Após o falecimento do líder sionista, as disputas internas se acirraram e a instabilidade se instaurou, embora tenha havido a eleição de um novo presidente para OSM ligado ao sionismo político, o sionismo prático ganhou ainda mais corpo.

O sionismo herzliano pretende utilizar as estruturas do movimento sionista para efetivar seu antigo plano de articulação política com as potências imperialistas e com os países que tivessem interesse na região. Já os grupos do sionismo prático têm interesses distintos, uma vez que pretendem utilizar a estrutura da OSM para garantir a continuidade e o aumento das ondas migratórias para o território da palestina.⁴²

Dito de outro modo, o sionismo prático enxergava com desconfiança a via diplomática e propunha enquanto alternativa a criação de um Estado judeu por meio de ações mais práticas como a imigração em massa, o estabelecimento de colônias, a criação de entidades e organizações e, se necessário, a luta armada. Os grupos ligados a essa tendência ocuparam os cargos de liderança do movimento sionista ao longo da década de 1910 e fizeram de suas propostas o guia de atuação das organizações e agrupamentos sionistas espalhados pelo mundo.

⁴⁰ Ibidem p.80.

⁴¹ Realizados anualmente.

⁴² GHERMAN, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018. p.123.

Sendo assim, não é de se estranhar que, ao ser criada em 1913, a *Tiferet Sion* tenha se alinhado a essa tendência. No entanto, isto não se verificou em relação à *A Columna*.

A revista idealizada por David J. Perez, desde seu primeiro número, demonstrou estar mais inclinada ao sionismo herzliano ou sionismo político, evidenciado pelas constantes citações a Herzl e a Max Nordau. Interessante notar que ao longo das vinte e quatro edições do periódico nenhuma outra liderança do movimento sionista é citada nominalmente. Embora *A Columna* tenha divulgado as iniciativas de colonização e as campanhas de arrecadação de fundos para a compra de terras e, em certos momentos, tenha tecido elogios a essas iniciativas, classificando-as como necessárias, sempre que se referiu ao sionismo, principalmente nos textos escritos por Perez, Herzl e Nordau são os únicos citados e exaltados como líderes e modelos a serem seguidos.

Depois de apresentar uma biografia do líder sionista, Theodor Herzl, na edição inaugural, *A Columna* publicou no número de abril de 1916 uma carta enviada por Max Nordau à sua redação - resposta a uma solicitação feita meses antes por Perez. Reproduzida na íntegra e ilustrada com uma fotografia de Nordau, a carta continha, segundo seus editores, “orientação segura” para a revista.

Desde que me permittis que vos aconselhe, tenho a dizer-vos que deveis relegar a palno secundario as questões apologeticas, isto é, as que se relacionam com a religião, com o passado longínquo, com o antigo martyriologio, com as santas escrituras do nosso povo, e mesmo deixa-as de parte para cuidar de preferencia da situação actual dos Judeus e dos acontecimentos que lhes dizem respeito. [...]. é preciso despertar, avivar, fortificar o sentimento da solidariedade judaica entre os nossos irmãos brasileiros.⁴³

As orientações dadas por Nordau parecem ter sido seguidas à risca, desde à divulgação da carta - quase nada de cunho religioso ou relacionado à história dos patriarcas⁴⁴ foi publicado nas páginas da revista. Para além disso, o conteúdo dessa carta ressoou por diversas edições, sendo lembrada com orgulho e citada constantemente em diversos artigos assinados por Perez. Mais do que Theodor Herzl, parece ter sido Max Nordau a grande referência a nortear a publicação d'*A Columna*.

Michel Ghreman atribui o alinhamento da revista ao sionismo herzliano e, mais especificamente, às ideias de Nordau ao fato de Perez se encontrar em “uma espécie de

⁴³ *A Columna*. Rio de Janeiro. n° 4, 7 abril de 1916. p.46.

⁴⁴ São três os chamados “patriarcas do judaísmo”: Abraão, Isaac e Jacó.

alienação em relação às disputas e às mudanças ocorridas desde a morte de Theodor Herzl, no interior da OSM.”⁴⁵ Afirmação essa que não se sustenta quando se constata o volume de correspondência trocada entre Perez e amigos residentes na Europa sobre a temática sionista⁴⁶. Ademais, há nas páginas da revista indícios de que os editores d’*A Columna* estavam claramente cientes do caminhar do movimento sionista.

A morte de Theodor Herzl e a Revolução Turca que ocorreu quase ao mesmo tempo, vieram modificar a orientação do movimento sionista. A idéia de obter uma autorização do Governo Otomano foi abandonada porque o regime liberal inaugurado pelos Jovens Turcos, tornou desnecessária tal cousa. Mas se o interesse político do movimento afrouxou, o seu aspecto econômico e social adquiriu nova vida.⁴⁷

Fica evidente que os editores da revista não só conheciam os novos direcionamentos do movimento sionista, como também estavam informados sobre os resultados positivos de algumas das novas medidas implementadas; isso, no entanto, não foi suficiente para que a revista se aproximasse do sionismo prático. Para além disso, mesmo com a proximidade da *Tiferet Sion* e a existência de relações de amizade com alguns de seus membros, *A Columna* continuou a publicar em suas páginas constantes referências às contribuições de Herzl e Nordau ao movimento sionista, elegendo-os como figuras centrais. Ou seja, não era uma questão de desinformação com relação ao que se passava na Europa, mas, sim, de uma escolha.

Mesmo após o fim da revista (1917) – após, inclusive, a fundação do Estado de Israel em 1947 –, Perez continuou a publicar textos sobre Herzl e Nordau. Em sua tradução do livro *O Estado Judeu*, publicado em 1948, em celebração à fundação de Israel, Perez escreveu um prefácio no qual declara:

Não há um só judeu, conhecedor do grande movimento sionista, que não tenha por Herzl um amor extraordinário, e quase místico respeito. E mesmo aqueles que lhe combateram os altaneiros idéias reconheciam nele a personalidade mais notável da raça, o homem talhado para grandes cometimentos.⁴⁸

⁴⁵ GHERMAN, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018. p.64.

⁴⁶ Cf. acervo David José Perez que se encontra no Centro de Documentação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁴⁷ *A Columna*. Rio de Janeiro. N°21,22,23 e 24, set., out., nov. e dez. de 1917. p.135.

⁴⁸ THEODOR, Herzl. **O estado Judeu: ensaio de uma solução da questão judaica**. Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Círculo Bibliófilo Hebraico, 1948 [5708]. p.13.

Embora o prefácio seja dedicado à trajetória de Herzl e a importância de sua obra, são muitas as menções a Nordau e ao papel fundamental que este desempenhou junto ao movimento sionista. Anos depois, no texto intitulado “Max Nordau”, publicado na revista *Aonde Vamos?*, de 9 de junho de 1960, em um dos parágrafos iniciais, lemos:

Há várias formas de se destruir um adversário. Ou se resolve aniquilá-lo fisicamente e fazê-lo desaparecer do cenário da vida, ou se preparam calúnias acessíveis e de vôo rápido para que se manche a vida do homem que causa inveja, ou então, quando não há esses dois recursos, há um terceiro, terrível, doloroso para a consciência humana: o esquecimento. Assim, se tem feito com muitos vultos humanos de valor, e assim se fez com Max Nordau.⁴⁹

O texto se constitui um apelo para que Nordau e sua obra não fossem esquecidos, principalmente, o papel que este desempenhou a favor da ideia herzliana. Perez finaliza o artigo afirmando que considerava lastimável que entre os judeus houvesse uma espécie de “conspiração tácita” para que não se ouvisse falar o nome de Max Nordau.

Verifica-se, deste modo, que a admiração de Perez por Herzl e Nordau excede a existência d’A *Columna* e, até certo ponto, explica o porquê, mesmo sabendo o que se processava no sionismo europeu, a revista se manteve próxima do sionismo político. O sionismo impresso nas páginas d’A *Columna* é um reflexo direto das escolhas e preferências de Perez.

Max Nordau foi uma referência para Perez desde a sua juventude, não somente enquanto entusiasta sionista e colaborador íntimo de Herzl, mas também como escritor e crítico da sociedade e da civilização ocidental.

A crítica impiedosa da sociedade europeia e, de certa forma, da civilização ocidental no estágio de desenvolvimento que caracterizou o século XIX e as primeiras décadas do XX, que se encontra nos escritos de Nordau, o tornou conhecido também na América Latina, razão pela qual passou a ser colaborador direto da imprensa Argentina, ao mesmo tempo em que seus artigos eram reproduzidos em outros países.⁵⁰

⁴⁹ **Aonde Vamos?** Rio de Janeiro: 9 de junho de 1960.

⁵⁰ FALBEL, Nachnam. **David José Perez: uma biografia**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. p.235.

No Brasil, além de ser conhecido por seus livros *As mentiras convencionais de nossa civilização*⁵¹, *Paradoxos*⁵² e *Degeneração*⁵³, Nordau era colaborador da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, onde publicou, inicialmente, as “Cartas da Alemanha” e, após sua mudança para França, “Cartas de Paris”. Além disso publicou nesse mesmo jornal vários outros textos que versavam sobre política e cultura. Perez parece ter se embebido desses escritos, demonstrando, em certos momentos, conhecer bem a ampla produção de Nordau.⁵⁴ É possível reconhecer na escrita de Perez a ressonância das crenças e apostas do intelectual húngaro como, por exemplo, a de que a humanidade, apesar dos pesares, caminhava em direção à fraternidade, ou ainda, a convicção no poder da ciência e do conhecimento. Mas também é possível encontrar a aspereza e a severidade da crítica à covardia e ao egoísmo daqueles que, mesmo vendo as mazelas que recaem sobre o povo judeu, escolhem a indiferença e a apatia.

No entanto, Nordau não foi o único a ter peso significativo na formulação intelectual de Perez e, por consequência, em suas concepções e visões sobre o mundo. No livro *Judaísmo e Universalismo* (1968), Perez revela sua admiração e proximidade com o pensamento de Augusto Comte e afirma que o positivismo influenciou a educação e a política, possibilitando o florescimento da tolerância e dando base à liberdade humana – liberdade de pensamento e consciência.⁵⁵

Segundo Nachman Falbel, o positivismo de Perez se fundiu com ideias ligadas ao humanismo, inspiradas nos profetas bíblicos, o que, por sua vez, produziu um espiritualismo muito particular que, somado a uma postura laica oriunda, sobretudo, do estudo da história judaica e de sua adesão ao movimento sionista, lhe possibilitou olhar para o passado do povo judeu com uma perspectiva de futuro.⁵⁶

Havia, no mundo de Pérez, uma mescla de concepções e influências que derivavam de sua formação eclética, aberta aos vários segmentos da cultura humana e decorrente de sua leitura e conhecimento das civilizações grega, latina, hebraica e árabe, que o levou a aderir a um humanismo sem fronteira, ainda que condicionado ao seu ser judaico.⁵⁷

⁵¹ Obra publicada originalmente em 1883, teve sua primeira edição lançada no Brasil em 1887, com tradução de M.C. da Rocha.

⁵² Publicado em 1885, traduzido por M.C. da Rocha, ganhou sua primeira edição brasileira pela Laemmert em 1896.

⁵³ Lançado em 1890, a edição mais antiga encontrada por nós data de 1899, também traduzido por M.C. da Rocha.

⁵⁴ Me refiro aqui ao texto publicado na revista *Aonde Vamos?* de 09 de junho de 1960 em que Perez apresenta uma análise substancial dos escritos do Nordau e de seu prestígio no Brasil.

⁵⁵ Perez, David José. **Judaísmo e universalismo**. Rio de Janeiro: ed. Sabedoria, 1969.

⁵⁶ FALBEL, Nachnam. **David José Perez: uma biografia**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

⁵⁷ *Ibidem*. p.241.

Há, ainda, no âmbito de suas relações pessoais fatos que também revelam muito sobre certos posicionamentos de Perez como os embaraços enfrentados diante de seu casamento com uma cristã que significou a ruptura não só com as tradições familiares, mas também com o judaísmo marroquino – caracterizado, entre outras coisas, pela forte dedicação aos preceitos religiosos.

Além de ter tido uma formação plural e de possuir uma visão particular sobre o judaísmo, Perez também fez parte de círculos sociais muito diversificados – como já mencionado no capítulo anterior -, o que, sem dúvida, contribuiu na formulação de uma perspectiva muito particular sobre o sionismo. Sendo assim, como esperar que Perez, tendo uma formação tão ampla e com uma vivência tão múltipla, pudesse se alinhar exclusivamente e estritamente a uma única vertente do sionismo? A partir do breve esboço sobre as principais relações e aproximações teóricas, filosóficas e sociais de Perez, apresentado acima, é possível começar a compreender o porquê o sionismo impresso nas páginas d’*A Columna* é tão particular. Nos parece difícil de considerar a revista associada exclusivamente ao sionismo prático, como também seria de se estranhar se ela se mantivesse circunscrita apenas ao sionismo político.

Perez parece ter elaborado seu próprio sionismo, adaptando-o e mesclando-o com seu forte desejo de ver a concretização de uma comunidade judaica organizada no Brasil. Que fique claro que isso não faz de Perez mais ou menos sionista, ou que seu sionismo seja menos verdadeiro e sincero que qualquer outro. Embora tenhamos a tendência de enxergar o sionismo como um bloco homogêneo, a verdade é que não existe um sionismo, mas, sim, sionismos e o que se apresenta nas páginas d’*A Columnas* é, simplesmente, mais uma possibilidade entre tantas outras.

O sionismo impresso nas páginas d’*A Columna* é, sem dúvida, algo único. Fruto de complexas formulações e adaptações; apresenta, é claro, ambiguidades e ambivalências ao buscar congregar ideias e posicionamentos nem sempre compatíveis. Mas longe de se constituir um problema, a revista apresenta-se enquanto evidência das dificuldades e desafios encontrados ao se tentar plasmar uma ideia ou discurso a uma realidade completamente diversa daquela que lhe deu origem.

Se o projeto sionista, de modo geral, tinha como proposta, entre outros postulados, criar um estado nacional, solucionar o antissemítssimo e, por

consequência encerrar a diáspora, no Brasil tais questões adquiriram outros significados, ou outra densidade.⁵⁸

Seria ingenuidade esperar que o movimento sionista no Brasil apresentasse as mesmas características do europeu ou que tivesse o mesmo rol de preocupações, principalmente, neste momento inicial em que são poucas as instituições e os entusiastas ligados ao movimento. Sendo assim, o que encontramos registrado nas páginas d'A *Columna* não é somente o sionismo particular de Perez, mas também, somado a ele, o limiar entre dois campos de atuação: o ativismo sionista que pressupõe, em última instância, o fim da diáspora⁵⁹; e a defesa da construção de uma comunidade judaica no Brasil que implicaria, por sua vez, pôr um fim à situação provisória ou passageira sob a qual se fazia a vida social, cultural e religiosa dos judeus no país.

3.3 Na fronteira

O sionismo enquanto movimento político, apesar da existência de grupos diversos e das constantes disputas internas, conseguiu manter como centro de suas ações e objetivos alguns pontos em consenso.

[...] a criação de um Estado nacional judaico no território ancestral dos judeus; imigração para a palestina; o idioma hebraico; o fim da diáspora judaica; a formação de uma nova identidade judaica, secular e vinculada a Israel e a solução do antissemitismo, [...].⁶⁰

Trataremos a partir de agora de verificar como tais pontos foram abordados n'A *Columna*, em especial nos textos assinados por David José Perez, e como se configurou o sionismo expresso em suas páginas.

O movimento sionista que aflorou a partir das proposições de Theodor Herzl foi concebido a partir da ideia de hereditariedade direta entre os hebreus que habitavam a Judeia antiga e todos os judeus existentes no mundo moderno, constituindo-se enquanto justificativa

⁵⁸ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p.108.

⁵⁹ Termo utilizado para definir o deslocamento de grandes contingentes populacionais; usado normalmente para referir-se à dispersão do povo judeu pelo mundo.

⁶⁰ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p.87.

para a reivindicação da Palestina.⁶¹ Nas páginas d'A *Columna* a ideia de herança e de direito sobre a Palestina é constantemente reafirmada, valendo-se, inclusive, de menção às datas religiosas⁶² para sustentar os argumentos sobre a volta do povo judeu a seu antigo lar. O pressuposto de reconstituição de uma nação judaica no território da Palestina é apontado, pela revista, como a possibilidade mais segura para dar continuidade às tradições judaicas.

[...] raro é o Israelita que não conhece a nossa desgraçada historia; mas por isso mesmo que a conhecemos e porque o critério racional está indicando o único remedio que é a restauração da Palestina é que devemos congregiar as nossas energias e levar apoio coletivo a esses heroicos paladinos que de alguns annos a esta parte vêm sustentando essa brilhante campanha de regeneração nacional e que constitui o Sionismo politico.⁶³

Embora fosse defendido a criação de um Estado judeu independente no território da Palestina e que tal iniciativa fosse tomada como natural – não havia questionamento de nenhuma espécie sobre as implicações e problemas que tal empreendimento poderia ocasionar. Também não havia nada nas páginas da revista sobre o fim da diáspora, sendo a palavra sequer mencionada.

Ou seja, um Estado judeu é proposto não como meio necessário para dar fim às perseguições e discriminações infringidas ao povo judeu como um todo, mas, sim, a uma parcela específica desse povo - àquela que se encontrava em meio aos tormentos nas nações europeias. Desta forma, nos é dado a entender que a imigração para a formação do futuro Estado judeu não se destinava a todos, mas apenas àqueles que se achavam em condições desfavoráveis. O que, claramente, destoa das diretrizes dadas pelo movimento sionista que encarava a diáspora como sendo uma anomalia e tudo a ela relacionado não passando “de desdobraimento dessa anomalia, que corrompe o judaísmo em sua essência”⁶⁴, e como tal deveria findar-se.

⁶¹ Herzl, em *O Estado Judeu*, cogitou a Argentina como possível local para o futuro Estado judeu, tendo como base de seu argumento os bons resultados obtidos na implementação de algumas colônias agrícolas naquele país. No entanto, tal ideia não encontrou apoio, pois, segundo se argumentou, os judeus não possuíam nenhuma ligação histórica com o continente americano.

⁶² Tisha B'Av, nono dia do mês hebraico de Menachem Av, dia em que os judeus realizam jejum e orações motivados pela lembrança da destruição do Segundo Templo pelos romanos.

⁶³ *A Columna*. Rio de Janeiro. nº14, 02 de fevereiro de 1917. p.19.

⁶⁴ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição. Curitiba: Editora Prisma, 2015. p.90.

O único texto publicado na revista que aborda diretamente a questão da diáspora e, por consequência, a imigração, intitula-se “Galuth”, publicado na edição de novembro de 1916. No texto assinado por Moysés M. Cadji lemos:

Assim, pois, nos sofrimentos que pesam sobre os nossos irmãos, devemos encontrar estímulos para que nosso zelo seja maior e mais estreita a nossa união para que possamos libertar aqueles que se acham sob o peso da dor.⁶⁵

A dor, o sofrimento, é sempre do outro - daqueles que estão sob o jugo de nações opressoras. Cabendo, assim, aos judeus que estão no Brasil lutarem para que seus irmãos tenham uma nação para chamar de lar. Não há uma só linha que incentive ou que cogite a ida de judeus radicados no país para a Palestina ou, ainda, que indique a presença de judeus no Brasil como algo temporário; ao contrário, o país aparece retratado como sendo a “terra prometida”, o lugar em que “todos os cultos se desenvolvem livremente à sombra da auriverde bandeira, símbolo da paz, da justiça e do progresso”.⁶⁶ Ou seja, diferentemente das prerrogativas oficiais do movimento sionista, podemos verificar n’*A Columna* uma valorização da vida na diáspora.

Ainda uma vez accupando a atenção dos meus correligionários, lembro-lhes com satisfação quão gratos devemos ser a esta terra bemdicta do Brasil onde todos gozamos de liberdade e vivemos felizes [...].⁶⁷

Mais interessante ainda é a relação d’*A Columna* com o antissemitismo⁶⁸, que se configura enquanto contraparte do sionismo. Para Herzl

A questão judaica existe por toda parte onde os judeus vivem, por menor que seja o seu número. Onde não existia foi levada pelos imigrantes judeus. Vamos naturalmente aonde não nos perseguem, e aí todavia a perseguição é a consequência do nosso aparecimento. Isso é verdade e permanecerá uma verdade por toda parte [...].⁶⁹

⁶⁵ *A Columna*. Rio de Janeiro. nº 11, 03 de novembro de 1916. p.184.

⁶⁶ *A Columna*. Rio de Janeiro. nº 13, 05 de janeiro de 1917. p.5.

⁶⁷ *A Columna*. Rio de Janeiro. nº 08, 04 de agosto de 1916. p.117.

⁶⁸ Aqui nos referimos ao sentimento antijudaico moderno que se desenvolveu e se intensificou ao longo dos séculos XIX e XX e que tinha causas políticas e não econômicas ou religiosas. Cf.: ARENT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. 1ª edição 1978. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

⁶⁹ HERZL, Theodor. **O estado judeu: ensaio de uma solução da questão judaica**. 1º edição 1896. Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Círculo Bibliófilo Hebraico, 1948-5708. p.42.

Essa era, sem dúvida, a realidade da Europa que deu origem aos *pogroms* e ao caso Dreyfus⁷⁰, mas não condizia com o contexto sociocultural encontrado Brasil nos primeiros anos do século XX. No Brasil, o baixo índice de discursos e práticas antissemitas se deve, segundo Bernardo Sorj, a três fatores principais: valorização do imigrante, sobretudo o imigrante europeu branco; a existência de um convívio pacífico entre adeptos de diferentes religiões; e uma formulação de nação que se volta em direção ao futuro.

Vigou no país durante parte dos séculos XIX e XX uma política migratória que visava atrair para o Brasil pessoas de pele clara; o branco era tipo ideal a ser alcançado e nesse momento os judeus foram aceitos como parte da raça branca e sua presença foi vista como benéfica. Ao menos até a década de 1930, eles eram vistos como parte da solução, e não do problema. Embora a sociedade brasileira fosse racista, ela se definia fundamentalmente como antinegra o que, por sua vez, acabava por não afetar muito outros grupos étnicos.⁷¹ É claro que isso não é suficiente para explicar porque o Brasil não se configurava como um país antissemita. Para Sorj, a ideia de um Brasil “país do futuro” também contribuiu de maneira significativa para explicar a ausência de antissemitismo.

Os modernos Estados nacionais europeus fundamentaram seus mitos de origem em uma ideia de passado glorioso. O Brasil, por outro lado, projetou um futuro glorioso:

Uma sociedade orientada para o futuro é uma sociedade que valoriza o novo e que não tem medo da inovação. O mito de origem do Brasil – que vê a origem dos problemas do país no passado, na escravidão e na colonização lusitana e que acredita que o paraíso não foi perdido, mas que se encontra no futuro - produz uma visão totalmente diferente dos valores de mudança e do estrangeiro.⁷²

A presença do judeu enquanto elemento estrangeiro é considerada benéfica ao desenvolvimento do país.⁷³ Soma-se a isso a diversidade religiosa e o sincretismo que assinala a interpenetração de culturas distintas e que não pressupõe a eliminação do diferente, mas, sim,

⁷⁰ Foi um escândalo político ocorrido na França em finais do século XIX. Alfred Dreyfus - oficial da artilharia do exército francês de origem judaica – foi condenado por alta traição em um julgamento que se mostrou fraudulento ao condená-lo com base em documentos falsos. O caso teve grande repercussão e foi noticiado como a prova de que o antissemitismo se alastrava pela Europa.

⁷¹ SORJ, Bernardo. Sociabilidade brasileira e identidade judaica. In.: BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo**. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.90-109.

⁷² Ibidem. p.96.

⁷³ Importante salientar que essa situação mudou a partir da década de 1930, momento em que vários debates foram travados nos quais se questionava se a presença de judeus, chineses, japoneses e árabes era, de fato, benéfica ao desenvolvimento do país. Cf. LESSE, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

sua absorção. Os três elementos sucintamente expostos acima parecem cobrir parte essencial da explicação sobre a razão da sociedade brasileira apresentar poucos traços antissemitas. Neste sentido, como explicar a divulgação de um discurso sionista nas páginas d'*A Columna* se não há um contraponto a ser combatido? Se não é possível encontrar o elemento antissemita na sociedade brasileira, como convencer os judeus radicados no país da urgência de se criar um Estado judeu?

O antissemitismo encontrado nas páginas d'*A Columna* é o europeu. Nelas são constantemente abordadas as perseguições infringidas aos judeus na Polônia, Romênia e na Rússia. Conta-se em detalhes as restrições, o sofrimento e as humilhações impostas ao povo judeu.

Informam-nos de fonte segura:

Do fundo da sua desgraça os judeus da Polónia, perseguidos pelos russos, lançaram um comovente apelo aos seus irmãos de crença [...]. Queixam-se da barbaria russa e citam uma série de crueldades cometidas pelos seus perseguidores. Assim, no 'dia de propiciação' (Kipur) os russos retiraram doze judeus da casa de oração e os enforcaram. Dispersaram a tiros de metralhadoras, em Zamosza, uma comissão judaica que foi recebe-los. Em Senua reuniram todos os homens e crianças judias, prenderam todos, violaram as mulheres e saquearam todas as propriedades judaicas.⁷⁴

A partir da concepção de que todo judeu compõe um único povo que excede as fronteiras nacionais, a revista busca, por meio da comoção e do apelo sentimental, convencer os judeus radicados no Brasil a se empenharem na causa sionista como meio de garantir que seus “irmãos” não mais sejam vítimas do antissemitismo que se expande por toda Europa. A maior parte dos judeus radicados no Brasil no início do século XIX, sobretudo, no Rio de Janeiro – como já explorado neste trabalho - era de imigrantes; muitos deles conheceram de perto o preconceito e a segregação, mas essa já não era sua realidade. *A Columna* assumiu, então, a função de lembrá-los constantemente do compromisso e do dever moral para com o seu povo.

No Brasil, daqueles idos, não havia a necessidade de se solucionar o antissemitismo, logo não havia porque falar ou incentivar uma nova imigração para outro país ou mesmo para a região onde se constituiria o Estado imaginado, isso porque “a pequena ocorrência de discriminação não representou perigo real e não alterou a vida e nem o cotidiano dos populações

⁷⁴ *A Columna*. Rio de Janeiro: n°8, 04 de agosto de 1916. p.113

judaicas estabelecidas no país.”⁷⁵ Os poucos casos retratados pela *A Columna* que poderiam ter sido utilizados - senão para falar em antissemitismo -, ao menos, para mostrar um certo preconceito existente na sociedade brasileira em relação ao judeu, foram abordados como incidentes, fruto do desconhecimento, e não como discriminação. O antissemitismo apresenta-se na revista enquanto elemento distante e externo, contribuindo muito pouco na qualidade de argumento de legitimação da presença e importância do sionismo no Brasil.

Dentre os preceitos defendidos pelo movimento sionista que também aparecem n’*A Columna* está a defesa do sionismo como a única forma de solapar as fronteiras existentes entre os judeus, sejam elas linguísticas, religiosas ou ligadas às nações de origem. O sionismo se apresenta, assim, como sinônimo de judaísmo que propunha unificar as diferentes tendências no interior de uma mesma cultura de configuração nacional:

Utilizando recursos materiais e simbólicos, o projeto sionista valeu-se e seguiu como referência tanto o passado remoto e mítico, quanto o futuro, ou seja, se pautou na origem e no destino do povo judeu, dando maior ênfase, entre outros elementos constituintes das identidades nacionais, às origens e à continuidade dessa comunidade nacional, [...].⁷⁶

A Columna adotou, assim, um discurso unificador, buscando evidenciar o que havia de comum – os aspectos ligados à história, memória e religião – ao mesmo tempo que projetava um futuro pelo viés sionista; ou seja, a fundação de um Estado judeu independente era tida como certa e inevitável. O objetivo era forjar uma unidade e para isso usou extensivamente termos como “povo judeu”, “povo de Israel”, “nosso povo”, “filhos de Israel”, “nossa raça” e “mundo hebreu”, de modo a estabelecer uma ligação entre todos os judeus e conceder um sentido de pertencimento a algo maior. Ao mesmo tempo que a diferença era silenciada.

Não há qualquer menção aos grupos existentes, não se fala em sefarditas e asquenazes, em judeus ortodoxos, reformistas, assimilacionistas ou a qualquer outro segmento. Pouquíssimas são as menções à existência dessa diversidade; ela aparece muito pouco, sobretudo, quando se fala das dificuldades para se organizar uma comunidade judaica no Brasil, mas sempre é apresentada como algo superficial e passageiro. Prevalece nas páginas d’*A Columna* a imagem de homogeneidade.

⁷⁵ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição. Curitiba: Editora Prisma, 2015. p.111.

⁷⁶ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. 1ª edição. Curitiba: Editora Prisma, 2015. p.92.

Apesar da revista idealizada por Perez ter procurado estabelecer uma unidade, enfatizando as similaridades ao mesmo tempo que lançava às sombras a diversidade, ela acabou, talvez sem perceber, estabelecendo uma diferenciação de outro tipo. *A Columna* apresenta em suas páginas dois grupos distintos, um “nós” composto pelos judeus que estão no Brasil e um “eles” referindo-se a todos os outros que não estavam no país. Mais do que isso, a revista usa, com alguma frequência, a ideia de judeu brasileiro, o que evidencia certa aproximação e identificação entre esse grupo e a sociedade brasileira. Ademais, os membros da redação d’*A Columna* parecem apresentar um alto grau de integração à sociedade brasileira, fato esse que talvez explique porque é tão difícil localizar na revista, apesar de seu discurso sionista, os elementos e símbolos que remetam a uma identidade de caráter nacional atrelada ao futuro Estado judeu.

Encontramos, é claro, menções à necessidade do ensino de hebraico, mas são poucas, e, principalmente, nas últimas edições, tratando-se, invariavelmente, de reproduções de textos publicados em jornais europeus. Com relação ao hino sionista, ele foi publicado em duas ocasiões apenas. O uso da bandeira sionista em eventos divulgados pela revista é bastante curioso, ela sempre aparece lado a lado à bandeira brasileira. Uma dessas ocasiões é assim narrada na revista:

As bandeiras nacional e sionista desfraldadas ao sopro de suave brisa abriram o préstito. [...] as quatro horas, pouco mais ou menos, principiou a execução do programa. Os meninos cantaram o Hymno à Bandeira, e em seguida, o Hymno Sionista, em hebraico.

A princípio pode parecer algo de pouca importância o uso das duas bandeiras já que os judeus radicados no Brasil sempre tiveram a preocupação de demonstrar sua gratidão e respeito pelo país que os acolheu. No entanto, o que encontramos n’*A Columna* parece ir além da simples gratidão. Há em alguns textos, inclusive aqueles de teor sionista, demonstração de reverência à nação brasileira. Não é difícil encontrar expressões como “viva a nação brasileira”, “Bendita seja a terra brasileira”, “bondosa e protetora república brasileira”, “Gloriosa nação brasileira”. Tal prática nos dá indícios de que há n’*A Columna* um discurso que busca congregar duas ideias, de princípios opostos; de um lado, temos o conteúdo sionista que pretende despertar o sentimento nacional em relação ao Estado judeu imaginado e, do outro, a imagem, a figura de um Brasil, delineado como nação hospitaleira, amigável e acolhedora.

Contradição? Não nos parece que seja o caso. O discurso impresso nas páginas d’*A Columna*, embora apresente ambiguidades é fruto de um ambiente sociocultural único. A

sociedade brasileira do início do século XX ofereceu pouca resistência ao imigrante judeu, não havia restrição de nenhuma ordem. Assim, esse grupo de indivíduos pode, sem preocupação, integrar-se à vida social e econômica do país. O sionismo d'A *Columna*, moldado por essa realidade, parece originar-se de um sentimento de culpa oriundo do fato de serem os judeus que vivem no Brasil privilegiados em relação aos que estão na Europa.

O sionismo d'A *Columna* se configura um sionismo particular, não só porque é fruto de uma compilação de preceitos e das muitas inclinações do Perez, mas também porque apresenta características próprias. Há, é claro, elementos que se assemelham às demandas e prerrogativas do sionismo europeu; no entanto, a revista nos oferece sua própria interpretação dessas demandas, propondo, assim, algo novo - não é o sionismo europeu, mas também não é só demanda local, é uma combinação dos dois e um pouco mais.

A criação de um Estado nacional judeu não era uma necessidade vital para o judeu radicado no Brasil, tratava-se muito mais de uma questão ligada à uma ideia de dever para com seu povo. Ao buscar dialogar com os vários grupos e segmentos de judeus que aqui estavam, tendo em vista o despertar o sentimento nacional judaico, A *Columna* acabou, na verdade, não projetando elementos identitários vinculados ao sionismo, mas, sim, propagando a ideia de judeu brasileiro. O sionismo propalado nas páginas da revista funcionou como elemento de aproximação e articulação entre vários agrupamentos, mas não parece ter sido suficientemente incisivo a ponto de colocar-se enquanto elemento identitário primordial, pelo menos não nesse momento inicial do movimento sionista no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Columna* encerrou suas atividades em dezembro de 1917, em seu último número consta apenas uma pequena nota informando o leitor sobre a pausa na publicação. Embora a nota afirmasse ser a interrupção algo temporário, nenhum outro número da revista foi editado e quase nada sabemos sobre o que teria ocasionado o fim do periódico. Ao vasculhar as correspondências de Perez nos deparamos com um verdadeiro silêncio, nos meses que se sucederam à interrupção da edição da revista não encontramos nada que revelasse o que teria acontecido. Apenas anos mais tarde o idealizador da revista escreveria sobre o ocorrido. Em setembro de 1919, quase dois anos após o encerramento da publicação, Perez escreveu uma carta a um amigo. Em tom de desabafo e decepção fala da laboriosa e penosa tarefa de se publicar um periódico judaico em um meio tão heterogêneo, no entanto, apesar das penúrias e dificuldades de toda ordem considerava a simples existência d'A *Columna* como algo significativo. E nos parece que Perez estava correto em seu diagnóstico.

Assim como muitos outros periódicos surgidos nas primeiras décadas do século XX, A *Columna* teve uma vida relativamente curta. Embora não saibamos ao certo, podemos atribuir seu fim às dificuldades financeiras, aos problemas com a entrega dos exemplares e, talvez, o fator mais importante, ao pouco domínio do português por parte dos imigrantes judeus recém-chegados. No entanto, a existência de um periódico judaico em língua portuguesa, o único do seu gênero na época, exerceu um papel importantíssimo dentro e fora do núcleo judaico do Rio de Janeiro. A publicação da revista possibilitou a abertura de um canal de diálogo com setores notáveis da sociedade brasileira – imprensa, instituições educacionais e órgãos públicos. Além disso, o impresso possibilitava, pela primeira vez, a construção de uma imagem positiva do judeu no Brasil, desvinculando-o das práticas e ações moralmente questionáveis.

Contudo, é no tocante ao núcleo judaico que podemos localizar as atuações mais significativas d'A *Columna*. Ao revelar a existência de uma núcleo imigrante heterogêneo e desarticulado com pouco ou quase nenhum contato entre seus membros, a revista colocou em debate esta condição da colônia, tomando para si a tarefa de incitar os imigrantes a se unirem e a organizarem uma vida comunitária que fosse capaz de suprir as necessidades políticas, sociais, educacionais, culturais e religiosas. Embora seja difícil mensurar com precisão o impacto dessa proposta, é possível ter um vislumbre ao analisarmos as cartas reproduzidas nas páginas do periódico - há muitas reações de surpresa e gratidão no tocante às notícias de pequenos grupos residentes em cidades do interior do Brasil ou tocante ao fato da revista evidenciar que apesar

de estarem os pequenos grupos vivendo isolados uns dos outros, existia no país um número de judeus muito mais significativo do que era sabido à época. Podemos assim, afirmar que *A Columna* não só deu visibilidade aos pequenos agrupamentos que viviam espalhados pelo país ao publicar notícias sobre suas vivências, mas também possibilitou o estabelecimento de um canal de contato e diálogo entre os núcleos imigrantes das grandes cidades - Rio de Janeiro e São Paulo - com os do resto do país. Ademais, na então Capital Federal, a revista se colocou como interlocutora entre os vários segmentos, tendo em vista a formação de uma unidade e, por consequência, de uma comunidade organizada.

Ao que se refere ao sionismo, *A Columna* se destaca não só por ser o primeiro meio impresso a divulgar e defender o nacionalismo judaico no Brasil, mas, sobretudo, por imprimir um sionismo muito particular. Embora tendamos a enxergar este discurso como sendo uníssono, a verdade é que o movimento sionista se constituiu de uma heterogeneidade, não havendo um sionismo, mas, sim, sionismos. O que encontramos nas páginas da revista é um discurso sionista que reflete, e muito, as inclinações, preferências e vivências de seu idealizar e editor chefe, David José Perez.

Perez elaborou seu próprio sionismo que, embora tenha guardado relação com o sionismo europeu, foi nutrido pela grande admiração por Nordau e Herzl enquanto intelectuais e líderes com um enorme senso de dever para com o povo judeu. Mas, dado que quase não havia presença de práticas antissemitas no Brasil, certas pautas e demandas amplamente debatidas na Europa – fim da diáspora e imigração para as terras da Palestina – não apareceram nas páginas da revista de forma explícita. Ao buscar dialogar com os vários grupos e segmentos de judeus, tendo em vista divulgar o sionismo e sua importância, *A Columna* acabou por ajudar a implementar a ideia de judeu-brasileiro, em evidência que os judeus radicados no Brasil estavam inseridos em uma sociedade que não só não lhes era hostil, mas lhes possibilitava integrarem-se a ela. Assim, o sionismo propalado nas páginas da revista funcionou muito mais como um elemento de aproximação e articulação entre vários agrupamentos, mas não parece ter sido suficientemente incisivo a ponto de definir-se como elemento identitário primordial.

Por vezes foi difícil separar a figura de David José Perez do discurso impresso nas páginas da revista, nos parecendo, em certos momentos, que a revista se configurava quase materialização, em papel e tinta, das opiniões e inclinações de seu idealizador. É, sem dúvida, a voz de Perez que ecoa quando lemos *A Columna*. No entanto, é importante dizer que o fim da revista não significou o fim da vida pública de Perez, ele continuou escrevendo artigos em diversos jornais judaicos e não-judaicos, sobretudo, na imprensa carioca. Em 1923, juntamente com Jacob Schneider, fundou um outro periódico sionista, *Correio Israelita*. Perez também

lecionou nos principais colégios e faculdades do Rio de Janeiro, tendo participação direta na fundação da Confederação do Professorado Brasileiro e foi presidente desta instituição entre os anos de 1927 e 1930. Ajudou a fundar o Sindicato dos Professores do Ensino Secundarista e Comercial do Distrito Federal (1931), ocupou a cadeira José Ventura Bôscoli na Academia Brasileira de Filologia, fez parte da comitiva que recepcionou Albert Einstein quando de sua visita ao Rio de Janeiro (1925), auxiliou na fundação de organizações sionistas e instituições filantrópicas em diversas regiões do país, e atuou como tradutor e advogado. Assim, podemos afirmar que *A Columna* se configura como um primeiro momento no interior de uma longa trajetória construída dentro e fora do núcleo judaico.

Por fim, o que pretendemos com o presente trabalho foi colocar *A Columna* em evidência, buscando enfatizar seu caráter único e suas ambivalências, no intuito de compreender qual teria sido seu papel enquanto propositora de uma formulação identitária para os imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro em princípios do século XIX. Mesmo diante das limitações e possíveis falhas dessa pesquisa, esperamos ter contribuído, para a ampliação do conhecimento acerca da história da imprensa judaica e do movimento sionista no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Correspondências

EZAGUE, Augusto. [carta] 05 de dezembro de 1916, Itacoatiara-AM. [para] PEREZ, David José, Rio de Janeiro. 2f. Lista de assinantes. In.: **Arquivo histórico Judaico Brasileiro**, acervo pessoal 108 – David José Perez.

ISRAEL, Salomão B. [carta] 28 de maio de 1916, Manacapuru-AM. [para] PEREZ, David José, Rio de Janeiro. 1f. atraso na entrega dos exemplares. In.: **Centro de Documentação da UFRRJ** – acervo David José Perez.

MARTINS, T. [telegrama] s/d, Pará. [para] PEREZ, David José, Rio de Janeiro. 1f. Recebimento de 50 exemplares. In.: **Centro de Documentação da UFRRJ** – acervo David José Perez.

MEIRELLES, José Ribeiro Ferreira de. [carta] 12 de janeiro de 1917, Rio de Janeiro - DF. [para] David José Perez, Rio de Janeiro. 1f. Agradecimento pelo envio de exemplares. In.: **Centro de Documentação da UFRRJ** – acervo David José Perez.

Periódicos

Allgemeine Zeitung des Judentums (AZJ), 16 de janeiro de 1903.

Anuario Estatístico do Brazil. 1º anno (1908-1912), V.III. Cultos, Assistencia, Repressão e Instrução. Rio de Janeiro: Typographia da Estatistica, 1927.

Aonde Vamos? Rio de Janeiro. 9 de junho de 1960.

A Columna, Rio de Janeiro. n.º 1, 14 de janeiro de 1916.

A Columna, Rio de Janeiro. n.º 2, 04 de fevereiro de 1916.

A Columna. Rio de Janeiro. n.º 4, 07 de abril de 1916.

A Columna. Rio de Janeiro. n.º 5, 05 de maio de 1916.

A Columna. Rio de Janeiro. n.º 6, 02 de junho de 1916.

A Columna. Rio de Janeiro. n.º 7, 07 de julho de 1916.

A Columna. Rio de Janeiro. n.º 8, 04 de agosto de 1916.

A Columna. Rio de Janeiro. n.º 11, 03 de novembro de 1916.

- A Columna.** Rio de Janeiro. nº 13, 05 de janeiro de 1917.
- A Columna.** Rio de Janeiro. nº 14, 02 de fevereiro de 1917.
- A Columna.** Rio de Janeiro. nº15, 02 de março de 1917.
- A Columna.** Rio de Janeiro. nº 17 e 18, 04 de maio e 01 de junho de 1917.
- A Columna.** Rio de Janeiro: nº 20, 3 de agosto de 1917.
- A Columna.** Rio de Janeiro. Nº 21,22,23 e 24, set. out., nov. e dez. de 1917.
- A Noite:** Rio de Janeiro. 30 de outubro de 1916.
- A Noite:** Rio de Janeiro. 02 de novembro de 1916.
- A Rua:** semanário ilustrado. Rio de Janeiro. 14 de janeiro de 1916.
- A Rua:** semanário ilustrado. Rio de Janeiro. 27 de setembro de 1917.
- A Rua:** semanário ilustrado. Rio de Janeiro. 29 de setembro de 1917.
- A UNIVERSAL – revista das revistas.** Rio de Janeiro. Tomo de 1902, Nº 53, V.03, ANO II.
- Correio da Manhã.** Rio de Janeiro. 06 de novembro de 1916.
- Gazeta de Notícias.** Rio de Janeiro. 13 de maio de 1917.
- O Paiz.** Rio de Janeiro. 26 de março de 1896.

Referências Bibliográficas

- ARENT, Hannah. **Origens do totalitarismo.** 1ª edição 1978. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956).** Curitiba: Editora Prisma, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Tradução de Plínio Dentzien, 1ª edição 2001, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In.: SORJ, Bila (Org.). **Identidade judaica no Brasil contemporâneo.** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. p.25-53.

BRUMER, Anita. A identidade judaica. In.: SLAVUTZKY, Abrão. (org.). **A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p.176-191.

_____. Entre a comunidade e a sociedade: as múltiplas afiliações identitárias dos jovens judeus brasileiros. In.: **Seminário de Pesquisa sobre temas judaicos**. Instituto Judaico Marc Chagal: PEJ/EURJ, 2005.

BYTSENKO, Anastassia. **Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX**. Dissertação (mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.134. 2006.

CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. Série Brasil Judaico v.2.

CHERMONT, Lucia. **Imprensa em língua Iídiche no Brasil**. Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/imprensa-em-lingua-iidiche-no-brasil/> acesso em: 20 de março de 2018.

Constituição Política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824. Disponível em Presidência da República. Casa Civil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro: Semente, 1984. V.1.

ESCUDEIRO, Camila. **Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos *Mundo Lusíada* e *Albora***. Dissertação (comunicação social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, p.215, 2007.

FALBEL, Nachman. **Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil**. São Paulo: Planimpres, 1984.

_____. **Jacob Nachbin**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Identidade judaica, memória e a questão dos indesejáveis no Brasil. In.: SLAVUTZKY, Abrão (org.). **A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre-RS: Artes e Ofícios, 1998. p.215-264.

_____. **David José Pérez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. A imprensa iídiche como fonte para o estudo da história dos judeus no Brasil. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.41-52.

_____. Uma colonização judaica no interior de São Paulo. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.211-267.

_____. A Religião e a imigração israelita no Brasil. In.: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p.283-297.

_____. Contribuições dos imigrantes israelitas ao desenvolvimento brasileiro. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p. 441-447.

_____. Jacob Schneider e a comunidade judaica no Brasil. In: **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008. P.601-632.

_____. **Estrelas Errantes: memórias do teatro ídiche no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

_____. **Os sefaraditas e o início da imprensa judaica no Brasil**. Mundo Judaico, Edição 19, dezembro de 1997. Disponível em: <www.morasha.com.br/conteudo/ed_anteriores/ed19/sefaraditas.htm> acesso em: 08 de janeiro de 2017.

FRIDMAN, Fania. Judeus franceses no Rio de Janeiro do século XIX. In.: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Org.). **Franceses no Brasil, séculos XIX e XX**. São Paulo: UNESP, 2009, p.175-190.

_____. **Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007.

GHERMAN, Michel. **O início do sionismo no Brasil: ambiguidades da história**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018.

GRIN, Monica; VIEIRA, Nelson (Org.) **A experiência judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

GRIN, Monica; GHERMAN, Michel. **Identidades ambivalentes: desafios aos estudos judaicos no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

GRINBERG, Keila; LIMONCIC, Flávio. **Judeus cariocas**. Rio de Janeiro: Cidade viva; Instituto Cultura Cidade Viva, 2010.

GRÜN, Roberto. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In.: FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América – A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2000.

HERZL, Theodor. **O estado judeu: ensaio de uma solução da questão judaica**. 1º edição 1896. Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Círculo Bibliófilo Hebraico, 1948 [5708].

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de Máscaras: mulheres judias e a prostituição: as polacas e suas Associações de Ajuda Mútua**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres, 1ª edição 1999. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LEWIN, Helena. A economia errante: a inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro. In.: AMÂNCIO, Moacir (org.). **Ato de presença – homenagem a Rifka Benezin**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. p.297-322.

LISSOVSKY, Alexandre. **2000 anos depois: o renascimento de Israel**. 1ª edição 1967. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. SciELO Books.

LOZINSKY, Saàdio. **Memórias da imigração- reminiscências e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1997.

MALAMUD, Samuel. **Do arquivo e da memória: fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial**. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

_____. **Recordando a Praça Onze**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988.

_____. **Documentário: contribuições à memória da comunidade judaica brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

MIZRAHI, Rachel. **Imigrantes judeus do Oriente Médio – São Paulo e Rio de Janeiro**. São Paulo: Ateliê editorial.

PEREZ, David José. **Judaísmo e universalismo**. Rio de Janeiro: Editora Sabedoria, 1969.

PINSKY, Jaime. **Origens do nacionalismo judaico**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

RIBEIRO, Paula. um estudo sobre etnicidade e cultura urbana. In: LEWIN, H., coord. **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p.188-198.

_____. **Cultura, memória e vida urbana: judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920-1980)**. Tese (doutorado em História Social) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, p.303. 2008.

RIO, João do (Paulo Barreto). **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1976.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu: da bíblia ao sionismo**. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011.

SCHLESINGER, Hugo. **Pequeno ABC do pensamento judaico**. São Paulo: Editora B'nai b'rith, 1969.

SMITH, Anthony D. **Identidade Nacional**. 1ª edição 1991. Tradução de Cládia Brito. Portugal; Lisboa, 1997.

SORJ, Bernado. Sociabilidade brasileira e identidade judaica. In.: BONDER, Nilton; SORJ, Bernado. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo**. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.p.90-109.

TERDIMAN, Esther Wajskop. **Imprensa ídiche em São Paulo: vivências e dinamismo. A Gazeta Israelita de São Paulo**. Dissertação (mestrado Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.222. 1997.

VIEIRA, Nelson H. (org.) **Construindo a imagem do judeu**. Tradução de Alexandre Lissovsky, Elizabete Lissovsky. 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

VELTMAN, Henrique. **A história dos judeus em São Paulo**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988.

_____. **A história dos judeus no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Expressão Cultura, 1998.

WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. **Judeus nos primórdios do Brasil república**. Rio de Janeiro: Biblioteca Israelita H. N. Bialik, Centro de Documentação, 1981.

_____. **Participações e contribuições de judeus ao desenvolvimento do Brasil**. Rio de Janeiro: [s/n], 1985.

_____. **Guia histórico-sentimental judaico carioca**. Rio de Janeiro: ERCA, 1987.

ZWEIG, Stefan. **Theodor Herzl, o mentor: um ensaio**. Rio de Janeiro, Expresso Zahar, 2014. [Ebook Kindle].